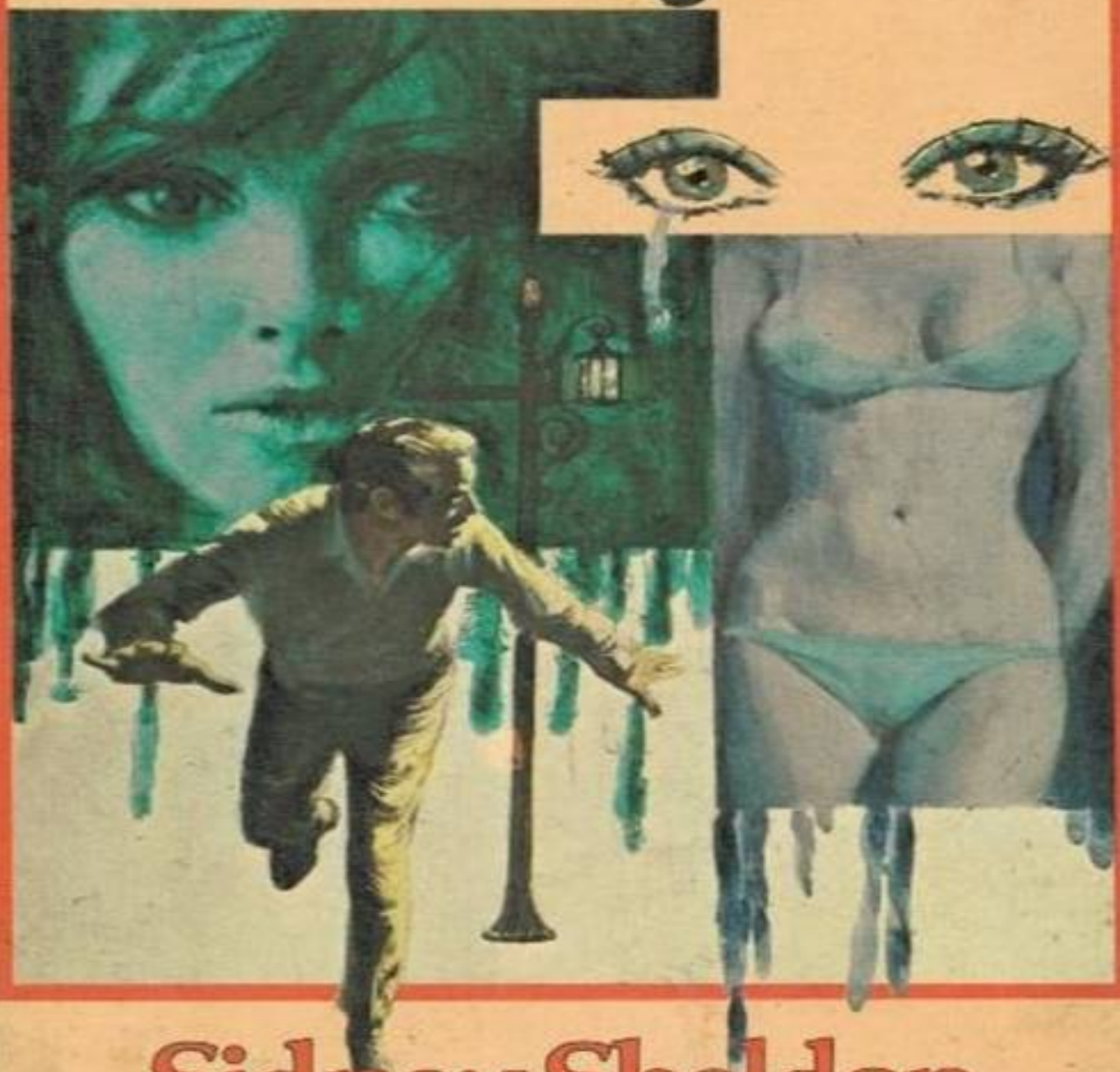
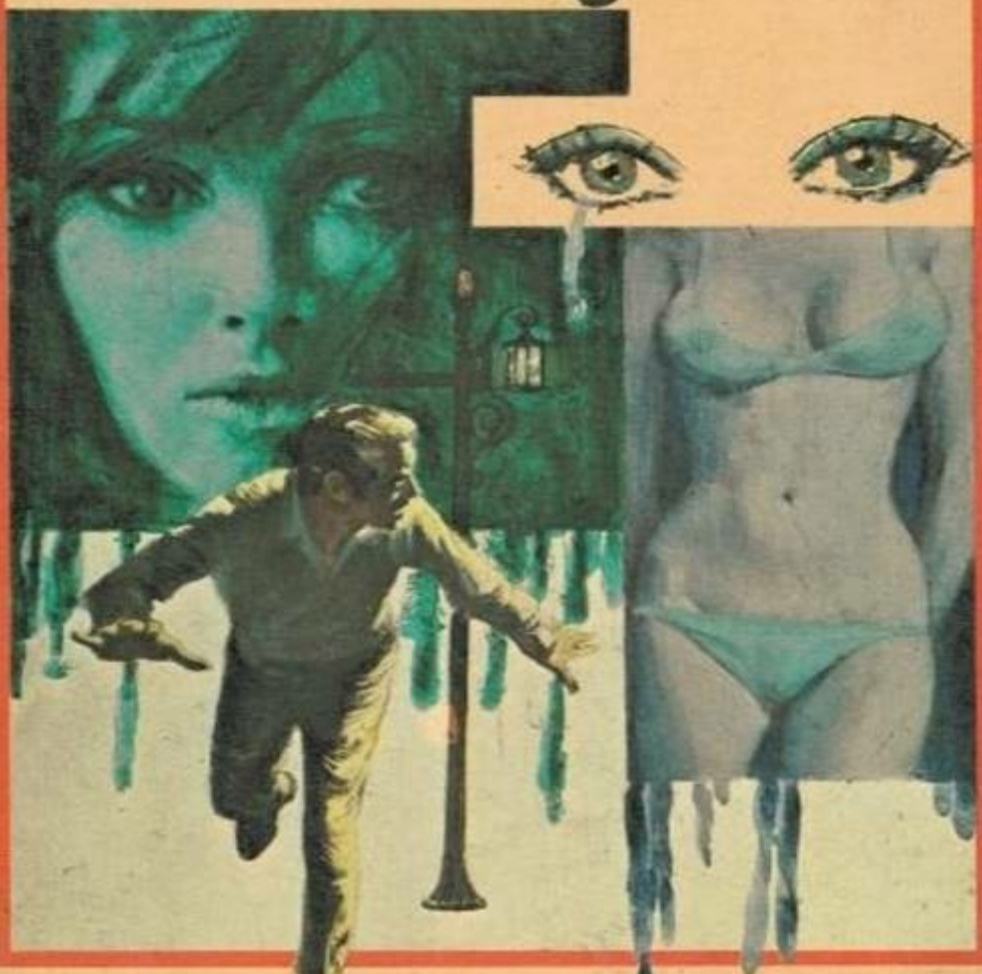
A outra face



Sidney Sheldon

A outra face



Sidney Sheldon

Sidney Sheldon

A Outra Face

Título original: The Naked Face

1970
18ª Edição

Judd Stevens é um psicanalista que subitamente se torna vítima de uma estranha conspiração.

Vários crimes ocorrem ao seu redor e ele suspeita de que seja ele próprio o verdadeiro autor dos assassinatos. Mas seria essa a verdade ou ele estaria começando a sofrer de paranóia, matando as vítimas em momentos de privação de sentidos?

O que quer que fosse, Judd Stevens tinha que encontrar a verdade. Em si mesmo ou nos outros.

Estaria a verdade em John Hanson, um homem casado, pai de três filhos, dominado por uma invencível compulsão para o homossexualismo?

Estaria a verdade em Teri Washburn, outrora grande estrela de Hollywood, ninfomaníaca que ocultava um crime terrível em seu passado?

E o que dizer de Anne Blake, jovem, meiga e linda paciente por quem Judd Stevens se apaixonara, mas sobre a qual quase nada sabia?

Talvez a verdade fosse encontrada em Harrison Burke, paranóico com tendências homicidas, vice-presidente de uma poderosa empresa de âmbito internacional.

E quem seriam os misteriosos assassinos? Amadores? Profissionais? Gente da Costa Nostra? Em busca da verdade Judd Stevens enfrenta todos os perigos, num crescendo de emoção que só o autor como Sidney Sheldon nos poderia proporcionar.

as mulheres da minha vida: Jorja, Mary e Natalie

Capítulo 1

Faltavam dez minutos para as onze horas da manhã quando o céu explodiu numa chuva de confeites brancos, que rapidamente estendeu uma mortalha branca sobre a cidade. A neve macia se esparramou pelas ruas já congeladas de Manhattam, cobrindo-as com um lençol acinzentado. O vento frio de dezembro fustigou os que faziam as compras de Natal, obrigando-os a procurar refúgio em suas casas e apartamentos.

Em Lexington Avenue, um homem alto e magro, metido numa capa de chuva amarela, deslocava-se no meio da apressada multidão de Natal, mas num ritmo próprio. Ele caminhava rapidamente, mas seus passos não eram frenéticos como os dos outros transeuntes, que procuravam escapar ao frio. Estava com a cabeça levantada e parecia alheio às outras pessoas, que volta e meia nele esbarravam. Estava livre depois de uma vida de purgatório, e ia para casa, para dizer a Mary que tudo acabara. O passado ia enterrar seus mortos e o futuro era brilhante e promissor. E ele pensava no rosto de Mary, radiante quando ele lhe contasse as boas-novas. Ao chegar à esquina da Rua 59, o sinal mudou para vermelho e ele parou, com a multidão impaciente. A poucos passos estava um Papai Noel do Exército da Salvação, junto a um enorme caldeirão. O homem meteu a mão no bolso para pegar algumas moedas e ofertá- las aos deuses da sorte. Nesse mesmo instante alguém bateu-lhe nas costas, um golpe súbito e doloroso, que se espalhou por todo o seu corpo. Era algum bêbado de Natal excessivamente entusiasmado, procurando demonstrar a sua cordialidade para com o mundo.

Ou então Bruce Boyde, que nunca compreendera a força que tinha e jamais perdera o hábito infantil de magoá-lo fisicamente. Mas ele não via Bruce há mais de um ano. O homem alto e magro tentou virar a cabeça para ver quem lhe batera nas costas. Foi nesse momento que percebeu, espantado, que seus joelhos estavam começando a se dobrar. Em câmara lenta, como se estivesse a observar a si próprio à distância, ele viu seu corpo cair na calçada. A dor nas costas era intensa e se irradiava pelo resto do corpo. Ele começou a sentir dificuldade em respirar. Diante do seu rosto havia um desfile de sapatos, que pareciam animados por uma vida própria. Começou a sentir o rosto entorpecido pelo frio da calçada. Sabia que não deveria ficar ali deitado. Abriu a boca para pedir a alguém que o ajudasse, e uma torrente quente e vermelha por ela escorreu, misturando-se com a neve semiderretida. Ele ficou observando, fascinado e aturdido, o rio vermelho avançar pela calçada e desaparecer na sarjeta. A dor estava pior agora, mas ele não lhe deu a menor importância, ao se recordar subitamente da boa notícia que levava para Mary.

Ele estava livre. E ia dizer a Mary que estava livre. Fechou os olhos, contra a brancura ofuscante do céu. A neve começou a se transformar em granizo, mas ele não o mais podia

sentir coisa alguma.

Capítulo 2

Carol Robert ouviu a porta da sala de recepção abrir e fechar e os homens entrarem. E antes mesmo de levantar os olhos já sabia o que eles eram. Eram dois. Um tinha quarenta e poucos anos e era grande, com mais de 1,90 metros, muito forte. A cabeça era imensa, com olhos azuis fundos e glaciais, a boca contraída numa expressão de cansaço e sem qualquer cordialidade. O outro era mais jovem. Tinha feições delicadas e sensíveis, olhos castanhos e alertas. Os dois pareciam completamente diferentes, mas para Carol era como se fossem gêmeos idênticos.

Eram tiras. Era a isso que cheiravam. Quando se aproximaram de sua mesa, Carol sentiu gotas de suor escorrerem por suas axilas, apesar do escudo antitranspirante. Freneticamente, sua mente rebuscou todas as áreas traiçoeiras em que era vulnerável. "Chick? Oh, não, hámais de seis meses que ele não se metia em encrencas"! Desde aquela noite no apartamento dele, quando Chick a pedira em casamento e prometera largar a quadrilha.

"Sammy? Ele estava no exterior, na Força Aérea. Se algo tivesse acontecido ao seu irmão", não mandariam dois tiras levar-lhe a notícia. não, eles tinham vindo até ali para agarrá-la ". Ela tinha erva na bolsa e um miserável a denunciara. Mas porquê dois? Carol disse a si mesma que eles não podiam pegá-la assim, sem mais nem menos. Ela não era mais uma garota negra do Harlem que os tiras prenderiam quando bem desejassem. Isso pertencia ao passado. Ela era agora a recepcionista de um dos maiores psicanalistas do país. Mas entrou em pânico. não perdera ainda a lembrança terrível dos muitos anos que passara escondendo-se em casas de cômodos fedorentos e apinhadas, enquanto a Lei dos brancos arrombava a porta e levava um pai, uma irmã ou um primo. Mas Carol não deixou que a perturbação que sentia transparecesse em seu rosto.

A vista, tudo o que os dois detetives puderam ver foi uma jovem negra, num elegante vestido bege. A voz de Carol era fria e impessoal quando indagou:

- Posso ajudá-los em alguma coisa?

O Tenente Andrew McGreavy, o mais velho dos dois, percebeu a mancha de suor aumentar sob a axila de Carol. Automaticamente ele classificou a informação como interesse, para algum uso futuro. A recepcionista do médico estava tensa. McGreavy tirou a carteira com o emblema pregado na imitação de couro rachada pelo uso.

- Tenente McGreavy, do 19º Distrito.

Ele sacudiu a cabeça na direção do companheiro e acrescentou:

- Detetive Angeli. Somos da divisão de Homicídios. "Homicídios"? - um músculo do braço de Carol começou a tremer, involuntariamente. "Chick! Ele matara alguém. Quebrara a promessa que lhe fizera e voltara para a quadrilha, praticara um assalto e atirara em alguém ou... Será que fora ele quem levara o tiro? Estaria morto? Era isso que tinham vindo dizer- lhe?", - pensou. Carol sentiu a mancha de suor aumentando. E subitamente ela compreendeu que McGreavy percebera a mancha de suor, apesar de estar olhando para o rosto dela. Carol e os McGreavys desse mundo não precisavam de palavras. Eles se reconheciam mutuamente à primeira vista. Afinal, há centenas de anos que se conheciam.

- Gostaríamos de falar com o Dr. Judd Stevens - disse o detetive mais jovem.

A voz era gentil e polida, combinando com a sua aparência. Carol notou pela primeira vez que ele segurava um pequeno embrulho, o papel pardo preso por um barbante. Carol levou um longo momento para compreender plenamente as palavras dele. "Então não era Chick... Nem Sammy... Nem a erva"!

- Lamento - disse ela, sem conseguir disfarçar inteiramente o seu alívio -, mas o Dr. Stevens está agora com um paciente.

- Vamos tomar-lhe apenas alguns minutos - disse McGreavy. - Queremos apenas fazer-lhe algumas perguntas.

Ele fez uma pausa e acrescentou, a voz incisiva:

- Pode ser aqui ou lá na delegacia.

Carol ficou aturdida. "Mas que diabo dois detetives da Divisão de Homicídios podiam querer" falar com o Dr. Stevens? O que quer que a polícia pudesse pensar, o Dr. Stevens não fizera absolutamente nada de errado. Ela o conhecia bem para ter certeza disso. Há quanto tempo fora? Quatro anos ". Tudo começara no tribunal noturno...".

Eram três horas da madrugada e a luz fraca do tribunal esparramava sobre todos uma palidez doentia. A sala era velha e cansada, indiferente, saturada de cheiro rançoso do medo, que ali se acumulava ao longo dos anos com demãos de tinta descamadas.

Era muito azar de Carol que o Juiz Murphy estivesse novamente de plantão. Ela fora levada à presença dele apenas duas semanas antes, conseguindo escapar com um sursis. Sua primeira condenação. Ou seja, a primeira vez que os tiras miseráveis tinham-na agarrado. Ela sabia que, desta vez, o juiz não iria perdoá-la.

O caso em julgamento antes de Carol estava quase terminado. Um homem alto, de aparência tranqüila, estava parado diante do juiz e dizia alguma coisa a respeito do seu cliente, um homem gordo, algemado, com o corpo todo a tremer. Carol calculou que o homem tranqüilo devia ser advogado. Ele tinha um ar confiante, fazendo com que Carol sentisse que o homem gordo tinha muita sorte por tê-lo como advogado. Ela não tinha ninguém para defendê-la.

Os homens afastaram-se e Carol ouviu seu nome ser chamado. Ela levantou-se, mantendo os joelhos bem juntos, para impedi-los de tremer. O meirinho empurrou-a gentilmente

para a frente. Um funcionário do tribunal entregou o sumário de acusação ao juiz.

O Juiz Murphy olhou para Carol e depois para o papel em sua mão.

- Carol Roberts. Prostituição, vagabundagem, posse de maconha e resistência à prisão.

A última acusação era uma mentira deslavada. O guarda empurrou-a com toda a força e ela desferira-lhe um pontapé certeiro. Afinal de contas, era cidadã americana e tinha que ser tratada com respeito.

- Você esteve aqui há poucas semanas, não é, Carol? Carol procurou fazer com que sua voz não soasse trêmula.

- Acho que sim, Meritíssimo.

- E eu a deixei sair com sursis.

- Exatamente, senhor.

- Quantos anos você tem, Carol?

Ela já devia imaginar que iam fazer-lhe aquela pergunta.

- Dezesseis anos. E hoje é o meu aniversário. Feliz aniversário para mim!

Carol desatou a chorar, as lágrimas corriam copiosamente pelo seu rosto e os soluços sacudiam-lhe o corpo todo.

O homem alto e tranqüilo estava de pé, junto a uma mesa ao lado, arrumando alguns papéis e guardando numa maleta de couro. Ao ver Carol soluçando, ele olhou para o juiz e depois ficou a contemplá-la por um momento. Disse então alguma coisa ao Juiz Murphy.

O juiz declarou o tribunal um recesso e os dois homens desapareceram na sala reservada ao juiz, atrás do tribunal. Quinze minutos depois o meirinho levou Carol até lá. O homem tranqüilo conversava inteiramente à vontade com o juiz.

- Você é uma garota de sorte, Carol! - disse o Juiz Murphy. - Vai ter outra oportunidade. O tribunal entregá-la-á à custódia pessoal do Dr. Stevens.

"Com que então o cara alto não era um advogado, mas sim um médico"! Carol não se teria importado mesmo que ele fosse Jack, o Estripador. Tudo o que ela queria era sair daquele tribunal nojento antes que descobrissem que não era o seu aniversário.

O médico levou-a para o apartamento dele, limitou-se a uma conversa trivial que não exigia nenhuma resposta. Mas com isso Carol pôde recuperar a calma em sua situação. Ele parou o carro diante de um moderno prédio de apartamentos, na Rua 71, de frente para o East River. O prédio tinha porteiro e ascensorista. Pela maneira indiferente como cumprimentaram o médico, era de se imaginar que ele todos os dias chegava às três da madrugada, trazendo em sua companhia uma garota negra de 16 anos.

Carol nunca tinha visto um apartamento como o do médico. A sala de estar era toda branca, com dois sofás compridos e baixos, forrados com um tecido axadrezado, de tons cremes. Entre os sofás havia uma intensa mesa de café quadrada, com o tampo de vidro.

Em cima estava um tabuleiro de xadrez, com as peças esculpidas em cristal veneziano. Quadros modernos estavam pendurados nas paredes. Na parede do vestíbulo havia um receptor de televisão de circuito fechado, mostrando o saguão lá em baixo. A um canto da sala de estar, um bar de vidro fosco mostrando as prateleiras repletas de copos e garrafas de cristal.

Olhando pela janela, Carol viu inúmeros barcos lá embaixo, bem pequenos, singrando o East River.

- Os tribunais sempre me deixam com fome - comentou Judd. - Que acha de eu preparar um pequeno jantar de aniversário?

Ele levou-a para a cozinha, onde Carol ficou observando-o preparar rapidamente uma omelete mexicana, batatas fritas francesas e muffins ingleses, além de uma salada e café.

- É uma das vantagens de ser solteiro - comentou ele. - Posso cozinhar quando me dá vontade.

Então ele era solteiro e não tinha mulher em casa. Se ele jogasse as cartas direito, aquilo ia ser um maná. Quando Carol acabou de devorar a refeição, o médico levou-a para o quarto de

hóspedes. Era todo pintado de azul, com uma cama de casal, sobre a qual estava estendida uma colcha quadriculada. A um canto havia uma cômoda de madeira escura, com ferragens de latão dourado.

- Pode passar a noite aqui - disse ele. - Vou arrumar um pijama para você.

Correndo os olhos pelo quarto muito bem decorado, ela pensou: "Carol, boneca, você tirou". a sorte grande! Esse cara está a fim de uma carne negra arrancada da cadeia! E é você quem vai lhe dar isso "! Ela despiu-se e passou a meia hora seguinte debaixo do chuveiro. Quando saiu do banheiro, com uma toalha enrolada no corpo reluzente e voluptuoso, viu que o filho da mãe deixara um pijama em cima da cama. Carol riu, maliciosamente, e não tocou no pijama. Deixou cair a toalha e dirigiu-se para a sala de estar. Ele não estava lá. Ela olhou pela porta que dava para uma pequena saleta. O médico estava sentado ali, sentado a uma escrivaninha grande, na qual havia um abajur antiquado.

A saleta estava atulhada de livros, do chão ao teto. Carol foi prostrar-se atrás dele e beijou-o no pescoço, sussurrando:

- Vamos começar logo de uma vez, meu bem. Você me deixou tão excitada que não me agüento mais.

Ela comprimiu-se contra ele e acrescentou:

- O que está esperando, papaizinho? Se não me levar para a cama depressa, acho que vou ficar maluca.

Ele fitou-a, os olhos castanhos, bem escuros, pensativos. A voz era suave quando falou:

- Não acha que já se meteu em encrenca suficiente? Não pode mudar o fato de ter

nascido negra, mas quem lhe disse que precisa ser também uma puta maconheira aos 16 anos de idade?

Carol ficou aturdida, sem saber o que dissera de errado. Talvez ele precisasse excitar-se primeiro, chicoteando-a por exemplo, antes de chegar ao ponto. Ou talvez ele fizesse o gênero do reverendo. Ia rezar por sua carne negra, reformá-la e depois levá-la para a cama. Ela tentou de novo.

Estendeu a mão por entre as pernas dele, acariciando-o.

- Vamos, meu bem, enfia tudo isso dentro de mim.

Ele desvencilhou-se gentilmente e sentou-a numa poltrona. Carol nunca ficara tão desconcertada antes. Ele não parecia bicha, é verdade, mas atualmente nunca se sabe.

- Qual é a sua, meu bem? Diga-me do que gosta e farei tudo por você.
- Está certo. Vamos bater um papo.
- Você quer... falar?
- Exatamente.

E como conversaram! A noite inteira. Foi a mais estranha das noites que Carol já vivera. O Dr. Stevens pulou rapidamente de um assunto para outro, sondando-a, experimentando-a. Perguntou a sua opinião sobre o Vietnã, os guetos e os motins universitários. Cada vez que Carol imaginava que finalmente descobrira o que ele estava querendo, o Dr. Stevens passava para outro assunto. Falaram de coisas que ela jamais ouvira antes e abordaram assuntos nos quais ela se julgava a maior autoridade viva do mundo. Meses depois Carol ainda ficava acordada de noite, procurando recordar e identificar a palavra mágica, a idéia, a frase-chave que provocara a sua transformação. Nunca chegou a descobrir, pois finalmente compreendeu que não houve qualquer palavra mágica. O que o Dr. Stevens fizera fora um bem simples. Ninguém jamais o fizera antes. Ele a tratara como um ser humano, uma pessoa igual a ele, cujas opiniões e sentimentos eram-lhe importantes.

Em um momento qualquer, no decorrer da noite, ela subitamente teve consciência de sua nudez. Ela foi até o quarto e vestiu o pijama. Ele foi sentar-se na beira da cama e conversaram mais um pouco. Falaram de Mão Tsé-tung, dos distúrbios raciais, da pílula. E de se ter um pai e uma mãe que jamais haviam casado. Carol disse-lhe coisas que jamais contara antes a alguém. Coisas que há muito estavam enterradas em seu subconsciente. E quando ela finalmente dormiu, estava completamente vazia. Era como se tivesse sido submetida a uma intervenção cirúrgica e um rio de veneno escorresse para fora do seu corpo.

Pela manhã, depois do café, ele entregou-lhe uma nota de cem dólares. Carol hesitou, mas finalmente disse:

- Eu menti. Ontem não era meu aniversário.
- Eu sei - disse ele sorrindo. - Mas não vamos contar ao juiz. Ele fez uma pausa e

mudando o tom, acrescentou:

- Pode pegar esse dinheiro e ir embora que ninguém a incomodará, até a próxima em que a polícia a apanhar. Mas estou precisando de uma recepcionista e acho que você seria maravilhosa para o lugar.

Carol não podia acreditar.

- Mas não sei taquigrafia nem datilografia.

- Poderia aprender, se voltasse a estudar.

Carol ficou em silêncio por um momento e depois disse, entusiasmada:

- Ei, eu nunca tinha pensado nisso antes! Até que não é má idéia!

Mas o que ela queria mesmo era sair daquele apartamento com a nota de cem dólares e mostrá-la para os rapazes e garotas na Fishman' Drug Store, no Harlem, onde a turma se reunia. Com aquele dinheiro poderia comprar doses suficientes para uma semana. Quando entrou no Fishman's foi como se nunca se tivesse afastado de lá. Viu os mesmos rostos amargurados e ouviu as mesmas conversas mórbidas de derrotados. Ela estava em casa. Mas não conseguia parar de pensar no apartamento do médico. Não era os móveis que faziam a diferença. É que era tudo... tão limpo! E tranqüilo também. Uma ilhota perdida do outro mundo! O que tinha a perder? Podia pelo menos tentar, só para se divertir, para mostrar ao médico que ele estava errado, que ela jamais podia mudar.

Para sua própria surpresa, Carol matriculou-se numa escola. Deixou o quarto mobiliado em que vivia, com a pia manchada de ferro, o vaso quebrado e a persiana verde toda arrebentada, com a cama de ferro cheia de calombos, onde costumava sonhar as lindas fantasias. Era uma herdeira deslumbrante em Paris, Londres ou Roma, e o homem que estava em cima dela era um príncipe deslumbrante e rico, morrendo de vontade de casar com ela. E assim que cada homem tinha seu orgasmo e saía de cima dela, o sonho se desvanecia. Até a vez seguinte.

Carol deixou o quarto e todos os seus príncipes sem olhar para trás e voltou a morar com os seus pais. O Dr. Stevens deu-lhe uma mesada enquanto estudava. Ela terminou a escola secundária com notas excelentes. O médico compareceu à cerimônia de formatura, seus olhos castanhos brilhando de orgulho. Carol também sentia orgulho, de si mesma. Alguém acreditava nela. Arrumou um emprego na Nedick's durante o dia e fez um curso de secretariado à noite. No dia em que terminou, começou a trabalhar para o Dr. Stevens, podendo então ter o seu próprio apartamento.

Nos quatro anos que haviam passado o Dr. Stevens sempre a tratava com a mesma cortesia formal da primeira noite. A princípio Carol ficara esperando que ele fizesse alguma referência ao que ela fora e ao que ela era. Mas finalmente ela descobrira que ele sempre a vira como ela era agora.

Tudo o que ele fizera fora ajudá-la a ser o que sempre fora. Sempre que Carol tinha um problema, ele achava tempo para discuti-lo. Recentemente ela começara a pensar que precisava falar-lhe sobre o que acontecia entre ela e Chick, mas estava sempre adiando.

Carol era capaz de fazer qualquer coisa pelo Dr. Stevens. Deitar-se com ele, matar por ele...

E agora ali estavam aqueles dois caras da Divisão de Homicídios, querendo falar com o Dr. Stevens.

McGreavy começou a ficar impaciente.

- E então?

- Tenho ordens para jamais incomodá-lo quando está com um paciente - disse Carol. Ela viu a expressão furiosa que surgiu nos olhos de McGreavy e acrescentou:

- Mas vou falar com ele pelo telefone.

Ela pegou o fone e apertou a campainha de intercomunicação. Depois de trinta segundos o Dr. Stevens disse:

- Pois não?

- Há dois detetives aqui fora querendo falar-lhe, Doutor. São da Divisão de Homicídios. Carol ficou esperando que houvesse alguma alteração na voz dele. Nervosismo, talvez medo. Porém nada houve.

- Pois eles vão ter que esperar.

E o Dr. Stevens desligou, Carol ficou radiante de orgulho. Os detetives podiam fazê-la entrar em pânico, mas jamais conseguiriam fazer com que seu Dr. Stevens perdesse a calma! Ela fitou-os com uma expressão desafiadora e disse:

- Ouviram o que ele disse.

- Quanto tempo mais o paciente vai ficar lá dentro? - indagou Angeli, o mais jovem. Carol olhou para o relógio que estava na sua mesa.

- Mais vinte e cinco minutos. É o último paciente de hoje. Os dois homens se entreolharam. McGreavy suspirou.

- Pois vamos esperar. Eles sentaram-se. McGreavy examinou-a atentamente, comentando:

- Você me parece familiar.

Carol não se deixou enganar. O tira estava jogando uma isca.

- Creio que sabe o que se costuma dizer - respondeu ela. - Todas nós parecemos iguais. Exatamente vinte e cinco minutos após, Carol ouviu a batida da porta lateral que levava ao gabinete particular do Dr. Stevens diretamente para o corredor. Momentos depois, o Dr. Stevens abriu a porta que dava do seu gabinete para a sala da recepção. Hesitou por um instante ao ver McGreavy dizendo:

- Já nos encontramos antes.

Só que ele não conseguia lembrar-se onde.

- Já sim... Sou o Tenente McGreavy.

Ele acenou com a cabeça na direção de Angeli.

- Detetive Frank Angeli.

Judd e Angeli apertaram-se as mãos.

- Entrem, por gentileza.

Os dois detetives entraram no gabinete particular de Judd e a porta foi fechada. Carol ficou olhando para a porta, tentando compreender a situação. O detetive grandalhão dera a impressão de antagonizar o Dr. Stevens. Mas talvez isso fosse apenas uma disposição natural dele. Carol só tinha certeza de uma coisa: teria que mandar o seu vestido para a tinturaria.

O gabinete de Judd parecia mais uma sala de estar de uma casa de campo. Não havia uma escrivaninha, mas algumas poltronas e uma mesa no centro, com abajures realmente antigos. No outro lado havia uma porta que levava para o corredor. No chão estendia-se um tapete de padrões intrincados, e, a um canto, ficava um divã forrado com um tecido adamascado. McGreavy percebeu logo que não havia diplomas nas paredes. Mas ele verificara antes. Se o Dr. Stevens quisesse, poderia cobrir todas as paredes de diplomas e certificados.

- É o primeiro consultório de psiquiatra em que eu entro - disse Angeli, visivelmente impressionado. - Eu bem que gostaria que minha casa fosse assim.

- Serve para descontrair meus pacientes - comentou Judd, calmamente. - E por falar nisso, eu sou psicanalista.

- Desculpe o engano. Mas qual é a diferença?

- Cerca de cinqüenta dólares a mais por hora - comentou McGreavy. - Meu parceiro jamais sonhou em ganhar tanto assim!

"Parceiro"! Foi então que Judd se lembrou. O parceiro de McGreavy fora baleado e morto e o próprio McGreavy ficara bastante ferido durante um assalto a uma loja de bebidas quatro ou cinco? anos antes. Um vagabundo, chamado Amos Ziffren, fora preso pelo crime. O advogado de Ziffren alegara que seu cliente era inocente, por insanidade mental, Judd fora convocado como perito pela defesa e pediram-lhe que examinasse o réu. Constatara que Ziffren era, de fato, insano e sofria de uma paresia bem adiantada. Com base no depoimento de Judd, Ziffren escapara à sentença de morte e fora enviado para um asilo de doentes mentais.

- Estou me lembrando de você agora - disse Judd. - O caso Zifren. Você levou três tiros e seu companheiro foi morto.

- Pois eu também me lembro muito bem - disse McGreavy. - Conseguiu fazer com que o assassino escapasse.

- Em que posso ajudá-los?

- Precisamos de uma informação, Doutor - disse McGravy.

Ele fez um gesto com a cabeça para Angeli, que começou a desamarrar o embrulho que trazia.

- Precisamos que identifique algo para nós - acrescentou McGreavy.

Sua voz era controlada, não deixando transparecer qualquer emoção. Angeli terminou de abrir o embrulho e exibiu uma capa de chuva amarela.

- Já viu isso antes?

- Parece que é a minha - disse Judd, surpreso.

- É, de fato, a sua. Pelo menos está escrito por dentro.

- Onde a encontraram?

- Onde acha que nós a encontramos?

Os homens não pareciam mais indiferentes. Uma mudança subtil ocorrera em suas expressões.

Judd estudou McGreavy por um momento e depois pegou um cachimbo numa mesinha, começando a enchê-lo com tabaco tirado de um jarro.

- Acho bom me contarem logo o que significa tudo isso - disse ele calmamente.

- Se a capa lhe pertence, Dr. Stevens, queremos saber como deixou de estar em seu poder - disse McGreavy.

- Não há mistério nenhum nisso. Estava chovendo quando saí de casa esta manhã. Como meu sobretudo está na tinturaria, usei a capa impermeável. Costumo usá-la em minhas pescarias. Um dos meus pacientes apareceu aqui sem capa. Como estava nevando bastante na hora em que ele saiu, emprestei-lhe a minha capa.

Ele fez uma pausa, assumindo uma expressão subitamente preocupada.

- O que aconteceu com ele?

- Aconteceu a quem?

- Ao meu paciente, John Hanson.

- Exatamente - disse Angeli gentilmente. - Acertou em cheio. A razão para o Sr. Hanson não poder devolver-lhe a capa é o fato de estar morto.

Judd sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

- Morto?

- Alguém enfiou-lhe uma faca nas costas - informou McGreavy.

Judd fitou-o, incrédulo. McGreavy tirou a capa das mãos de Angeli e virou-a, mostrando a Judd o rasgão atrás e as manchas escuras de sangue. Uma sensação de náusea invadiu Judd.

- Mas quem poderia querer matá-lo?

- Esperávamos que nos pudesse dizer, Dr. Stevens - disse Angeli. - Quem poderia

saber melhor do que o seu psicanalista?

Judd sacudiu a cabeça, desolado.

- Quando foi que aconteceu? Foi McGreavy quem respondeu:

- Às onze horas desta manhã. Em Lexington Avenue, acerca de um quarteirão daqui.

Algumas dezenas de pessoas devem tê-lo visto cair, mas estavam tão ocupadas voltando para suas casas, a fim de se prepararem para as comemorações do nascimento de Cristo, que o deixaram estendido na neve, sangrando até à morte.

Judd apertou a borda da mesa e os nós dos dedos ficaram brancos.

- A que horas Hanson chegou aqui esta manhã? - perguntou Angeli.

- Dez horas.

- Quanto tempo demoram as suas consultas, Doutor?

- Cinqüenta minutos.

- Ele foi embora assim que acabou?

- Foi. Eu já tinha outro paciente à espera.

- Hanson saiu pela sala da recepção?

- Não. Meus pacientes entram pela sala da recepção e saem por aquela porta - disse Judd, apontando para a porta que dava diretamente para o corredor. - Dessa maneira, eles jamais se encontram.

MacGreavy assentiu.

- Então quer dizer que Hanson foi morto alguns minutos depois de sair daqui. Porquê ele estava-se tratando?

Judd hesitou.

- Lamento, mas não posso revelar o relacionamento entre o paciente e seu médico.

- Mas alguém o matou, Dr. Stevens? Talvez nos possa ajudar a encontrar o assassino. O cachimbo de Judd estava agora apagado. Ele se demorou acendendo-o novamente.

- Há quanto tempo ele vinha se consultando?

Desta vez quem perguntou foi Angeli. Um exemplo típico de trabalho de equipa da polícia.

- Há três anos.

- E qual o problema dele?

Judd hesitou. Recordou-se de John Hanson que vira naquela manhã excitado, sorridente, ansioso em desfrutar de sua nova liberdade.

- Ele era homossexual.

- Oh, não! - exclamou McGreavy. - Outro caso de bonecas!

- Ele era homossexual - disse Judd firmemente. - Hanson estava curado. Esta manhã eu lhe disse que não precisava mais do tratamento. Estava pronto para voltar a viver com a família. Ele tem... tinha mulher e dois filhos.

- Um bicha com família? - indagou McGreavy.

- Isso acontece com freqüência.

- Talvez um dos seus amiguinhos não tenha gostado da história de ele se libertar. Tiveram uma briga. O outro perdeu a calma e enfiou uma faca nas costas de Honson. Judd pensou na teoria por um momento.

- É possível, mas não creio muito.

- Por que não, Dr. Stevens? - perguntou Angeli.

- Porque Hanson, há mais de um ano, não tinha qualquer contato homossexual. É mais provável que tenha sido uma tentativa de assalto. Hanson era o tipo de homem que não rejeitava uma briga.

- Um bicha casado e valente - murmurou MacGreavy, tirando o charuto do bolso e acendendo. - Só há uma coisa errada com essa teoria de assalto, Doutor. A carteira dele não foi tocada. E tinha mais de cem dólares.

Ele calou-se, observando a reação de Judd. Foi então a vez de Angeli falar:

- Se tivéssemos que procurar um doido, seria mais fácil de encontrar.

- Mas se um homem está doido...?

- Não precisa necessariamente aparentar a sua loucura _ explicou Judd. - Para cada caso evidente de desequilíbrio mental, há pelo menos dez que não são diagnosticados.

McGreavy examinava Judd com um interesse óbvio,

- Conhece um bocado da natureza humana, não é mesmo, Doutor?

- Não existe essa coisa a que chamam natureza humana - disse Judd. - Assim como não existe uma natureza animal. Tentem encontrar as afinidades naturais entre um coelho e um tigre. Ou entre um esquilo e um elefante.

- Há quanto tempo pratica psicanálise? - perguntou McGreavy.

- Doze anos. Por quê? McGreavy sacudiu os ombros.

- É um homem de boa aparência, Doutor. Aposto que uma porção de pacientes se apaixonam pelo senhor não é mesmo, Doutor?

Os olhos de Judd ficaram extremamente frios.

- Não estou entendendo aonde quer chegar.

- Ora, Doutor, claro que entende. Somos ambos homens vividos. Um bicha entra aqui e encontra um médico bem apessoado a quem pode contar os seus problemas. Vai querer dizer- me que, durante três anos de sessão, Hanson nunca lhe fez qualquer insinuação?

Judd ficou em silêncio por um momento, sem demonstrar qualquer reação.

- É essa idéia que faz de um homem vivido, Tenente? McGreavy não se perturbou.

- Pode perfeitamente ter acontecido. E não apenas isso. Tivemos um caso. Disse então a Hanson que não queria mais vê-lo. Talvez ele não tenha gostado. Em três anos de relacionamento ele ficou inteiramente dependente do senhor. Os dois tiveram uma briga.

O rosto de Judd tentou transparecer toda a raiva que ele estava sentindo. Foi Angeli quem rompeu a tensão:

- Pode-se recordar de alguém que tivesse motivo para odiá-lo, Doutor? Ou alguém a quem ele pudesse odiar?

- Se tal pessoa existisse, eu poderia dizer. Creio que eu sabia tudo quanto dizia respeito a John Hanson. Ele era um homem feliz. Não odiava ninguém e não sei de ninguém que o odiasse.

- Maravilhoso para ele. Deve ser um médico e tanto, Doutor - comentou McGreavy. - Agora dê-nos a ficha dele, que vamos levá-la.

- Não.

- Podemos obter uma ordem judicial.

- Pois então obtenha. Não há nada na ficha de Judd Hanson que possa ajudá-los.

- Então que mal pode haver em nos entregá-la? - indagou Angeli.

- Pode prejudicar a esposa e os filhos de Hanson. Creio que vocês estão na pista errada. Não tardarão a descobrir que Hanson foi morto por um estranho.

- Tenho certeza que não - disse McGreavy, rispidamente. Angeli tornou a embrulhar a capa e prendeu o barbante.

- Devolveremos a capa depois que tivermos feito mais alguns testes nela, Doutor.

- Pode ficar com ela.

McGreavy abriu a porta que dava para o corredor.

- Voltaremos a procurá-lo, Doutor.

Ele saiu. Angeli acenou para Judd e saiu também.

Judd ainda estava parado junto à porta, os pensamentos tumultuados, quando Carol entrou.

- Está tudo bem? - indagou ela, hesitante.

- Alguém matou John Hanson.

- Matou?

- Ele foi apunhalado.

- Oh, meu Deus! Mas por quê?

- A polícia não sabe.

- Mas que coisa terrível!

Carol notou a dor que havia nos olhos de Judd e acrescentou:

- Há alguma coisa que eu possa fazer, Doutor?

- Poderia fechar o consultório, Carol? Vou procurar a Srª Hanson. Quero eu mesmo transmitir-lhe a notícia.

- Pode deixar que eu cuido de tudo, Doutor.

- Obrigado.

E Judd partiu.

Trinta minutos depois Carol acabara de pôr as fichas em ordem e estava trancando a sua escrivaninha quando a porta do corredor se abriu. Já passava das seis horas da tarde e o prédio estava fechado. Carol levantou os olhos para ver o homem sorrir e avançar em sua direção.

Capítulo 3

Mary Hanson parecia uma boneca: pequena, bonita, de feições delicadas. Por fora, ela era toda suavidade, uma típica representante do desamparo feminino do sul. Mas, por dentro, era feita de granito. Judd conhecera-a uma semana depois de ter iniciado o tratamento do marido. Ela se manifestara histericamente contra o tratamento, e Judd pedira-lhe que fosse conversar com ele.

- Por que se opõe a que seu marido faça um tratamento de psicanálise?

- Não quero que todos os nossos amigos digam que me casei com um maluco - dissera ela a Judd. - Peça-lhe que me dê o divórcio primeiro. Depois pode fazer o que bem entender.. Judd explicara que um divórcio naquele momento poderia destruir John completamente.

- Não resta mais nada que destruir - gritou Mary. - Se eu soubesse que ele era um efeminado, acha que eu me teria casado? Ele não é homem, mas mulher!

- Há um pouco de mulher em cada homem, assim como há um pouco de homem em cada mulher. No caso do seu marido, há alguns problemas psicológicos difíceis que ele precisa superar.

E ele está tentando arduamente, Sra. Hanson. Tem que ajudá-lo. Deve isso a ele e às crianças. Ele argumentara durante mais de três horas e ela, finalmente, concordara, embora relutante, em suspender a ação de divórcio por algum tempo. Nos meses que se seguiram ela se tornara, a princípio, interessada e, depois, envolvida na batalha que John estava travando. Judd tinha como princípio jamais tratar de marido e mulher, mas Mary pedira para ser sua paciente e ele descobrira que isso ajudava bastante. À medida que ela começava a compreender a si mesma e a descobrir onde fracassara com esposa, os progressos de John haviam sido dramaticamente rápidos.

E agora Judd estava ali para dizer-lhe que o marido fora assassinado, o que não fazia o menor sentido. Mary fitou-o em silêncio, incapaz de acreditar no que ele acabara de dizer, certa de que se tratava de alguma espécie de piada macabra. Mas logo ela compreendeu que não, que era mesmo verdade. E pôs-se a gritar:

- Ele nunca mais vai voltar para mim! Ele nunca mais vai voltar para mim!

Ela começou a rasgar as roupas, num acesso de desespero, parecendo um animalzinho ferido. Os gêmeos de seis anos entraram na sala neste momento e a situação se tornou incontrolável. Judd conseguiu acalmar as crianças e levou-as para a casa de uma vizinha. Deu um sedativo à Sra. Hanson e telefonou para o médico da família. Só foi embora

quando teve certeza de que nada mais pudesse fazer. Entrou no carro e partiu sem rumo, imerso em seus pensamentos. Hanson lutara valentemente para sair de um inferno e no momento de sua vitória... Não fazia o menor sentido. Teria sido John Hanson assassinado por algum homossexual? Por algum antigo amante, que se sentira frustrado porque Hanson o deixara? Era possível, é claro, mas Judd não acreditara em tal possibilidade. O Tenente McGreavy dissera que Hanson fora assassinado a um quarteirão do seu consultório. Se o assassino fosse um homossexual, cheio de ódio em seu coração, teria marcado um encontro com Hanson em algum lugar mais íntimo, onde poderia tentar persuadir Hanson a voltar ou então despejar as suas recriminações, antes de assassiná-lo. Jamais iria esfaqueá-lo numa rua cheia de gente e depois fugir.

Numa esquina à sua frente ele viu uma cabine telefônica e só então se lembrou de que prometera jantar com o Dr. Peter Hadley e sua esposa, Norah. Eram os amigos mais chegados de Judd, mas naquela noite ele não estava com disposição de ver ninguém. Estacionou o carro e entrou na cabine a fim de telefonar para Hadley. Foi Norah quem atendeu:

- Você está atrasado, Judd! Onde é que está agora?

- Norah, acho que vou ter que pedir-lhe que me perdoe por não ir jantar com vocês esta noite.

- Mas você não pode fazer uma coisa dessas! Tenho uma loura sensual aqui em casa, morrendo de vontade de conhecê-lo.

- Vamos deixar para outra noite, Norah. Hoje não vai mesmo ser possível. Por favor, apresente a ela as minhas desculpas.

- Vocês, médicos, são todos iguais! Espere um instante que vou chamar o seu colega. Peter veio ao telefone.

- Algo errado, Judd?

Judd hesitou, mas acabou não contando nada.

- Apenas um dia difícil, Peter. Amanhã eu lhe conto tudo.

- Pois saiba que está perdendo um delicioso hors d'oeuvre escandinavo.

- Eu a conhecerei em outra ocasião.

Ele ouviu um sussurro abafado e depois Norah voltou ao telefone.

- Ela virá cear conosco na noite de Natal, Judd. Você não quer vir também? Ele hesitou.

- Falaremos sobre isso depois, Norah. E mais uma vez peço desculpas por esta noite.

Judd desligou. Gostaria de encontrar uma maneira delicada de fazer com que Norah parasse de procurar arrumar-lhe uma esposa.

Judd casara-se no último ano da universidade. Elizabeth estava-se formando também, em Ciências Sociais. Era uma moça inteligente, alegre e afetiva. Estavam profundamente

apaixonados um pelo outro e tinham planos maravilhosos de refazerem o mundo para todos os filhos que iam ter.

E no primeiro natal em que estavam casados Elizabeth e seu filho que ainda não nascera haviam morrido num acidente de automóvel. Judd passara a se concentrar em seu trabalho e, com o passar dos anos, transformara-se num dos mais conceituados psicanalistas do país. Mas ainda não podia suportar a companhia de outras pessoas a comemorar o Natal. De certa forma, embora ele constantemente repetisse a si mesmo que estava errado, o Natal era uma data que pertencia a Elizabeth e ao seu filho que não nascera.

Ele empurrou a porta da cabine telefônica. Havia uma jovem esperando do lado de fora. Era bonita e usava uma blusa apertada, com uma minissaia e uma capa por cima, aberta na frente. Judd saiu da cabine.

- Desculpe a demora.

Ela sorriu-lhe jovialmente.

- Não há problema.

Havia uma expressão de ansiedade em seu rosto. Judd já vira aquele olhar antes. Era a solução tentando romper a barreira que ele inconscientemente erguera ao seu redor.

Se Judd sabia que tinha alguma coisa que atraía as mulheres, então isso estava enterrado no fundo de seu subconsciente. Ele jamais procurava analisar o fato, em busca de uma explicação. Era mais uma desvantagem que uma vantagem descobrir que as suas pacientes sempre se apaixonavam por ele. Algumas vezes isso criava situações bem difíceis.

Ele passou pela moça com um aceno cordial. Sentiu que ela ficou parada ali, debaixo da chuva, observando-o entrar no carro e afastar-se.

Judd virou em East Drive e seguiu para o Merrit Parkway. Uma hora e meia depois estava em Connecticut Turnpike. A neve em Nova York era suja e semiderretida, mas a mesma tempestade magicamente transformara a paisagem de Connecticut num cartão-postal de Currier e Ives.

Ele passou por Westport e Danbury, deliberadamente forçando sua mente a concentrar-se na faixa de estrada que voava sob as rodas e na paisagem de inverno que o cercava. Cada vez que seus pensamentos voltavam a John Hanson, ele se obrigava a pensar em outras coisas. Durante horas guiou pela escuridão dos campos de Connecticut, até que, emocionalmente exausto, decidiu que já estava na hora de voltar para casa.

Mike, o porteiro de rosto vermelho, que normalmente o cumprimentava efusivamente, sempre sorrindo, estava preocupado e distante. "Problemas de família", calculou Judd. Geralmente Judd conversava um pouco com Mike sobre o filho adolescente dele e as filhas casadas. Mas naquela noite Judd não estava com a menor vontade de conversar. Pediu a Mike que levasse o seu carro para a garagem.

- Pois não, Dr. Stevens.

Mike deu a impressão de que ia dizer mais alguma coisa, mas mudou de idéia. Judd entrou no prédio. Ben Katz, o sindico, estava atravessando o saguão. Ele viu Judd, acenou-lhe nervosamente e seguiu em frente apressado, entrando em seu apartamento.

"Mas que diabo está acontecendo com todo mundo esta noite?", pensou Judd. "Ou serei eu". que estou nervoso demais "? Ele entrou no elevador. Eddie, o ascensorista, sacudiu a cabeça".

- Boa noite, Dr. Stevens.

- Boa noite, Eddie.

Eddie engoliu em seco e olhou para o outro lado, embaraçado.

- Há algo errado, Eddie?

Eddie sacudiu a cabeça rapidamente e manteve os olhos afastados de Judd. "Meu Deus!", pensou Judd. "Outro candidato a meu divã de analise"! Parecia que o prédio se enchera rapidamente de gente que estava precisando dos seus serviços profissionais.

Eddie abriu a porta do elevador e Judd saiu. Encaminhou-se para seu apartamento. Não ouviu a porta do elevador fechar-se e, por isso, virou-se. Eddie estava olhando para ele. Judd começou a falar, mas Eddie rapidamente fechou a porta do elevador. Judd foi para o seu apartamento, abriu a porta e entrou.

Todas as luzes estavam acesas. O Tenente McGreavy estava abrindo uma gaveta da sala de estar. Angeli saía do quarto. Judd sentiu a raiva irromper lá do fundo.

- Mas o que vocês estão fazendo no meu apartamento?

- Estávamos à sua espera, Dr. Stevens - disse McGreavy.

Judd avançou e fechou a gaveta violentamente, por pouco não imprensando os dedos de McGreavy.

- Como foi que entraram aqui?

- Temos um mandado de busca - informou Angeli. Judd fitou-o com uma expressão de incredulidade.

- Um mandado de busca? Para meu apartamento?

- Nós é que fazemos as perguntas, Doutor - disse McGreavy.

- Não precisa respondê-las - acrescentou Angeli. - Isto é, não precisa responder nada sem a presença do seu advogado. E devemos também informá-lo de que tudo o que disser poderá ser usado como prova contra o senhor.

- Quer chamar um advogado? - perguntou McGreavy.

- Não preciso de advogado nenhum! Já lhe disse que emprestei minha capa a John Hanson esta manhã e não tornei a vê-la até que a levaram a meu escritório, à tarde. Eu não poderia Tê- lo matado. Passei o dia inteiro com meus pacientes. A senhorita Roberts

pode confirmar.

McGreavy e Angeli trocaram um olhar misterioso.

- Onde foi depois que saiu do seu escritório esta tarde, Doutor? - indagou Angeli.

- Fui ver a Sra. Hanson.

- Já sabíamos disso - falou McGreavy. - Queremos saber onde foi depois. Judd hesitou.

- Fui dar uma volta de carro.

- Aonde?

- Fui até Connecticut.

- Onde foi que parou para jantar?

- Não parei. Estava sem fome.

- Então ninguém o viu?

Judd pensou por um momento.

- Acho que não.

- Talvez tenha parado em algum posto para encher o tanque - sugeriu Angeli.

- Não parei em lugar nenhum. Mas que diferença faz o lugar onde fui esta noite? Honson foi morto pela manhã.

- Não voltou ao seu consultório depois que saiu de lá no fim da tarde? A voz de McGreavy era quase indiferente.

- Não. Por quê?

- É que foi arrombado.

- O quê? Quem fez isso?

- Não sabemos. E eu gostaria de que fosse até lá conosco para dar uma olhada. Poderá dizer-nos se está faltando alguma coisa.

- Mas claro que sim. Quem foi que informou o arrombamento?

- O vigia noturno - disse Angeli. - Guarda alguma coisa de valor em seu consultório, Doutor? Dinheiro? Drogas? Alguma coisa assim.

- Só o dinheiro para as despesas miúdas do consultório. E nenhum narcótico. Não existe lá qualquer coisa que valha a pena roubar. Isso não faz o menor sentido.

- Está certo - disse McGreavy. - Mas agora vamos embora.

No elevador Eddie lançou para Judd um olhar de quem pedia desculpas. Judd fitou-o e sacudiu a cabeça, indicando que compreendia.

"Evidentemente a polícia não podia suspeitar de que ele arrombara o seu próprio". consultório ", pensou Judd. Parecia que McGreavy estava determinado a atribuir-lhe a culpa de" alguma coisa, para se vingar do seu companheiro morto. Mas só que isso

acontecera há cinco anos.

Será que McGreavy passara todos aqueles anos remoendo o caso e chegando à conclusão de que ele era o culpado? Será que ficara esperando o tempo todo por uma oportunidade para agarrá-lo.

Havia um carro de polícia não identificado a poucos metros da entrada do prédio. Entraram os três e seguiram para o consultório de Judd, em silêncio. Ao chegarem, Judd assinou o registro que havia no saguão. Bigelow, o vigia noturno, olhou-o com uma expressão estranha. Ou seria apenas imaginação de Judd?

Subiram no elevador até o décimo quinto andar e percorreram o corredor até o consultório de Judd. Um guarda uniformizado estava parado diante da porta. Ele acenou para McGreavy e deu um passo para o lado. Judd meteu a mão no bolso para tirar a chave.

- A porta está aberta - disse Angeli.

Ele empurrou a porta e os três entraram. Judd seguiu na frente. A sala de recepção era um caos. Todas as gavetas tinham sido arrancadas da escrivaninha e o chão estava coalhado de papeis.

Judd não queria acreditar no que estava vendo, sentindo um choque de violação pessoal.

- O que acha que estavam procurando, Doutor? - indagou McGreavy.

- Não tenho a menor idéia.

Ele encaminhou para a porta que dava para o seu gabinete pessoal e abriu-a. McGreavy veio logo atrás dele.

Duas mesinhas baixas tinham sido viradas, um abajur quebrado estava caído no chão, o tapete ensopado de sangue.

No outro lado da sala, estendido de maneira grotesca, estava o corpo de Carol Roberts. Ela estava nua, as mãos amarradas nas costas com uma corda de piano. Haviam-lhe jogado ácido no rosto, nos seios e entre as coxas. Os dedos da mão direita estavam quebrados. O rosto estava bastante machucado e inchado, e um lenço embolado fora enfiado em sua boca. Os dois detetives ficaram observando Judd, em silêncio, enquanto ele contemplava o corpo de Carol, aturdido.

- Está muito pálido - disse Angeli. - É melhor sentar-se.

Judd sacudiu a cabeça e respirou fundo por diversas vezes. Quando falou, a voz tremia de raiva:

- Mas... mas quem poderia ter feito uma coisa dessas?

- É o que estamos esperando que nos diga, Dr. Stevens - disse McGreavy. Judd fitou-o em silêncio por um minuto, perplexo.

- Ninguém jamais poderia querer fazer uma coisa dessas com Carol. Ela jamais fez mal a alguém em toda sua vida.

- Acho que já está na hora de começar a cantar outra melodia - comentou MacGreavy. - Ninguém podia querer fazer mal a Hanson, mas enfiaram uma faca nas costas dele. Ninguém poderia querer fazer mal a Carol, mas derramaram ácido por todo o corpo dela e torturaram- na até à morte.

McGreavy fez uma pausa. Ao continuar, seu tom era bem mais ríspido:

- E depois disso ainda tem a coragem de dizer que ninguém poderia querer fazer mal aos dois! Mas que diabo é, afinal? Cego, mudo e idiota? Essa garota trabalhou aqui durante quatro anos. O senhor é um psicanalista. Vai querer dizer-me que nunca soube de nada, nem jamais se importou com a vida pessoal dela?

- Mas é claro que eu me importava - disse Judd, a voz tensa. - Ela tinha um namorado, e eles iam-se casar...

- É Chick. Nós já falamos com ele.

- Mas ele jamais faria uma coisa dessas! É um rapaz decente e amava Carol...

- Quando foi a última vez que viu Carol viva? - perguntou Angeli.

- Já lhes disse isso. Foi quando saí daqui para ir falar com a Sra. Hanson. Pedi a Carol que fechasse o consultório para mim.

A voz de Judd estava trêmula. Ele engoliu em seco e respirou fundo, procurando controlar-se.

- Tinha mais algum paciente marcado para hoje quando saiu?

- Não.

- Acha que o crime foi obra de algum maníaco, Doutor?

- Só pode ter sido um maníaco. Mas... mesmo um maníaco precisa de alguma motivação.

- É o que eu também acho - disse McGreavy.

Judd olhou mais uma vez para o corpo de Carol. Tinha o aspecto triste de uma boneca de trapos desfigurada. Furioso, ele indagou aos detetives:

- Por quanto tempo pretendem deixá-la assim?

- Eles já vão levá-la - informou Angeli. - O legista e os outros técnicos já terminaram o seu serviço.

Judd virou-se para McGreavy.

- Quer dizer que a deixaram assim só por minha causa?

- Exatamente. E vou perguntar novamente: há alguma coisa aqui que alguém pudesse querer desesperadamente, a ponto de - ele fez uma pausa e indicou o corpo de Carol - ter feito isso?

- Não.

- O que me diz das fichas dos seus pacientes? Judd sacudiu a cabeça.

- Não há nada de importante nelas.

- Não está querendo cooperar, não é mesmo, Doutor?

- Acha que também não quero descobrir quem fez uma coisa dessas? Se houvesse qualquer coisa nas fichas que pudesse ajudar, eu seria o primeiro a dizer. Conheço bastante bem os meus pacientes. Não há nenhum que fosse capaz de fazer uma coisa dessas. Tenho certeza de que o crime foi cometido por alguém de fora, por um estranho.

- Como sabe que não era alguém que estava atrás dos seus arquivos?

- Meus arquivos nem foram tocados, McGreavy

- Como pode saber disso? Nem mesmo olhou.

Judd foi até a parede do outro lado da sala. Apertou a parte inferior do painel e a parede se abriu, revelando diversas prateleiras embutidas. Estavam cheias de fitas de gravação.

- Gravo todas as sessões com meus pacientes - explicou Judd. - E guardo as fitas aqui.

- Não poderiam ter torturado Carol numa tentativa de obrigá-la a dizer onde estavam as fitas?

- Não há nada nessas fitas que possa ter algum valor para alguém. Certamente ela foi assassinada por algum outro motivo.

Judd olhou novamente para o corpo mutilado de Carol e sentiu-se dominado por uma raiva cega e impotente.

- Vocês têm que descobrir quem fez isso!

- É justamente o que eu pretendo fazer - disse McGreavy, olhando fixamente para Judd.

Na rua deserta e varrida por um vento frio, em frente ao prédio em que ficava o consultório de Judd, McGreavy disse a Angeli que levasse o médico de volta para casa.

- Tenho ainda um trabalho a fazer - informou McGreavy, virando-se em seguida para Judd.

- Boa noite, Doutor.

Judd ficou olhando o vulto corpulento e desajeitado descer a rua rapidamente.

- Vamos indo - disse Angeli. - Estou morrendo de frio.

Judd sentou-se no banco da frente, ao lado de Angeli, que imediatamente deu a partida.

- Tenho de ir falar com a família de Carol - disse Judd.

- Nós já estivemos lá.

Judd assentiu, cansado. Mesmo assim, ele queria falar com os pais de Carol, mas isso podia esperar. Houve um grande silêncio. Judd indagou-se sobre qual seria o trabalho que McGreavy teria ido fazer àquela hora da madrugada. Como se lesse seus pensamentos,

Angeli disse:

- McGreavy é um bom polícia. Ele acha sinceramente que Ziffren merecia a cadeira elétrica por ter matado o seu companheiro.

- Ziffren era um desequilibrado mental. Angeli sacudiu os ombros.

- Aceito a sua palavra, Doutor.

"Mas McGreavy jamais aceitará", pensou Judd. Ele pensou em Carol, recordando a sua permanente jovialidade, a sua inteligência, o seu afeto, o orgulho que ela sentia do seu trabalho.

Percebeu então que Angeli estava-lhe dizendo alguma coisa e viu que haviam chegado ao prédio em que morava.

Cinco minutos depois Judd estava em seu apartamento. Não havia a menor possibilidade de conseguir conciliar o sono. Ele serviu-se de um conhaque e foi para o escritório. Recordou-se da noite em que Carol ali entrara, nua e linda, esfregando o seu corpo quente e flexível contra o dele.

Judd bancara o frio e indiferente porque sabia que essa era a única forma de ajudá-la. Mas ela jamais soubera quanta força de vontade ele tivera que empregar para resistir ao desejo. Ou será que ela compreendera? Judd ergueu o copo e esvaziou-o de um só gole.

O necrotério municipal parecia igual a qualquer outro necrotério às três horas da madrugada. A única diferença é que alguém pendurara na porta uma coroa de Natal. "Alguém dotado de muito espírito de Natal ou então com um senso de humor macabro", pensou McGreavy.

Ele esperou impacientemente no corredor até que a autópsia estivesse concluída. Quando o legista o chamou, ele entrou na sala de autópsia, toda branca. O legista estava lavando as mãos numa pia enorme. Era um homem pequeno, de voz estridente, com movimentos rápidos e nervosos. Ele respondeu a todas as perguntas de McGreavy rapidamente, retirando-se logo em seguida. McGreavy ficou ali por mais alguns minutos, absorvido no que acabara de saber. Depois saiu para a noite gelada lá fora, à procura de um táxi. Não havia nenhum. "Os desgraçados devem estar todos de férias nas Bermudas", pensou McGreavy. Mas ele não podia ficar a madrugada inteira ali na rua, até congelar.

Viu uma radiopatrulha e fez sinal. Mostrou a sua identificação ao soldado que a estava dirigindo e ordenou-lhe que o levasse ao 19° Distrito. Era contra os regulamentos, mas que diabo! Afinal, ia ser uma longa noite.

Quando McGreavy entrou na delegacia, Angeli já o estava esperando.

- Eles já acabaram a autópsia de Carol Roberts - informou McGreavy.

- E o que descobriram?

- Ela estava grávida.

Angeli exibiu uma expressão de perplexidade.

- E já de três meses. Um pouco tarde para um aborto seguro e um pouco cedo para que se pudesse notar.

- Acha que isso tem relação com o assassinato dela? - indagou Angeli.

- É uma boa pergunta. Se foi o namorado de Carol que a engravidou e ele pretendia casar-se com ela, por que haveria de fazer uma coisa dessas? O único problema seria terem um filho poucos meses depois do casamento, antes da data que seria natural. Mas essas coisas acontecem todos os dias. Por outro lado, se ele a engravidou e não queria se casar... qual o problema? Ela simplesmente teria um filho e não teria marido. Isso acontece com mais freqüência ainda.

- Nós conversamos com Chick. Ele queria de fato casar-se com ela.

- Eu sei disso. Assim, o que temos que nos perguntar é onde isso nos deixa. E a resposta é simples: temos uma garota negra que está grávida, vai procurar o pai da criança e conta-lhe tudo. Ele a mata para proteger-se.

- Mas ele teria de ser um louco para fazer uma coisa dessas!

- Ou muito esperto. Eu fico com a segunda hipótese. Vistas as coisas por este ângulo: Carol vai procurar o pai da criança, dá a má notícia e diz que não pretende abortar; que vai ter o filho.

Talvez a intenção dela fosse fazer chantagem, obrigá-lo a casar. Mas suponhamos que ele não pudesse casar-se com ela, por já ser casado. Ou talvez por ser um branco. Suponhamos que fosse um médico bastante conhecido, com uma clientela elegante. Se uma coisa dessas transpirasse, ele ficaria arruinado. Quem haveria de querer tratar-se com um psicanalista que engravidou a sua recepcionista negra e teve que se casar com ela?

- Stevens é médico - disse Angeli. - Ele poderia tê-la matado de uma dúzia de maneiras diferentes, sem despertar qualquer suspeita.

- Talvez sim, talvez não. Mas se alguém desconfiasse, sempre seria possível chegar até ele.

Se comprasse veneno, o seu nome estaria registrado. Se comprasse uma corda ou uma faca, sempre se poderia descobrir. Pense agora se ele poderia ter armado um cenário mais inteligente. Aparece um maníaco e, sem razão alguma, assassina sua recepcionista. Ele está à vontade para bancar o patrão abalado com a tragédia, a exigir da polícia que prenda o assassino.

- Acho uma história meio difícil de acreditar.

- Ainda não acabei. Vamos ver agora o caso do paciente dele, John Hanson. Outro crime sem motivo, praticado pelo maníaco desconhecido. Sabe de uma coisa, Angeli? Eu não acredito em coincidências. E duas coincidências assim, no mesmo dia, deixam-me nervoso. Por isso, fiquei me perguntando que relação podia haver entre a morte de John Hanson e a de Carol Roberts e, finalmente, cheguei à conclusão de que não houve

tanta coincidência assim. Suponhamos que Carol tenha entrado na sala de Stevens e dado a má notícia de que ia ser pai. Tiveram uma briga e ela tentou fazer chantagem. Disse que Stevens tinha que se casar, dar-lhe dinheiro, qualquer coisa, enfim. John Hanson estava esperando na sala de recepção, escutando tudo. Talvez Stevens não soubesse que ele ouvira a discussão até Hanson se deitar em tal divã. Hanson ameaçou denunciá-lo. Ou tentou levá-lo para a cama.

- Acho que está fazendo suposições demais.

- Mas será que não vê que tudo se ajusta? Quando Hanson saiu, Stevens foi atrás dele e liquidou-o para que nada contasse. Depois ele tinha que voltar para livrar-se de Carol. Fez com que parecesse um crime de algum maníaco. Foi então visitar a Sra. Hanson e fez um passeio a Connecticut, achando que todos os seus problemas estavam resolvidos. E, enquanto ele fica sentado calmamente, a polícia quebra a cabeça atrás de algum maníaco que simplesmente não existe.

- Não aceito essa teoria - disse Angeli. - Está tentando preparar uma acusação de homicídio sem ter a menor prova concreta.

- O que você chama de prova concreta, Angeli? Não se esqueça de que temos dois cadáveres. Um deles é o de uma garota grávida que trabalhava para Stevens. O outro é o de um de seus pacientes, assassinado a um quarentão do consultório dele. O cara estava se tratando porque era homossexual. Quando pedi a Stevens para ouvir as gravações das sessões que teve com Hanson, ele simplesmente não deixou. Por quê? A quem o Dr. Stevens está querendo proteger? Perguntei-lhe se alguém poderia ter arrombado seu consultório à procura de alguma coisa. Talvez pudéssemos então seguir a teoria de que haviam torturado Carol para que ela dissesse onde estava a tal coisa misteriosa.

Mas lembra-se do que Stevens disse? Que não há nada de misterioso em seu consultório. Ele não guardava narcóticos no consultório. Nem dinheiro. Portanto, só nos resta procurar um maníaco. Não é isto mesmo? Só que eu não concordo com isso. Acho que devemos procurar é o Dr. Judd Stevens.

- Eu acho que você está querendo agarrá-lo de qualquer maneira - disse Angeli calmamente. O rosto de McGreavey ficou vermelho de raiva.

- Porque eu tenho a certeza de que ele é culpado!

- Vai prendê-lo?

- Agora não. Vou dar-lhe primeiro bastante corda. E, enquanto Stevens estiver-se

enforcando, vou descobrir todos os seus segredos. Quando eu o prender, ninguém vai conseguir mais soltá-lo.

McGreavy virou-se e afastou-se.

Angeli ficou olhando-o, pensativo. Se ele não tomasse nenhuma providência, era bem possível que McGreavy tentasse meter o Dr. Stevens na cadeia de qualquer maneira. Ele não podia deixar que isso acontecesse. Angeli disse a si mesmo que, pela manhã,

conversaria com o Capitão Bertelli a esse respeito.

Capítulo 4

Os jornais da manhã publicaram em manchete o sensacional assassinato de Carol Roberts, torturada até a morte. Judd sentiu-se tentado a cancelar todas as consultas que tinha marcado para aquele dia. Não se deitara e sentia os olhos pesados e irritados. Mas verificou a relação dos pacientes que receberia naquele dia e concluiu que dois ficariam desesperados se cancelasse suas consultas, três ficariam um tanto transtornados, e os outros poderiam agüentar sem maiores problemas. Decidiu que era melhor manter a sua rotina normal, em parte pelo bem de seus pacientes, em parte por si mesmo, pois seria uma boa terapia tentar manter os pensamentos afastados do que acontecera.

Judd chegou cedo ao consultório, mas o corredor já estava apinhado de repórteres, pessoal de televisão e fotógrafos. Ele recusou-se a deixá-los entrar e a fazer declarações, conseguindo finalmente livrar-se de todos eles. Abriu a porta de sua sala lentamente, apreensivo. Mas o tapete manchado de sangue fora removido e tudo recolocado nos devidos lugares. A sala parecia normal.

Só que Carol nunca mais entraria ali novamente sorridente e cheia de vida. Judd ouviu a porta externa abrir-se. Seu primeiro paciente acabara de chegar.

Harrison Burke era um homem de aparência distinta, cabelos prateados, o protótipo de um executivo dos altos escalões. O que na verdade era, pois ocupava o cargo de vice-presidente da Internacional Steel Corporation. Quando Judd se encontrara com Burke pela primeira vez, ficara imaginando se fora o executivo que criara a imagem estereotipada ou se a imagem é que criara o executivo. Algum dia ele escreveria um livro a respeito das aparências, como a atitude cordial e íntima do médico, a exuberância do advogado no tribunal, o rosto dramático da atriz. Eram imagens universalmente aceites, sempre superficiais, nunca se procurando os valores básicos.

Burke deitou-se no divã e Judd concentrou-se nele. Burke fora-lhe enviado pelo Dr. Peter Hadley dois meses atrás. Judd levara apenas dez minutos para verificar que Burke era um paranóico, com tendências homicidas. Os jornais matutinos traziam estampada em manchetes a notícia do brutal assassinato que ocorrera ali no consultório na noite passada, mas Burke não mencionou o assunto.

O que era típico do seu estado. Ele estava totalmente absolvido em si mesmo.

- Não acreditou no que eu lhe disse antes, mas agora tenho provas concretas de que eles estão querendo liquidar-me - disse Burke.

- Pensei que concluíamos que não deveríamos ser precipitados, Harrison - disse Judd,

cauteloso. - Lembre-se de que ontem concordamos em que a imaginação pode...

- Mas não é imaginação minha! - gritou Burke. Ele sentou-se, com os punhos cerrados.

- Eles estão mesmo tentando me matar!

- Por que não se deita e procura relaxar? - sugeriu Judd, suavemente. Burke levantou-se bruscamente.

- É tudo o que tem a dizer? Nem mesmo está querendo ouvir as minhas provas! Seus olhos se estreitaram sombriamente e ele acrescentou:

- E como é que posso saber que o senhor não é um deles?

- Sabe perfeitamente que não sou um deles. Sou seu amigo. Estou tentando ajudá-lo.

Judd sentiu um quê de desapontamento. O progresso que pensava terem feito ao longo do último mês desaparecera completamente. Ele estava olhando agora para o mesmo paranóico aterrorizado que entrara em seu consultório dois meses antes.

Burke começara na Internacional Steel como office boy. Em vinte e cinco anos a sua boa aparência e a personalidade afável haviam-no levado até quase ao alto da escada executiva da corporação. Ele chegara a se tornar candidato natural à presidência. E então, quatro anos antes, a esposa e os três filhos tinham morrido num incêndio na casa de verão da família, em Southampton.

Burke, na ocasião, estava nas Bahamas, com a amante. A tragédia marcou-o mais fundo do que se poderia imaginar. Educado na tradição do catolicismo, Burke não conseguira livrar-se do sentimento de culpa. Passara a remoer a tragédia, encontrando-se cada vez menos com os amigos. Passava as noites em casa, revivendo as agonias da esposa e filhos, sendo queimados até a morte, enquanto outra parte da mente recordava-lhe que, nesse momento, estava na cama com a amante. Era como um filme, que passava repetidamente na tela de sua mente. Ele assumiu toda a culpa pela morte da família. Se estivesse presente, poderia tê-los salvo. A idéia tornara-se uma obsessão. Ele era um monstro! Sabia disso e Deus também sabia! E evidentemente muitos outros podiam perceber também!

Deviam odiá-lo tanto quanto ele odiava a si mesmo. As pessoas sorriam-lhe e demonstravam- lhe simpatia, mas estavam apenas à espera de que ele se traísse, para poderem encurralá-lo. Mas ele era mais esperto do que todos os outros. Parou de ir almoçar no refeitório dos executivos, passando a comer na intimidade de sua própria sala. Evitava os outros o mais possível.

Dois anos antes, quando a companhia precisara de um novo presidente, haviam posto Burke de lado e contrataram um executivo de fora. Um ano antes ficara vago o cargo de vice- presidente executivo e novamente haviam passado por cima de Burke e designado outro para o lugar. Ele tivera então todas as provas de que precisava para ter certeza de que havia uma conspiração contra ele.

Começou a espionar as pessoas ao seu redor. De noite escondia gravadores nos escritórios dos outros executivos. Seis meses atrás fora apanhado. Só não fora despedido

sumariamente por causa dos muitos anos na companhia e do posto que ocupava.

Querendo ajudá-lo e aliviar um pouco da pressão que havia em cima de Burke, o presidente da companhia reduziu-lhe bastante as atribuições. Mas, em vez de ajudar, isso só serviu para ainda mais convencer Burke de que eles estavam tentando liquidá-lo. Eles tinham medo dele porque era mais inteligente. Se se tornasse presidente, eles todos iriam perder os seus empregos, porque eram muito estúpidos. Começou a cometer erros e mais erros. Quando lhe apontavam esses erros, ele negava, indignado, tê-los cometido. Alguém estava deliberadamente alterando os seus relatórios, mudando as cifras e estatísticas que apresentava, só para desacreditá-lo. Logo descobriu que não era apenas as pessoas da companhia que estavam contra ele. Havia também muitos espiões lá fora. Era seguido na rua. Interceptavam suas conversas ao telefone, liam-lhe a correspondência. Tinha receio de comer, porque achava que iam envenenar sua comida. Começou a emagrecer alarmantemente. O preocupado presidente da companhia marcara uma consulta com o Dr. Peter Hadley, e insistira para que Burke comparecesse. Depois de meia hora de conversa com Burke, Hadley telefonara para Judd.

Judd não tinha nenhuma hora disponível, mas Peter insistira em que o problema era grave e urgente, e ele terminara concordando em aceitar o novo cliente.

E agora Harrison Burke estava deitado no divã, com os punhos cerrados.

- Fale-me das provas que descobriu.

- Arrombaram a minha casa ontem à noite. Queriam matar-me. Mas sou mais esperto do que eles. Estou dormindo agora no escritório e instalei trancas duplas nas portas, para que não me possam apanhar.

- Comunicou o arrombamento à polícia?

- Mas é claro que não! A polícia está do lado deles. Tem ordens para atirar em mim. Mas não se atreverão a fazê-lo enquanto houver outras pessoas por perto. Por isso é que agora fico sempre no meio de uma multidão.

- Fico satisfeito de que me tenha dado essa informação.

- O que pretende fazer com ela? - indagou Burke, ansioso.

- Escutei atentamente tudo o que disse. Está tudo aqui na fita gravada. Assim, se o matarem, teremos uma prova gravada da conspiração.

Burke se levantou bruscamente, o rosto radiante.

- Por Deus! Isto é ótimo! Vai realmente dar um jeito neles!

- Por que não se deita novamente? - sugeriu Judd.

Burke assentiu e voltou a acomodar-se no divã. Fechou os olhos.

- Estou exausto. Há meses que não durmo. Não posso dar-me ao luxo de fechar os olhos. Não faz idéia do que significa saber que todo mundo está querendo acabar com a gente. "Será que não?", pensou Judd, recordando-se de McGreavy.

- O seu criado ouviu as pessoas que arrombaram a casa?

- Eu não lhe disse? Despedi-o há duas semanas.

Judd repassou rapidamente as duas últimas sessões com Harrison Burke. Somente três dias antes Burke relatara uma briga que tivera naquele dia com o seu criado particular. Isso significava que a noção de tempo dele estava ficando totalmente desorientada.

- Acho que não falou a esse respeito - disse Judd, sem qualquer ênfase. - Tem certeza mesmo de que há duas semanas que o mandou embora?

- Eu não cometo erros. Como diabos acha que me tornei vice-presidente de uma das maiores empresas do mundo? Porque tenho uma inteligência brilhante, Doutor, e não me esqueço de nada.

- Por que o despediu?

- Ele tentou envenenar-me.

- Como?

- Com um prato de ovos com presunto, cheio de arsênico.

- Chegou a provar?

- Mas é claro que não!

- E como sabia que a comida estava envenenada?

- Senti o cheiro do veneno.

- E o que disse ele?

Uma expressão de satisfação se estampou no rosto de Burke.

- Eu não disse coisa alguma. Simplesmente o mandei à merda.

Judd sentiu-se dominado por uma sensação de frustração. Se tivesse tempo, ele certamente poderia ajudar Harrison Burke. Mas o tempo se esgotara. Na psicanálise há sempre o perigo de que, ao impulso da livre associação de idéias, a tênue camada que envolve o id se rompa e deixe escapar todas as paixões e emoções primitivas que se amontoam no fundo da mente, como bestas selvagens aterrorizadas à espreita, numa noite escura. Mas a primeira etapa de tratamento é sempre a de se permitir ao paciente dar vazão a tudo o que tem dentro de si. No caso de Burke, isso atuara como um bumerangue. As sessões haviam liberado todas as hostilidades latentes que estavam trancadas em sua mente. Burke parecera melhorar a cada sessão, concordando com Judd em que não havia conspiração alguma, que seu único problema era excesso de trabalho e esgotamento nervoso. Judd pensara que estava levando Burke a um ponto em que poderia começar uma análise profunda, atacando a raiz do problema. Mas Burke estivera simplesmente mentindo o tempo todo. Testando Judd, levando- o a cair em sua própria armadilha, para descobrir se o médico não era um deles.

Harrison Burke era uma bomba-relógio que poderia explodir a qualquer momento. Não

havia nenhum parente próximo a quem se pudesse alertar. Judd deveria ligar para o presidente da companhia e comunicar-lhe a sua opinião? Se o fizesse, isso destruiria inteiramente o futuro de Burke. Ele teria que ser internado numa instituição para desequilibrados mentais. Mas será que ele estava certo em seu diagnóstico de que Burke era um paranóico potencial homicida? Ele gostaria de ter outra opinião médica a esse respeito, mas sabia que Burke jamais consentiria que outro médico o examinasse. Judd teria de tomar a decisão sozinho.

- Eu gostaria de que me prometesse uma coisa, Harrison.

- Prometer o quê? - indagou Burke, cauteloso.

- Se eles querem apanhá-lo, vão querer que você faça algo violento para poderem então prendê-lo... Mas você é esperto demais para fazer o jogo deles. Não importa o quanto o provoquem, quero que me prometa que não fará nada contra eles. Dessa maneira, não poderão tocá-lo.

Os olhos de Burke se iluminaram. - Por Deus, você tem toda a razão! Então é esse o plano deles! Mas somos espertos demais para eles, não é mesmo?

Judd ouviu a porta da sala de recepção se abrir e fechar. Olhou para o relógio. O paciente seguinte já chegara. Ele desligou o gravador e disse calmamente:

- Acho que já chega por hoje.

- Gravou tudo o que conversamos? - indagou Burke, ansiosamente.

- Tudo. Não há a menor possibilidade de alguém atingi-lo agora. Judd hesitou, mas terminou acrescentando:

- Não creio que deva ir ao escritório hoje. Por que não vai para casa e descansa um pouco?

- Não posso - murmurou Burke, a voz impregnada de desespero. - Se eu não aparecer no escritório, vão tirar o meu nome da porta e pôr o de algum outro.

Ele se inclinou para Judd e disse baixinho:

- Tome cuidado. Se eles souberem que o senhor é meu amigo, vão tentar pegá-lo também. Burke encaminhou-se até à porta que dava diretamente para o corredor. Entreabriu-a e espiou para um lado e para outro. Depois saiu rapidamente.

Judd ficou imóvel por um momento, amargurado com o que teria de fazer com a vida de Harrison Burke. se Burke o tivesse procurado seis meses antes... E então um pensamento súbito fez com que um calafrio lhe percorresse o corpo. E se Harrison Burke já fosse um assassino? Era possível ele estar envolvido nas mortes de John Hanson e Carol Roberts? Tanto Burke quanto Hanson eram pacientes. Poderiam facilmente ter-se encontrado. Por diversas vezes, nos últimos meses, as consultas de Burke haviam sido depois das de Hanson. E Burke chegara atrasado mais de uma vez. Talvez tivesse esbarrado com Hanson no corredor. O fato de ter visto Hanson várias vezes poderia perfeitamente ter acionado a sua paranóia, levando-o a pensar que o outro o estava

seguindo, ameaçando-o. Quanto a Carol, Burke vira-a todas às vezes em que estivera no consultório. Será que sua mente doentia imaginara alguma ameaça da parte dela, que só poderia ser afastada com a morte?

Há quanto tempo Burke estava mentalmente afetado? A esposa e os três filhos haviam morrido num incêndio acidental. Acidental? Judd tinha que descobri-lo, de alguma forma.

Ele foi até a porta que dava para a sala de recepção e abriu-a.

- Entre, por favor.

Anne Blake levantou-se graciosamente e avançou com rapidez, com um sorriso afetuoso a iluminar-lhe o rosto. Judd sentiu novamente a mesma emoção que o dominara quando a vira pela primeira vez. Não experimentara alguma reação emocional profunda por uma mulher desde a morte de Elizabeth.

Elas não eram absolutamente parecidas. Elizabeth era loura e miúda, de olhos azuis. Anne Blake tinha cabelos pretos e olhos violeta deslumbrantes, emoldurados por pestanas compridas e negras. Era alta, com um corpo maravilhoso, cheio e com muitas curvas. Aparentava uma inteligência extraordinária. Sua beleza era clássica, aristocrata, o que faria com que parecesse inacessível se não fosse pelo brilho dos olhos. A voz era baixa e suave, ligeiramente rouca.

Anne tinha vinte e poucos anos. Era, indubitavelmente, a mulher mais bonita que Judd até então vira. Mas fora algo além da sua beleza que impressionara Judd. Era uma força quase palpável que o atraía para ela, alguma reação inexplicável que o fazia sentir como se a conhecesse desde a infância. O sentimento que ele julgara há muito desaparecido havia novamente aflorado à superfície, surpreendendo-o por sua intensidade.

Ela aparecera no consultório de Judd três semanas antes, sem hora marcada. Carol explicara-lhe que ele estava com todas as horas ocupadas e que não podia de maneira alguma aceitar novos pacientes. Mas Anne perguntara calmamente se poderia esperar. Ao fim de duas horas de espera, Carol se condoera e a introduzira no gabinete de Judd.

Ele sentira imediatamente uma reação emocional bem forte ao ver Anne, de tal forma que não teve idéia do que ela disse nos primeiros minutos. Recordava-se de que a convidara a sentar-se e que ela disse seu nome, Anne Blake. Era dona-de-casa. Judd perguntara-lhe qual o seu problema.

Ela hesitara e depois dissera que não sabia. Nem mesmo sabia se tinha de fato um problema. Um médico amigo dela dissera que Judd era um dos melhores analistas do país. Mas quando Judd indagara qual fora o médico, Anne desconversara. Pelo que Judd sabia, ela podia ter descoberto o nome dele no catálogo telefônico.

Ele tentara explicar que todas as suas horas estavam ocupadas, que não podia aceitar mais nenhum paciente. Oferecera-se para recomendar meia dúzia de outros bons analistas. Mas Anne insistia em que só queria se tratar com ele e mais nenhum. Ao

final, Judd acabara acedendo.

Exteriormente, excetuando-se o fato de que parecia estar sob alguma tensão, Anne aparentara ser perfeitamente normal. Judd concluíra que o problema dela deveria ser relativamente fácil, podendo ser resolvido sem maiores complicações. Ele quebrou a regra que se impusera de jamais aceitar um paciente sem a indicação de outro médico e abrira mão da sua hora de almoço para tratar de Anne.

Nas últimas três semanas ela fora ao seu consultório duas vezes por semana. Judd sabia agora a respeito dela praticamente a mesma coisa que descobrira na primeira sessão. Mas sabia algo novo a respeito de si mesmo: estava apaixonado, pela primeira vez desde a morte de Elizabeth.

Na primeira sessão, Judd perguntara-lhe se amava o marido, odiando-se a si mesmo por desejar que ela respondesse que não. Mas não fora o que ela respondera:

- Amo, sim. Ele é um ótimo homem, muito firme.

- Acha que ele representa a figura de seu pai? Anne fixara nele aqueles incríveis olhos violeta.

- Não. Jamais procurei um homem que pudesse ser a imagem de meu pai. Tive uma infância bem feliz.

- Onde nasceu?

- Em Revere, uma cidadezinha perto de Boston.

- Seu pai e sua mãe ainda são vivos?

- Papai está vivo. Mamãe morreu de derrame quando eu tinha doze anos.

- Seu pai e sua mãe tinham um bom relacionamento?

- Tinham. Eram profundamente apaixonados um pelo outro.

"É o que transparece em você", pensara Judd, alegremente. Vendo tanta aberração, miséria

e sofrimento todos os dias, a presença de Anne era como uma refrescante brisa de primavera.

- Algum irmão ou irmã?

- Não. Sou filha única. Fui uma garota mimada.

Ela sorrira, um sorriso franco e cordial, sem qualquer artifício ou afetação. Anne contara-lhe que vivera no exterior com o pai, que era do Departamento de Estado. Quando ele casara novamente e fora viver na Califórnia, ela ficara em Nova York, indo trabalhar como intérprete na ONU. Falava fluentemente Francês, Italiano e Espanhol. Conhecera o futuro marido nas Bahamas, aonde fora em férias. Ele era dono de uma firma de construção. Anne não se sentira atraída, a princípio, mas ele se mostrara persistente e persuasivo. Dois meses depois de conhecê-lo, Anne casara-se com ele. Estava agora casada há quase seis meses. Moravam numa casa grande em Nova Jersey.

E isso fora tudo o que Judd conseguira descobrir a respeito dela em meia dúzia de sessões. Ele ainda não tinha a menor pista para descobrir qual era o problema dela. Anne tinha um bloqueio emocional que a impedia de discuti-lo. Ele se recordava ainda das perguntas que fizera nas primeiras sessões.

- O problema que tem envolve o seu marido, Sra. Blake. Não houvera resposta.
- A senhora e seu marido são compatíveis fisicamente?
- Somos.

Um constrangimento visível.

- Desconfia de que ele tem um caso com outra mulher?
- Não.

Resposta divertida.

- Tem a senhora por acaso, um romance com outro homem?
- Não.

Resposta indignada.

Judd hesitara, procurando a melhor maneira de romper a barreira. Ele se decidira pela técnica do tiro em esmo, abordando todas as categorias principais até sentir que acertara no alvo.

- Discutem por causa de dinheiro?
- Não. Ele é um homem extremamente generoso.
- Têm problemas com as respectivas famílias?
- Ele é órfão. E meu pai vive na Califórnia.
- A senhora ou seu marido já foram viciados em drogas?
- Não.
- Desconfia de que seu marido seja homossexual? Uma risada discreta, mas sincera.
- Não.

Ele insistira, porque tinha de fazê-lo.

- Já teve algum relacionamento sexual com outra mulher?
- Não.

Um tom de sinceridade na voz dela.

Judd abordara o alcoolismo, frigidez, uma possível gravidez que ela talvez tivesse medo de enfrentar. Falara de tudo o que pudesse pensar. E em todas às vezes ela o fitara com os olhos pensativos e inteligentes, sacudindo a cabeça negativamente. Sempre que ele se tornara mais insistente, ela se esquivava gentilmente:

- Por favor, seja paciente comigo. Vamos fazer as coisas à minha maneira.

Com outro paciente qualquer Judd já teria desistido. Mas ele sentia que precisava de ajudá-la. E tinha que continuar a vê-la.

Deixara-a falar sobre qualquer assunto que escolhesse. Ela visitara uma dúzia de países com o pai e conhecera pessoas fascinantes. Tinha a mente ágil e um bom humor inesperado. Judd descobrira que apreciavam os mesmos livros, a mesma música, as mesmas peças teatrais. Ela era cordial e afetuosa, mas Judd jamais percebera qualquer reação a ele, a não ser como médico. Era uma amarga ironia. Subconscientemente ele vinha procurando alguém como Anne há anos. E agora que ela surgira na sua vida, ele tinha que resolver o problema que a atormentava, qualquer que fosse, mandando-a de volta para o marido.

E, quando Anne entrou naquela manhã em sua sala, Judd afastou-se, esperando que ela se deitasse no divã.

- Hoje não - disse ela calmamente. - Vim apenas ver se podia ajudar em alguma coisa.

Judd fitou-a, sem conseguir falar por um momento. Ele ficara tão tenso nos dois últimos dias que a solidariedade inesperada de Anne chegou a irritá-lo. E sentiu um impulso furioso de contar a Anne tudo o que lhe estava acontecendo. Falar-lhe do pesadelo que o estava dominando, sobre McGreavy e suas suspeitas idiotas. Mas ele sabia que não poderia fazê-lo. Ele era o médico e ela a paciente. Pior do que isso: ele estava apaixonado por Anne e ela era a esposa intocável de um homem que ele nem conhecia.

Anne estava parada no meio da sala, fitando-o. Judd sacudiu a cabeça, sem se sentir confiante o bastante para falar qualquer coisa.

- Eu gostava muito de Carol - disse Anne. - Por que alguém haveria de querer matá-la?

- Não sei.

- A polícia já tem alguma idéia de quem foi o assassino?

"Mas claro que sim!", pensou Judd, amargurado. "Se ela soubesse..". Anne continuava a fitá-lo, curiosa.

- A polícia tem algumas teorias - explicou Judd, vagarosamente.

- Imagino como deve estar se sentindo. Vim apenas para dizer-lhe o quanto lamento o que aconteceu. Nem mesmo tinha certeza de encontrá-lo hoje no consultório.

- Pensei em não vir trabalhar hoje. Mas... aqui estou. E já que ambos estamos aqui, por que não conversamos um pouco a seu respeito?

Anne hesitou.

- Não estou muito certa de que haja mais alguma coisa sobre que possamos conversar.

Judd sentiu o coração disparar. "Por favor, meu Deus, não deixe que ela diga que nunca mais".

vou vê-la "!".

- Vou para a Europa com meu marido na semana que vem.

- Mas isso é maravilhoso - Judd conseguiu balbuciar.

- Infelizmente desperdicei o seu tempo, Dr. Stevens, e peço-lhe desculpas.

- Ora, não há de quê.

Judd descobriu que estava com a voz rouca. Ela estava saindo de sua vida, o que era terrível. Mas é claro que ela não podia saber disso. Ele estava sendo infantil. Sua mente dizia-lhe isso clinicamente, enquanto o estômago sentia uma dor física pela partida dela. Para sempre.

Anne abriu a bolsa e tirou algum dinheiro. Ela tinha o hábito de pagar-lhe em dinheiro depois de cada sessão, ao contrário dos demais pacientes, que normalmente lhe enviavam um cheque.

- Não - disse Judd rapidamente. - Veio como amiga e eu... lhe sou muito grato por isso. Judd fez então algo que nunca fizera antes com nenhum outro paciente.

- Gostaria de que voltasse aqui mais uma vez.

Ela fitou-o em silêncio por um instante, com uma expressão serena no rosto.

- Para Quê?

"Porque não posso suportar a idéia de permitir que se vá tão cedo", pensou Judd. "Porque". nunca mais encontrarei ninguém como você. Porque a desejo desde da primeira vez em que a

vi. Porque eu a amo ". Em voz alta, ele se limitou a dizer":

- Acho que poderíamos... deixar tudo esclarecido. Quero certificar-me de que já superou o seu problema.

Ela sorriu, brejeiramente.

- Está querendo dizer que quer que eu volte para receber o diploma de formatura?

- Mais ou menos isso. Vai voltar?

- Se quiser... é claro que sim. Não lhe dei a menor oportunidade de ajudar-me. Mas sei que

é um médico maravilhoso. Se um dia eu precisar de ajuda de verdade, pode ter a certeza que virei procurá-lo.

Ela estendeu a mão e Judd apertou-a. Ela tinha um aperto de mão firme e afetuosa. Ele tornou a sentir aquela corrente compulsiva que o contato dos dois gerava, admirando-se de ela não sentir coisa alguma.

- Eu virei então na sexta-feira.

- Está certo.

Judd ficou observando-a sair pela porta que dava para o corredor, e depois afundou-se numa poltrona. Ele nunca se sentiu tão sozinho em toda a sua vida. Mas não podia ficar sentado ali, sem fazer nada. Tinha que haver uma resposta. E se McGreavy não pretendia descobri-la, ele tinha que fazê-lo antes que McGreavy o destruísse. O Tenente McGreavy suspeitava de que ele cometera dois assassinatos. Ele não podia provar que não os cometera. Podia ser preso a qualquer momento, o que significaria a destruição de sua vida profissional. Além disso, estava apaixonado por uma mulher casada, a quem iria ver só mais uma vez. Esse era o lado negro da situação. Mas havia também o lado bom. Judd esforçou-se por pensar nos aspectos favoráveis. E não encontrou absolutamente nenhum.

Capítulo 5

O resto do dia se passou como se ele estivesse debaixo dágua. Uns poucos de pacientes fizeram referências à morte de Carol, mas a maioria estava tão absorvida em seus próprios egos que não conseguiam pensar em outra coisa além dos seus problemas pessoais. Judd procurou se concentrar, mas seus pensamentos constantemente se afastavam dos pacientes, em busca das respostas para o que acontecera. Mais tarde ele ouviria as gravações, para verificar o que perdera.

Às sete horas da noite, depois de acompanhar o último paciente até à porta, Judd abriu o armário embutido de bebidas e serviu-se de uma dose pura de scotch. Sentiu um choque ao tomá-la, recordando-se subitamente de que não comera coisa alguma ao café nem ao almoço. A idéia de comer deixou-o enjoado. Afundou numa poltrona e pensou nos dois crimes. Não havia nada nas fichas dos seus pacientes que pudesse levar alguém a cometer assassinato. Um chantagista talvez pudesse roubar as gravações. Mas os chantagistas são covardes, aproveitando-se da fraqueza dos outros. Se Carol tivesse surpreendido um chantagista arrombando o consultório e ele resolvesse matá-la, teria agido rapidamente, desferindo um único golpe. Jamais a teria torturado. Não, tinha que haver outra explicação.

Judd ficou sentado ali por um longo tempo, repassando lentamente os acontecimentos dos dois últimos dias. Finalmente suspirou e desistiu. Olhou no relógio e ficou surpreso ao descobrir que era tão tarde.

Ao sair do consultório já passava das nove horas. Uma rajada de vento gelado atingiu-o quando saiu para a calçada. Começara outra vez a nevar. A neve rodopiava pelo céu, desmanchando os contornos de todas as coisas. A cidade parecia pintada numa tela cujas tintas não tinham ainda secado e escorria lentamente, fundindo os edifícios e as ruas nos mesmos tons aguados, brancos e cinzentos. Um grande cartaz branco e vermelho, do outro lado da Lexington, anunciava:

"FALTAM APENAS 6 DIAS PARA O NATAL"

"Natal"... Judd afastou seus pensamentos do Natal e começou a caminhar.

A rua estava deserta, à exceção de um pedestre bem distante, seguindo apressado para casa, ao encontro da esposa ou da namorada. Judd descobriu-se procurando imaginar o que Anne estaria fazendo naquele momento. Ela provavelmente estava em casa com

o marido, conversando sobre o dia no escritório, interessada, apaixonada. Ou então eles tinham ido para a cama e... "Pare com isso"!, ordenou Judd a si mesmo.

Como não havia carro algum na rua varrida pelo vento frio, Judd começou a atravessá-la antes de chegar à esquina, dirigindo-se para a garagem onde deixara o carro durante o dia. Ao chegar ao meio da rua ouviu um barulho atrás de si e virou-se. Uma imensa limusine preta, de faróis apagados avançava em sua direção. Parecia que os pneus não conseguiam aderir muito bem ao asfalto, coberto de uma fina camada de neve. Estava a menos de três metros de distância. "O bêbado idiota", pensou Judd. "Está derrapando e vai acabar se matando". Judd virou-se e pulou de volta para o meio-fio, onde estaria seguro. A frente do carro virou atrás dele, e o motor foi acelerado. Só tarde demais é que Judd compreendeu que o motorista estava deliberadamente tentando atropelá-lo.

A última coisa que se lembrou foi de algo duro batendo em seu peito e de um estrondo que parecia o de uma trovoada. A rua escura iluminou-se subitamente de fogos de artifício, que pareciam explodir dentro de sua cabeça. Judd subitamente soube a resposta a tudo. Sabia por que John Hanson e Carol Roberts tinham sido assassinados. Teve uma sensação de júbilo. Precisava dizer a McGreavy.

Mas logo todas as luzes se apagaram e restou apenas o silêncio da fria escuridão.

Pelo lado de fora, o 19° Distrito parecia um prédio escolar antigo, castigado pelo tempo, de tijolos vermelhos, reboco na fachada, as cornijas embranquecidas pelos dejetos de muitas gerações de pombos. O 19° Distrito era responsável pela manutenção da ordem pública numa vasta área de Maniatam, da rua 59 à rua 86, da Quinta Avenida até o East River.

O telefonema do hospital, informando do atropelamento seguido de fuga do motorista, chegou à mesa telefônica da delegacia alguns minutos depois das dez horas da noite, sendo transferido para a sala dos detetives. O 19° Distrito estava enfrentando uma noite das mais atarefadas. Por causa do tempo aumentava consideravelmente os números de estrupos e assaltos. As ruas desertas haviam-se transformado numa terra-de-ninguém congelada, onde os saqueadores se punham à espreita dos infelizes extraviados que se aventurassem por seu território.

Quase todos os detetives estavam fora, atendendo a chamados. O único que se encontrava naquele momento na sala dos Detetives era Frank Angeli, que estava interrogando, justamente com um sargento, um suspeito de incêndio criminoso.

Foi Angeli que atendeu ao telefone. Era uma enfermeira, que estava cuidando da vítima de um atropelamento no hospital municipal. O paciente pedira para falar com o Tenente McGreavy. Mas McGreavy, naquele momento, estava na Sala dos Arquivos. Quando a enfermeira disse a Angeli o nome do paciente, ele declarou que iria imediatamente para o hospital.

Angeli estava desligando quando McGreavy entrou. Angeli relatou-lhe rapidamente o telefonema.

- É melhor irmos imediatamente para o hospital - disse Angeli.

- Ele não vai sair de lá. Antes quero conversar com o capitão da delegacia em cuja jurisdição ocorreu o acidente.

Angeli ficou observando McGreavy discar. O Capitão Bertelli teria falado com McGreavy a respeito da conversa que tivera naquela manhã com Angeli? A conversa fora breve e incisiva.

- O Tenente McGreavy é um bom polícia - dissera Angeli -, mas tenho a impressão de que está influenciado pelo o que aconteceu há cinco anos.

O Capitão Bertelli fitou-o longamente, sem nada dizer, com uma expressão fria.

- Está por acaso acusando-o de querer incriminar o Dr. Stevens?

- Não o estou acusando de nada, Capitão. Achei apenas que o senhor deveria ser informado da situação.

- Pois já estou informado.

E a reunião assim se encerrara.

A conversa de McGreavy ao telefone demorou três minutos. McGravy resmungou por diversas vezes e tomou anotações, enquanto Angeli caminhava impaciente de um lado para outro.

Dez minutos depois, os dois detetives estavam numa radiopatrulha a caminho do hospital. A enfermaria de Judd ficava no sexto andar, no final de um longo e sombrio corredor, que tinha o cheiro adocicado e enjoativo de todos os hospitais. A enfermeira que telefonara os acompanhava até o quarto de Judd.

- Qual é o estado dele, enfermeira? - indagou McGreavy.

- O Doutor é que poderá dizer-lhes - falou ela, formalmente. Logo em seguida, num impulso, acrescentou:

- É um milagre que o homem não tenha sido morto. Possivelmente sofreu uma contusão, tem algumas escoriações nas costelas e o braço esquerdo está machucado.

- Ele está consciente? - indagou Angeli.

- Está. A grande dificuldade é mantê-lo na cama. Ela virou-se então para McGreavy e acrescentou:

- Ele insiste em falar-lhe de qualquer maneira.

Entraram na enfermaria. Havia lá seis camas, todas ocupadas. A enfermeira indicou um leito no fundo, cercado por uma cortina. McGreavy e Angeli foram até lá.

Judd estava na cama, aconchegado entre muitos travesseiros. O rosto estava pálido e na testa havia um emplastro adesivo. O braço esquerdo estava numa tipóia.

- Soube que sofreu um acidente - disse McGreavy.

- Não foi acidente - disse Judd. - Alguém tentou matar-me. A voz era fraca e trêmula.

- Não sei, mas foi isso mesmo o que aconteceu - respondeu Judd, virando-se depois para McGreavy. - Os assassinos não estavam querendo matar John Hanson e Carol Roberts. Eles queriam a mim.

McGreavy ficou surpreso.

- O que o leva a pensar assim?

- Hanson foi morto porque estava usando a minha capa amarela. Devem ter me visto entrando no edifício com a capa. Quando Hanson saiu com ela, pensaram que era eu.

- É possível - comentou Angeli.

- Claro que é possível - disse McGreavy. - E, quando descobriram que tinham matado o homem errado, eles foram até seu consultório, rasgaram suas roupas e verificam que o senhor era na realidade, uma linda moça negra. Ficaram então furiosos e o espancaram até a morte.

- Carol foi morta porque a encontraram no lugar onde eu deveria estar - explicou Judd. McGreavy meteu a mão no bolso do casaco e tirou algumas anotações.

- Acabei de falar com o capitão da delegacia em cuja jurisdição o acidente ocorreu.

- Não foi acidente.

- Segundo o relatório da polícia, Dr. Stevens, o senhor atravessou a rua descuidadamente, fora do lugar.

- Não havia nenhum carro e por isso...

- Havia um carro - corrigiu Mcgreavy. - Só que não o viu. Estava nevando e a visibilidade era péssima. O senhor surgiu no meio da rua inesperadamente. O motorista pisou no freio e derrapou, e o carro o atingiu. Ele entrou em pânico e fugiu.

- Não foi isso que aconteceu. E, além do mais, os faróis do carro estavam apagados.

- E acha que isso é prova que era o mesmo homem que matou John Hanson e Carol Roberts?

- Alguém tentou matar-me - repetiu Judd, insistente. McGreavy sacudiu a cabeça.

- Não vai adiantar nada, Doutor.

- O que não vai adiantar?

- Espera mesmo que eu saia por aí à procura de um assassino imaginário, enquanto o senhor fica inteiramente a salvo?

McGreavy fez uma pausa. Sua voz subitamente áspera.

- Sabia que a sua recepcionista estava grávida, Doutor?

Judd fechou os olhos e deixou a cabeça afundar novamente nos travesseiros. "Então era isso". que Carol desejava falar-lhe. Ele já imaginava. E agora McGreavy ia pensar "... Judd voltou a abrir os olhos".

- Não, eu não sabia.

A cabeça de Judd começou a latejar novamente. A dor estava voltando. Ele engoliu em seco, procurando dominar a náusea. Queria chamar a enfermeira, mas não ia dar aquela satisfação a McGreavy, de jeito nenhum.

- Andei examinando os arquivos da polícia - disse McGreavy. - Sabe que eu descobri que a sua linda recepcionista era uma vigarista antes de ir trabalhar em seu consultório.

A cabeça de Judd passou a latejar ainda mais forte. A dor tornou-se insuportável.

- Sabia disso, Doutor? Não precisa responder. Eu responderei pelo senhor. Sabia sim, porque a tirou de um tribunal noturno há quatro anos, quando ela estava sendo julgada por prostituição.

Não acha que é um tanto estranho um médico respeitável contratar uma vigarista para ser recepcionista de seu elegante consultório?

- Nenhuma mulher nasce vigarista - disse Judd, com a voz cansada. - Eu estava tentando ajudar uma garota de dezesseis anos a ter uma oportunidade na vida.

- E aproveitar para ter também um lombo negro à sua disposição, não é mesmo?

- Seu bastardo de mente suja! McGreavy sorriu, sem qualquer humor.

- Para onde levou Carol depois que a recolheu no tribunal noturno?

- Para o meu apartamento.

- E ela dormiu lá?

- Dormiu.

McGreavy sorriu novamente.

- É um homem incrível, Doutor! Pega uma jovem prostituta bonita e a leva para seu apartamento, para passar a noite. O que está procurando? Uma parceira para o xadrez? Se não se deitou com ela, Doutor, então é porque talvez seja um homossexual. E adivinha a quem isso o liga? Isso mesmo, a John Hanson. Se se deitou com Carol, então é possível que tenha continuado a levá-la para a cama, até que ela engravidasse. E como pode ter o descaramento de ficar deitado aí e contar-me uma história da carochinha sobre um maníaco que gosta de atropelar as pessoas e fugir em seguida, que se transforma num assassino e sai matando as pessoas a torto e a direito?

McGreavy virou-se bruscamente e saiu da enfermaria, o rosto vermelho de raiva. O latejar na cabeça de Judd transformara-se numa agonia insuportável, Angeli observava-o, preocupado.

- Está se sentindo melhor, Doutor?

- Tem que me ajudar! Alguém está querendo matar-me!

O apelo soou como um lamento fúnebre aos ouvidos de Judd.

- Quem teria motivos para matá-lo, Doutor?

- Não sei.

- Tem algum inimigo?

- Não.

- Dormiu recentemente com a esposa ou a namorada de alguém?

Judd sacudiu a cabeça, e no mesmo instante arrependeu-se do movimento.

- É herdeiro provável de alguma fortuna? Tem parentes que queira tirá-lo do caminho?

- Não.

Angeli suspirou.

- Então aparentemente não há motivo algum para que alguém queira assassiná-lo. E o que me diz dos seus pacientes? Acho melhor que nos forneça uma relação, a fim de que possamos investigá-lo.

- Não posso fazer uma coisa dessas!

- Tudo o que estou pedindo é que nos forneça os nomes deles.

- Lamento, mas não é possível - disse Judd, falando com imenso esforço. - Se eu fosse um dentista ou calista, não haveria o menor problema. Será que não pode compreender? As pessoas que me procuram têm problemas, alguns bastante sérios. Se vocês começarem a interrogá-las, não apenas iriam deixá-las abaladas como também destruiriam a confiança que elas depositam em mim. Eu não teria mais condições de tratá-las. Por isso é que não posso fornecer a relação dos meus pacientes.

Judd voltou a afundar nos travesseiros, exausto. Angeli fitou-o em silêncio por um minuto antes de perguntar:

- Como se chama o homem que pensa que todo mundo está querendo matá-lo?

- Um paranóico.

Judd viu a expressão no rosto de Angeli e acrescentou rapidamente:

- Não está pensando que eu...?

- Ponha-se no meu lugar, Doutor. Se eu estivesse agora nessa cama e começasse a falar-lhe do jeito que me está falando, Doutor, o que iria pensar a meu respeito?

Judd fechou os olhos novamente, numa defesa contra as pontadas de dor em sua cabeça. Ouviu a voz de Angeli acrescentar:

- McGreavy está-me esperando lá fora. Judd abriu os olhos.

- Espere... Dê-me uma oportunidade de provar que estou dizendo a verdade.

- Como?

- Quem quer que esteja querendo matar-me, irá tentar-lo novamente. Quero que algum polícia seja designado para acompanhar-me. Assim poderá prender o assassino, em

sua próxima tentativa.

- Dr. Stevens, se alguém deseja matá-lo, nem todos os polícias do mundo juntos o poderiam impedir. Se não o pegar hoje, irá pegá-lo amanhã. Se não o pegar aqui, irá pegá-lo em algum outro lugar. Não importa que seja um rei ou um presidente, não importa que seja um simples Joäo-ninguém. A vida é um fio muito curto. Basta uma fração de segundo para rompê-lo.

- Então quer dizer que não há nada, absolutamente nada, que possa fazer?

- Posso-lhe dar alguns conselhos. Ponha fechaduras novas nas portas de seu apartamento, verifique sempre se as janelas estão bem trancadas. Não deixe ninguém entrar em seu apartamento, a menos que o conheça. Nem mesmo entregadores, a não ser que tenha encomendado pessoalmente alguma coisa.

Judd assentiu, com a garganta seca e ardendo.

- O prédio em que mora tem porteiro e ascensorista, Doutor. Pode confiar neles?

- O porteiro trabalha no prédio há dez anos, o ascensorista há oito. Eu lhes confiaria a minha vida.

Angeli assentiu, aprovadoramente.

- Ótimo. Peça-lhes para ficarem atentos. Assim sendo, será difícil alguém entrar no prédio sem ser visto. E o que me diz do consultório? Pretende contratar uma nova recepcionista? Judd pensou numa estranha sentada à mesa de Carol e sentiu um tremor de ódio impotente perpassar-lhe o corpo.

- Não imediatamente.

- Talvez pudesse contratar um homem, Doutor.

- Vou pensar no assunto.

Angeli virou-se para sair, mas parou no meio do caminho e disse um tanto hesitante:

- Tenho um a idéia, mas é um tiro no escuro.

- E qual é?

Judd odiou a ansiedade que havia em sua voz.

- Esse homem que matou o antigo parceiro de McGreavy...

- Ziffren.

- Ele era realmente desequilibrado?

- Era. Mandaram-no para o hospital Estadual Matteawan, para criminosos desequilibrados.

- Talvez ele o culpe por ter sido enfurnado num hospício. Vou verificar se ainda está lá. Telefone-me pela manhã.

- Obrigado.

- Não precisa agradecer. É meu trabalho. Mas, se o senhor estiver envolvido nesses crimes, pode ter a certeza de que ajudarei McGreavy a agarrá-lo.

Angeli virou-se para sair, mas parou novamente.

- Não precisa dizer a McGreavy que vou verificar se Ziffren ainda está no hospício.

- Nada direi.

Os dois homens sorriram um para o outro. Angeli partiu. Judd ficou sozinho novamente.

Se a situação era terrível naquela manhã, agora era ainda pior. Judd sabia que já teria sido preso por homicídio se fosse por uma coisa: o caráter de McGreavy. O detetive queria vingança, tão intensamente que pretendia providenciar todas as provas necessárias a uma condenação antes de efetuar a prisão. "Será que o seu atropelamento fora, de fato, um acidente?", pensou Judd. "Havia bastante neve na rua e o carro poderia ter deslizado acidentalmente, indo atingi-lo. Mas por que então os faróis estavam apagados? E de onde o carro surgira tão subitamente"?

Judd estava convencido de que fora atacado por um assassino.... e de que seria atacado novamente. E com esse pensamento, adormeceu.

Cedo, na manhã seguinte, Peter e Norah Hadley foram ao hospital visitar Judd. Souberam do acidente pelos noticiários matutinos. Peter era da idade de Judd, mais baixo e terrivelmente magro.

Haviam sido criados na mesma cidadezinha do Nebraska e tinham cursado juntos a faculdade de medicina.

Norah era inglesa. Tinha cabelos louros e era rechonchuda, com seios um pouco grandes demais para o seu 1,60 metros de altura. Era animada e jovial. Depois de cinco minutos de conversa com ela, as pessoas ficavam com a impressão de que a conheciam há muitos anos.

- Você está com um aspecto horrível - disse Peter, examinando Judd criticamente.

- É a sua característica que mais aprecio, Doutor: a maneira como conforta os doentes.

A cabeça de Judd não latejava mais e a dor do corpo desaparecera quase que completamente. Norah entregou-lhe um buquê de cravos.

- Nós lhe trouxemos algumas flores, querido. Ela inclinou-se e beijou-o no rosto.

- Como aconteceu? - indagou Peter. Judd hesitou.

- Um carro me atropelou e fugiu em seguida.

- Tudo acontece ao mesmo tempo, não é? Li no jornal o que aconteceu com a pobre Carol.

- Foi terrível - disse Norah - Eu gostava muito dela. Judd sentiu um nó na garganta.

- Eu também gostava.

- Há alguma possibilidade de apanhar o desgraçado que a matou? - perguntou Peter.

- Eles estão trabalhando no caso.

- O jornal desta manhã disse que um tal Tenente McGreavy está prestes a efetuar uma prisão. Sabe de alguma coisa a esse respeito?

- Mais ou menos - disse Judd secamente. - McGreavyz deu-me algumas informações.

- Nunca se tem idéia de como os polícias são maravilhosos até que se precisa deles - comentou Norah.

- O Dr. Harris deixou-me dar uma olhadela nas suas radiografias - disse Peter. - Houve algumas escoriações sérias, mas nenhuma fratura. Dentro de poucos dias poderá sair daqui. Judd sabia que não tinha tempo a perder.

Passaram a meia hora seguinte numa conversa superficial, evitandocuidadosamente qualquer referência à morte de Carol Roberts, Perter e Norah não sabiam que John Hanson fora paciente de Judd. Por algum motivo especial, McGreavy não fornecera tal informação aos jornais.

Quando eles se levantaram para ir embora, Judd pediu para falar a sós com Peter. Enquanto Norah esperava lá fora, Judd relatou a Peter as suas conclusões a respeito de Harrison Burke.

- Lamento muito, Judd. Quando o encaminhei para vocês, sabia que sua paranóia estava muito avançada, mas esperava que ainda houvesse tempo de ajudá-lo. É claro que você tem de tomar uma providência imediata. Quando pretende pedir o internamento dele?

- Assim que sair daqui.

Mas Judd sabia que estava mentindo. Não queria que Harrison Burke fosse internado imediatamente. Ainda não. Queria primeiro descobrir se fora Burke quem cometera os dois assassinatos.

- Se houver alguma coisa que eu possa fazer por você, companheiro, é só telefonar. Peter saiu do quarto.

Judd ficou deitado, imóvel, planeando o que iria fazer. Como não havia nenhum motivo racional para que alguém quisesse matá-lo, não restava a menor dúvida de que os crimes tinham sido cometidos por alguém mentalmente desequilibrado, alguém que imaginava ter motivos de ressentimentos contra ele. As únicas duas pessoas que se enquadravam nessa categoria eram Harrison

Burke e Ziffren, o homem que matara o companheiro de McGreavy. Se Burke não tivesse um álibi para a manhã em que Hanson fora assassinado. Judd pediria ao Detetive Angeli que investigasse o caso. Se Burke tinha álibi, ele então iria concentrar-se em Ziffren. Judd sentiu que se desvanecia a depressão que o dominava até aquele momento. Estava fazendo alguma coisa. Subitamente teve uma vontade desesperada de deixar o hospital.

Tocou a campainha, chamando a enfermeira, a quem disse que desejava falar com o Dr.

Harris. Dez minutos depois, Seymour Harris entrou no quarto. Era quase um anão, com olhos azuis de um brilho intenso e tufos de cabelo negros nas faces. Judd conhecia-o há bastante tempo e sentia por ele o maior respeito.

- Ora, ora, a Bela Adormecida já despertou! Você está com um aspecto horrível!

Judd já estava começando a ficar cansado de ouvir aquela frase. Mentiu deliberadamente:

- Pois estou me sentindo muito bem. E quero sair daqui.

- Quando?

- Agora. O Dr. Harris assumiu uma expressão de censura.

- Você acaba de ser internado. Por que não fica aqui por alguns dias? Eu lhe mandarei algumas enfermeiras ninfomaníacas para lhe fazerem companhia.

- Obrigado, Seymour, mas preciso realmente sair daqui. O Dr. Harris suspirou.

- Está certo. Você é que é o médico, Doutor. Pessoalmente, eu não deixaria o meu gato sair na rua no estado em que você está.

Ele lançou um olhar compreensivo para Judd e acrescentou:

- Posso ajudar em alguma coisa? Judd sacudiu a cabeça.

- Vou pedir que lhe tragam as suas roupas.

Trinta minutos depois, a jovem no balcão de recepção do hospital chamou um táxi para Judd. às dez horas e quinze minutos, ele estava de volta ao seu consultório

Capítulo 6

A primeira paciente de Judd para aquele dia, Teri Washburn, estava á espera no corredor. Vinte anos atrás, Teri fora uma das maiores estrelas do firmamento de Hollywood. Mas sua carreira malograra da noite para o dia, ela se casara com madeireiro de Orgon e sumira. Desde então, Teri se casara cinco ou seis vezes. No momento vivia em Nova York com seu último marido, um importador. Ela levantou a cabeça com uma expressão furiosa quando Judd apareceu no corredor.

- Então...

O discurso de censura que ela ensaiara acabou quando viu o rosto de Judd.

- Mas o que lhe aconteceu, Doutor? Parece ter sido lançado para dentro de uma misturadora de cimento.

- Sofri um pequeno acidente. Desculpe o atraso.

Ele abriu a porta e introduziu Teri na sala de recepção. A cadeira e mesa vazias de Carol eram como fantasmas a espreitá-lo.

- Li a notícia a respeito de Carol - disse Teri, com alguma excitação na voz. - Foi um crime sexual?

- Não - respondeu Judd bruscamente. Ele abriu a porta de sua sala e pediu:

- Por favor, dê-me dez minutos para resolver alguns problemas urgentes.

Entrou no seu gabinete. Consultou a agenda e começou a telefonar para diversos pacientes, cancelando as consultas para aquele dia. Só não conseguiu falar com três pacientes. O braço e o peito doíam a cada movimento, a cabeça começou a latejar novamente. Pegou dois comprimidos de Darvan numa gaveta e engoli-os com um copo de água. Depois foi até à porta da recepção, abriu-a e chamou Teri. Concentrando-se para tirar do pensamento tudo que não fossem os problemas de sua paciente, pelos próximos cinqüenta minutos. Teri deitou-se no divã, a saia levantada. Começou imediatamente a falar.

Vinte anos atrás, Teri Washburn fora uma beldade deslumbrante. Ainda restava alguns vestígios dessa beleza. Ela possuía os olhos maiores, mais suaves e mais inocentes que Judd já vira em toda a sua vida. Havia algumas rugas nos cantos da boca, mas os lábios ainda eram extremamente sensuais. Os seios eram firmes e arredondados por baixo do vestido estampado Pucci, bem justo.

Judd suspeitava de que ela tomava injeções de silicone, mas preferia esperar que ela

mencionasse o fato. O resto do corpo de Teri ainda estava em boa forma e as pernas eram particularmente deslumbrantes.

Mais cedo ou mais tarde, a maioria das pacientes de Judd julgavam estarem apaixonadas por ele. Era a transferência natural do relacionamento paciente-médico para paciente-protetor- amante.

Mas o caso de Teri era diferente. Desde o primeiro minuto em que entrara em seu consultório, Teri estava tentando ter um romance com ele. Procurara seduzi-lo por todos os meios que conhecia - e Teri era, de fato, perita nessa arte. Judd finalmente advertira-a de que, a menos que se comportasse, teria que encaminhá-la a outro médico. Desde então, Teri vinha-se comportando de forma mais comedida. Procurava sondá-lo, descobrir o seu calcanhar-de- aquiles. Um eminente médico inglês é que encaminhara Teri a Judd, depois de um desagradável escândalo internacional em Antibes. Um colunista francês acusara Teri de passar um fim-de-semana no iate de um famoso armador grego, de quem ela estava noiva tendo-se deitado com os três irmãos do armador, enquanto ele voava para Roma a fim de tratar de negócios. O escândalo fora rapidamente abafado e o colunista publicara uma retratação, sendo em seguida despedido do jornal. Na primeira sessão com Judd, Teri se gabara de que o caso era verdadeiro.

- É incontrolável - dissera ela. - Sinto necessidade de sexo o tempo todo. Jamais fico satisfeita.

Ela esfregara as mãos nos quadris, erguendo a saia e fitando Judd com uma expressão inocente:

- Entende o que estou querendo dizer, não é, querido?

Desde a primeira sessão Judd descobrira muitas coisas a respeito de Teri. Ela nascera numa pequena cidade mineira da Pensilvânia.

- Meu pai era um Polaco estúpido. Todos os sábados de noite se embriagava e dava uma surra na minha mãe.

Aos treze anos Teri tinha um corpo de mulher e o rosto de um anjo. Descobriu que podia ganhar alguns níqueis indo para trás dos depósitos de carvão com os mineiros. No dia em que o pai descobrira, aparecera na pequena cabana em que moravam gritando incoerentemente, em polonês, expulsando de lá a mãe de Teri. Trancara a porta, tirara o cinto grosso e começara a espancar Teri.

Ao acabar, violentara Teri.

Judd ficara em silêncio, observando Teri descrever a cena, o rosto desprovido de qualquer emoção.

- Foi a última vez em que vi o meu pai e a minha mãe.

- Fugiu de casa, não é?

Teri virara no divã, surpresa.

- Como?

- Depois que seu pai a violentou...

- Se eu fugi?

Teri jogara a cabeça para trás, rindo a valer.

- Mas eu gostei! Foi a cadela da minha mãe que me expulsou de casa! Judd ligou o gravador para iniciar a nova sessão e indagou:

- Sobre o que gostaria de falar?

- De trepar. Por que não o analisamos, Doutor, e descobrimos por que você é tão puro? Judd ignorou o comentário.

- Por que acha que a morte de Carol pode ter sido uma agressão sexual?

- Porque tudo me faz pensar em sexo, querido.

Ela remexeu-se no divã e a saia levantou-se ainda mais.

- Abaixe a saia, Teri.

Ela fitou-o com uma expressão inocente.

- Oh, desculpe... Perdeu uma grande festa de aniversário na noite de sábado, Doutor.

- Fale-me a esse respeito.

Ela hesitou, com uma nota inesperada de preocupação em sua voz:

- Não vai detestar-me se eu contar?

- Já lhe disse que não precisa de minha aprovação para nada, Teri. A única pessoa de quem deve querer aprovação é de você mesma. O certo e o errado são regras que fabricamos para podermos relacionar-nos com as outras pessoas. Sem regras, não poderia haver tal relacionamento.

Mas não se esqueça de que as regras são artificiais. Houve um longo silêncio.

- Foi uma festa com música ao vivo. O meu marido contratou um conjunto de seis músicos. Judd ficou esperando. Ela virou-se para fitá-lo.

- Tem certeza que não perderá o respeito por mim?

- Quero ajudá-la, Teri. Todos nós já fizemos coisas de que nos envergonhamos, mas isso não significa que tenhamos de continuar a fazê-las.

Teri examinou-o atentamente.

- Já lhe disse que desconfiava de que meu marido, Harry, é impotente?

- Já.

Ela falava sobre isso constantemente.

- Ele não fez nada comigo desde que nos casamos. Tem sempre alguma desculpa... Pois bem...

Ela fez uma pausa, torcendo a boca numa expressão amargurada.

- Pois bem... sábado à noite eu me entreguei a todos os seis músicos, enquanto Harry olhava. Ela começou a chorar, Judd entregou-lhe um lenço de papel e ficou calado, observando-a.

Ninguém jamais dera algo a Teri Washburn sem cobrar bem alto. Ao chegar a Hollywood, ela arrumara um emprego de garçonete num drive-in, gastando a maior parte do que ganhava com um professor de arte dramática de terceira classe. Uma semana depois o professor convidara-a a morar com ele, obrigando-a a fazer todas as tarefas domésticas e restringindo as aulas ao quarto.

Algumas semanas depois, Teri compreendera que jamais conseguiria um lugar de atriz daquele jeito, mesmo que o professor quisesse arrumá-lo. Deixara-o, então, e conseguira um emprego de caixa na drugstore de um hotel em Beverly Hills. Na véspera do Natal aparecera um executivo da indústria cinematográfica, querendo comprar um presente de último minuto para a esposa. Ele dera o seu cartão a Teri, pedindo que lhe telefonasse. Uma semana depois, Teri fazia um teste para o cinema.

Ela era desajeitada e não tinha a menor experiência, mas três fatores estavam a seu favor. Possuía um rosto e um corpo sensacionais, era extremamente fotogênica e o executivo tornou- se seu amante.

Teri Washburn aparecera em pequenas pontas numa dúzia de filmes, naquele primeiro ano. Começara a receber correspondência dos fãs. Suas partes nos filmes foram aumentando. Um ano depois seu benfeitor morrera de um ataque do coração. Teri ficara com medo de que o estúdio fosse despedi-la. Em vez disso, porém, o novo executivo a chamara ao seu gabinete e informara que tinha grandes planos para ela. Teri ganhara um novo contrato, um salário maior e um novo apartamento, que tinha um quarto todo espelhado. Os papéis de Teri foram aumentando gradativamente, até que ela se tornou a estrela principal de filmes de classe B. E, finalmente, com o público sempre aumentando as bilheteiras dos seus filmes, Teri Washburn tornara-se uma estrela de filmes de classe A.

Tudo isso acontecera muito tempo atrás. E, pensando em todos esses fatos, Judd sentia pena dela, ao vê-la deitada no divã do seu consultório, soluçando.

- Quer um copo de água, Teri?

- Não, obrigada. Eu... eu estou bem.

Ela tirou um lenço do bolso e assoou o nariz.

- Desculpe eu ter-me comportado como uma idiota - disse ela, sentando-se. Judd continuou calado, esperando que ela recuperasse o controlo.

- Por que é que eu me caso com homens como Harry?

- É uma pergunta da maior importância. Tem alguma idéia da resposta?

- Mas como diabo eu posso saber! Você é que é o psiquiatra e tem que me dizer! Acha que se eu soubesse antes como era, iria casar-me com homens como Harry?

- Qual é a sua opinião? Teri ficou chocada.

- Está achando que eu me casaria, mesmo que soubesse? - Ela levantou-se, furiosa. - Seu filho da puta nojento! Está pensando que eu gostei de trepar com todos os músicos?

- E gostou?

Num acesso de raiva. Teri pegou um vaso e arremessou-o contra Judd. O vaso foi-se espatifar em cima da mesa.

- Isso responde à sua pergunta.

- Não. Esse vaso custou 200 dólares. Vou pôr na sua conta.

Teri fitou-o em silêncio por um minuto, desesperada. E finalmente sussurrou:

- Será que gostei?

- Você é quem pode dizer.

A voz dela ficou ainda mais baixa.

- Eu devo estar doente. Oh, Deus, como eu devo estar doente! Por favor, Judd, ajude-me! Judd levantou-se e aproximou-se dela.

- Você é que tem de ajudar-se a si mesma, Teri. Ela assentiu, com uma expressão aturdida.

- Quero que vá para casa e pense como se sente, Teri. Não enquanto está fazendo essas coisas, mas antes de fazê-las. Pense nos motivos que a levam a ter vontade de fazê-las. Quando souber disso, saberá uma porção de coisas a respeito de si mesma.

Teri relaxou visivelmente. Tornou a tirar o lenço da bolsa e assuou o nariz.

- Você é um homem maravilhoso, Charlie Brown - disse ela, pegando as luvas e a bolsa. - Até a próxima semana?

Judd abriu a porta do corredor e Teri saiu. Ele sabia a resposta ao problema de Teri, mas ela teria que chegar lá por si mesma. Teria que aprender que não se pode comprar o amor, que se trata de uma coisa que tem de ser dada gratuitamente. E Teri não podia aceitar esse fato enquanto não começasse a acreditar que era digna de merecer o amor. Até que isso acontecesse, Teri continuaria a procurar comprar o amor, usando a moeda de que dispunha: seu corpo. Judd sabia a agonia que ela estava enfrentando, o desespero infinito do auto- desprezo. Sentiu pena dela. Mas a única maneira que tinha de ajudá-la era mostrar-se impessoal e indiferente. Judd sabia que, para os seus pacientes, aparentava sempre ser remoto e alheio aos problemas de cada um, dispensando a sua sabedoria de uma terapia. Na verdade Judd se preocupava intensamente com os problemas de seus pacientes. Eles ficariam surpresos se soubessem com quanta freqüência os demônios que investiam contra os baluartes de suas emoções apareciam nos pesadelos de Judd.

Durante os seis primeiros meses de sua carreira com psiquiatra, enquanto se submetia aos necessários dois anos de análise para se tornar psicanalista, Judd começara a ter dores de

cabeça terríveis. Assumira empaticamente os problemas dos seus pacientes e levara quase um ano para aprender a canalizar e a controlar o seu envolvimento emocional.

E agora, depois de guardar a gravação da sessão com Teri Wasburn. Judd voltou a concentrar-se em seu próprio dilema. Foi até o telefone e discou para as Informações, pedindo o telefone do 19° Distrito.

A telefonista transferiu a ligação para a Sala dos Detetives. Ele ouviu a voz grave de McGreavy ao telefone.

- Tenente McGreavy falando.
- O Detetive Angeli, por gentileza.
- Espere um momento.

McGreavy largou o telefone em cima da mesa. Um momento depois a voz de Angeli soou ao telefone:

- Detetive Angeli.
- Judd Stevens. Será que já tem aquela informação? Houve um instante de hesitação.
- Já verifiquei - disse Angeli cuidadosamente.
- Tudo o que precisa dizer é sim ou não.

O coração de Judd estava disparado. Custou-lhe um grande esforço formular a pergunta seguinte:

- Ziffren ainda está em Matteawan?

Pareceu decorrer uma eternidade antes que Angeli respondesse:

- Sim, ele ainda está lá.

Uma onda de desapontamento invadiu Judd.

- Entendo...
- Sinto muito.
- De qualquer forma, obrigado. E, lentamente, Judd desligou.

Assim, só restava Harrison Burke, um paranóico irremediável, que julgava que todos querendo matá-lo. Será que Burke decidira atacar primeiro? John Hanson deixara o consultório de Judd às 10:50 de segunda-feira sendo assassinado alguns minutos depois. Judd precisava descobrir se Harrison Burke estava em seu consultório nessa ocasião. Ele procurou o telefone de Burke e discou.

- International Steel

A voz possuía o timbre remoto e impessoal de um autômato.

- O Sr. Harrison Burke, por gentileza.
- Sr. Harrison Burke... Um momento, por favor

Judd estava contando que a secretária de Burke atendesse ao telefone. Se ela tivesse saído por um momento da sala e o próprio Burke atendesse...

- Gabinete do Sr. Burke. Era voz de mulher.

- Aqui é o Dr. Judd Stevens. Será que poderia fornecer-me algumas informações?

- Mas claro que sim, Dr. Stevens!

Havia um tom de alívio na voz dela, misturado com alguma apreensão. Ela devia saber que Judd era o analista de Burke. Será que esperava que Judd a ajudasse? O que Burke teria feito com ela?

- É sobre a conta do Sr. Burke... - começou Judd.

- A conta?

Ela não fez o menor esforço para disfarçar o desapontamento. Judd continuou rapidamente:

- Minha recepcionista foi... não está mais comigo e estou procurando pôr tudo em ordem. Verifiquei que ela cobrou uma consulta do Sr. Burke às nove e meia da manhã da última segunda-feira e gostaria que visse na agenda dele se realmente veio ao meu consultório.

- Espere um momento, por favor.

A voz dela era visivelmente desaprovadora. Judd podia adivinhar o que ela estava sentindo.

O patrão estava desmoronando e o analista preocupava-se apenas com o dinheiro que lhe pagava. Ela voltou ao telefone alguns minutos depois.

- Infelizmente a sua recepcionista cometeu um engano, Dr. Stevens. O Sr. Burke não podia ter ido ao seu consultório na manhã de segunda-feira.

- Tem certeza? - insistiu Judd. - Está anotado aqui. De nove e meia até...

- Não importa o que a sua recepcionista tenha anotado, Dr. Stevens. Ela estava agora visivelmente irritada com a insensibilidade dele.

- O Sr. Burke passou toda manhã de segunda-feira numa reunião de diretoria, que começou às oito horas.

- Ele não poderia ter saído sem ser visto durante uma hora?

- Não, Doutor. O Sr. Burke nunca sai do escritório durante o dia.

O tom de acusação na voz dela era evidente. Será que não entende que ele está doente? O que está fazendo para ajudá-lo?

- Quer que eu chame o Sr. Burke, Doutor?

- Não é necessário. Obrigado.

Judd teve vontade de acrescentar alguma coisa que pudesse tranqüilizá-la, mas não havia

nada que ele pudesse dizer. Por isso, desligou rapidamente.

Judd não tinha mais para onde se virar. Se nem Zifren nem Harrison Burke tinham tentado matá-lo... então não havia mais ninguém que tivesse um motivo para fazê-lo. Ele estava de volta ao ponto de partida. Alguma pessoa - ou pessoas - assassinaram a sua recepcionista e um dos seus pacientes. O seu atropelamento podia ter sido deliberado ou acidental.

No momento em que ocorrera, parecera-lhe um ato deliberado. Mas, recordando agora o fato imparcialmente, Judd chegou a conclusão de que estava bastante perturbado pelos acontecimentos recentes. Poderia ter transformado um simples acidente em algo sinistro. A verdade pura e simples é que não havia ninguém que tivesse motivos para assassiná-lo. Ele possuía um excelente relacionamento com todos os seus pacientes, não tinha quaisquer problemas nas relações com os amigos. Ao que soubesse, nunca prejudicara ninguém.

O telefone tocou. Ele imediatamente reconheceu a voz baixa e meio rouca de Anne.

- Está ocupado?

- Não. Posso falar.

A voz dela era preocupada.

- Li no jornal que foi atropelado. Quis telefonar-lhe antes, mas não sabia onde encontrá-lo. Judd procurou fazer com que sua voz soasse jovialmente.

- Não foi nada sério. Mas servirá para fazer com que eu passe a atravessar as ruas com mais cuidado.

- Os jornais dizem que o motorista fugiu depois do acidente.

- É verdade.

- Descobriram quem era?

- Não. Provavelmente era algum garoto numa farra. Numa limusine preta com os faróis apagados?

- Tem certeza? - indagou Anne.

A pergunta apanhou-o de surpresa.

- Como assim?

- Não sei muito bem - disse Anne, a voz hesitante. - É que... Carol foi assassinada. E agora isso.

Então ela também juntara os acontecimentos.

- Até parece... que há um maníaco à solta, ao seu redor.

- Se isso é verdade - assegurou Judd - a polícia irá apanhá-lo.

- Está correndo algum perigo?

Judd ficou enternecido com a preocupação dela.

- É claro que não.

Houve um silêncio constrangedor. Havia tanta coisa que Judd queria dizer, só que não podia. Ele não podia confundir um telefonema cordial com outra coisa qualquer. Anne estava demonstrando apenas a preocupação natural de um paciente para com o seu médico. Ela era do tipo que telefonaria para qualquer pessoa conhecida que estivesse em dificuldades. Não havia mais nada além disso.

- Irei vê-la na próxima sexta-feira? - indagou Judd.

- Claro.

Havia um tom estranho na voz dela. Será que pensava em mudar de idéia.

- Então o encontro está confirmado - disse ele rapidamente.

Só que não seria um encontro, mas sim uma consulta profissional.

- Está. Até lá, Dr. Stevens.

- Até lá, Sra. Blake. Obrigado pelo telefonema. Muito obrigado mesmo.

Ele desligou. E ficou pensando em Anne. Será que o marido dela tinha idéia de como era um homem de sorte?

E por falar nisso, como seria o marido dela? Pelo pouco que Anne falara. Judd formara a imagem de um homem atraente e atencioso. Era um desportista, inteligente e bem sucedido nos negócios. Doava dinheiro para as artes. Parecia o tipo de homem que Judd apreciaria ter como amigo. Em outras circunstâncias.

Qual poderia ser o problema de Anne, que ela receava discutir com o marido? Ou com seu analista? Em se tratando de uma mulher com o caráter de Anne, provavelmente era algum sentimento de culpa originado por um romance que tivera antes ou depois de se casar. Judd não podia imaginá-la tendo romances ligeiros, que não deixavam marca alguma. Talvez ela lhe contasse tudo na próxima sexta-feira. Quando a veria pela última vez.

O resto da tarde passou rapidamente. Judd recebeu os poucos pacientes cujas consultas não conseguira cancelar. Quando o último partiu, ele pegou a gravação da última sessão de Harrison Burke e, enquanto escutava, tomou algumas anotações.

Ao acabar, desligou o gravador. Não havia qualquer alternativa. Tinha que telefonar pela manhã para o presidente da companhia de Burke e informá-lo do estado de seu vice- presidente.

Olhou pela janela e ficou surpreso ao ver que a noite já caíra. Eram quase oito horas. Agora que não mais estava concentrado em seu trabalho, Judd sentiu-se tenso e exausto. As costelas doíam e o braço latejava. Iria para casa e tomaria um bom banho quente.

Guardou todas as fitas no armário embutido na parede. Exceto a de Burke, que trancou numa gaveta de uma mesinha lateral. Iria entregá-lo a um psiquiatra designado pelo Tribunal. Vestiu o casaco e estava se encaminhando para a porta quando o telefone tocou. Atendeu-o.

- Dr. Stevens falando.

Ninguém disse nada. Judd ouviu uma respiração pesada, anasalada.

- Alô?

O silêncio continuou, Judd desligou. Ficou imóvel por um momento, franzindo o rosto. Número errado, concluiu finalmente. Apagou as luzes do consultório, trancou as portas e seguiu para o corredor dos elevadores. Todos os ocupantes das outras salas há muito que tinham ido embora. Era cedo demais para o pessoal da faxina noturna. Fora Bigelow, o vigia noturno, o prédio estava inteiramente vazio.

Judd foi até os elevadores e apertou o botão. O indicador de andar não se mexeu. Apertou novamente o botão. Nada aconteceu.

E, nesse momento, todas as luzes do corredor se apagaram.

Capítulo 7

Judd ficou parado diante do elevador. A escuridão o envolvia como se fosse algo físico. Sentiu o coração quase parar e, em seguida, disparar. Um medo súbito, atávico, dominou seu corpo.

Ele tateou nos bolsos, à procura de uma caixa de fósforos. Deixara-a no consultório. Talvez as luzes estivessem acessas nos andares inferiores. Andando lenta e cautelosamente, ele encaminhou-se para a porta que dava para a escada. Abriu-a. A escada também estava às escuras. æ distância, lá embaixo, viu o feixe de luz de uma lanterna subindo. Judd sentiu-se subitamente aliviado. Era Bigelow, o vigia noturno.

- Bigelow! Bigelow! Sou eu, o Dr. Stevens!

Sua voz ricocheteou nas paredes de concreto, ecoando lugrubemente pela escada. A pessoa que segurava a lanterna continuou a subir, em silêncio, inexoravelmente.

- Quem está aí? - gritou Judd.

A única resposta foi o eco de suas próprias palavras.

E Judd soube subitamente quem estava ali, subindo a escada. Deviam ser pelo menos dois. Um cortara a luz, no porão, enquanto o outro bloqueava a escada para impedir a sua fuga.

A luz da lanterna estava chegando perto, apenas dois ou três andares abaixo. O corpo de Judd ficou gelado de medo. O coração batia-lhe descompassadamente, as pernas estavam fracas. Judd virou-se e subiu rapidamente os poucos degraus de volta ao seu andar. Abriu a porta e ficou parado, escutando. E se alguém estivesse esperando ali em cima, no corredor às escuras? O som de passos, subindo a escada, estava agora mais perto. A boca seca, Judd virou-se e percorreu o corredor escuro. Passou pelos elevadores e começou a contar as portas. Ao chegar ao seu consultório, ouviu a porta da escada se abrir novamente. As chaves escorregaram dos seus dedos nervosos e caíram no chão. Judd tateou freneticamente à procura delas, encontrou- as, abriu a porta da sala de recepção e entrou. Deu duas voltas na chave. Ninguém podia abrir aquela porta sem uma chave especial.

Ouviu passos que se aproximavam, no corredor lá fora. Judd entrou em sua própria sala e apertou o interruptor. Nada aconteceu. Não havia luz alguma em todo o prédio. Ele trancou a porta que dava para a sala de recepção e foi até o telefone. Discou para a telefonista de auxílio. A campainha tocou três vezes antes que a telefonista atendesse. Era o único vínculo de Judd com o mundo exterior.

- Telefonista, é uma emergência. Aqui é o Dr. Stevens. Quero falar com o Detetive Frank Angeli, no 19° Distrito. Por favor, depressa! - Pois não! O número do seu telefone, por favor? Judd disse-o.

- Um momento por favor.

Judd ouviu alguém experimentando a porta que dava do corredor diretamente para a sua sala. Não poderiam entrar por ali, porque a porta não tinha nenhuma maçaneta pelo lado de fora.

- Depressa, telefonista!

- Um momento, por favor.

A voz da telefonista era impessoal, sem nenhuma pressa. Houve um zumbido na linha e depois a telefonista da polícia disse:

- 19° Distrito.

O coração de Judd deu um salto.

- Quero falar com o Detetive Angeli. É urgente!

Lá fora, no corredor, algo estava acontecendo. Judd podia ouvir os sons de vozes afastadas. Alguém se juntara ao primeiro homem. O que estariam planeando? Uma voz familiar soou ao telefone:

- O Detetive Angeli não está. Aqui é o companheiro dele, Tenente McGreavy. Pode...

- Aqui é Judd Stevens. Estou em meu consultório. As luzes estão apagadas e alguém está tentando arrombar a porta para matar-me!

Houve um silêncio profundo do outro lado. Finalmente McGreavy disse:

- Olhe, Doutor, por que não vem até aqui e conversamos...

- Mas não posso ir até aí! Alguém está tentando assassinar-me!

Houve outro silêncio profundo e quase interminável do outro lado. McGreavy não acreditava nele e não ia ajudá-lo. Judd ouviu a porta lá fora se abrir, em seguida vozes soaram na sala de recepção. Eles já estavam na sala de recepção! Eles não teriam podido entrar se não tivessem uma chave. Mas ele podia ouvi-los aproximando-se da porta de sua sala.

A voz de McGreavy estava soando ao telefone, mas Judd nem escutou. Era tarde demais! Judd repôs o fone no gancho. Agora não tinha mais importância alguma que McGreavy concordasse em vir. Os assassinos já estavam ali. A vida é um fio muito fino e basta uma fração de segundo para rompê-lo. O medo que dominara Judd transformou-se numa raiva cega. Ele se recusava a ser trucidado como Carol e John Hanson. Ia lutar até o fim. Tateou na escuridão em busca de uma possível arma. Um cinzeiro... um espátula... Eram objetos inúteis. Os assassinos estariam com revólveres. Era um pesadelo kafkiano. Ele estava sendo condenado sem razão alguma por carrascos sem rostos.

Ouviu-os junto à porta interna da sala de recepção e compreendeu que só lhe restava um

ou dois minutos de vida. Com uma calma estranha e impessoal, como se fosse o seu próprio paciente, Judd examinou os seus pensamentos finais. Pensou em Anne e uma sensação terrível de perda o dominou. Pensou em seus pacientes e de quanto precisavam dele. Harrisom Burke. Com uma pontada súbita, ele recordou-se de que ainda não dissera ao superior de Burke que era preciso interná-lo. Ele deixaria as fitas gravadas onde pudessem ser... O coração de Judd deu um salto.

Talvez ele tivesse uma arma com que lutar! Ele ouviu a maçaneta girando. A porta estava trancada à chave, mas era frágil. Judd tateou na escuridão rapidamente, até à mesa onde trancara a fita da última sessão de Burke. Ouviu o rangido da porta sendo empurrada com força. Depois ouviu alguém mexendo na fechadura. "Por que simplesmente não derrubam a porta?", pensou ele. Em algum ponto, no fundo da sua mente, sentiu que a resposta era importante. Mas não tinha tempo para pensar nisso agora. Com os dedos trêmulos, Judd abriu a gaveta na qual guardara a fita. A pressão na porta aumentou, Judd proferiu uma prece rápida, silenciosa. E disse em voz alta:

- Sinto muito as luzes terem-se apagado, Harrison, mas tenho certeza de que darão um jeito nisso em poucos minutos. Por que não se deita e procura relaxar?

O barulho na porta cessou subitamente. Judd ajeitou a fita no gravador. Apertou o botão. Nada aconteceu. Mas é claro! Toda a energia do prédio fora desligada. Judd ouviu os homens recomeçarem a mexer na fechadura. Sentiu-se desesperado e disse bem alto:

- Assim é melhor. Procure ficar o mais confortável possível.

Ele procurou a caixa de fósforos em cima da mesa e acabou encontrando-a. Acendeu um fósforo. Havia um botão onde estava escrito bateria. Girou o botão. Apertou novamente o botão de play. Nesse momento houve um súbito clique na fechadura e a porta se abriu. A última defesa de Judd fora superada!

Judd ficou paralisado, sem coragem de se mexer, o coração batendo forte. E então a voz de Burke soou na sala:

- E isso é tudo o que tem a dizer? Nem mesmo está querendo ouvir as minhas provas! Como é que posso saber que o senhor não é um deles?

A voz de Judd também saiu do gravador:

- Sabe perfeitamente que não sou um deles. Sou seu amigo. Estou tentando ajudá-lo... Fale-me das provas que descobriu.

- Arrombaram minha casa ontem à noite - disse a voz de Burke. - Queriam matar-me. Mas sou mais esperto do que eles. Estou dormindo agora no escritório e instalei trancas duplas nas portas, para que não possam me apanhar.

Os sons na sala de recepção haviam cessado. A voz de Judd soou novamente:

- Comunicou o arrombamento à polícia?

- Mas é claro que não! A polícia está do lado deles. Tem ordens para atirar em mim. Mas não se atreverão a fazê-lo enquanto houver outras pessoas por perto. Por isso é que

agora fico sempre no meio de uma multidão.

- Fico contente de que me tenha dado essa informação.
- O que pretende fazer com ela?
- Escutei atentamente tudo o que disse. Está tudo aqui...

Nesse momento, estourou um brado de alerta na mente de Judd: as próximas palavras na fita eram "na fita gravada".

Ele inclinou-se rapidamente para o aparelho e desligou-o, dizendo em voz alta:

- ...na minha mente. E vamos encontrar a melhor maneira de usar essa informação.

Não tinha como tocar o gravador novamente, pois não sabia onde se iniciava a frase seguinte. Sua única esperança era de que os homens lá fora estivessem de fato convencidos de que estava com um paciente. Mas mesmo que acreditassem, será que isso iria detê-los?

- Caso como esse são mais comuns do que imagina, Harrison - disse Judd. Ele soltou uma exclamação de impaciência e acrescentou:
- Desejaria que a luz voltasse logo de uma vez. Sei que seu motorista está lá embaixo esperando e, com certeza, vai subir para ver o que está acontecendo.

Judd ficou imóvel, escutando atentamente. Ouviu cochichos na sala de recepção. O que será que eles estavam decidindo? Da rua lá embaixo se elevou subitamente o gemido insistente de uma sirene que se aproximava. Os sussurros cessaram. Judd ficou esperando pelo ruído da porta externa se fechando, mas nada ouviu. Será que eles estavam esperando lá fora? O gemido de sirene ficou mais forte. Veio para diante do prédio.

E, de repente, todas as luzes se acenderam novamente.

Capítulo 8

- Aceita um drinque?

McGreavy sacudiu a cabeça com uma expressão carrancuda, examinando Judd. Enquanto McGreavy o observava sem fazer qualquer comentário, Judd serviu-se de uma dose dupla de scotch.

Suas mãos ainda estavam tremendo. À medida que o calor do uísque começou a se espalhar pelo seu corpo, ele foi relaxando.

McGreavy entrara em seu consultório dois minutos depois de as luzes terem voltado a se acender. Com ele estava um impassível sargento de polícia, que tomava notas taquigráficas das declarações de Judd.

- Vamos repassar toda a história, Dr. Stevens - pediu McGreavy.

Judd respirou fundo e pôs-se a contar tudo novamente, procurando manter a voz calma e baixa:

- Fechei o consultório e segui para o elevador. As luzes do corredor se apagaram. Achei que as luzes dos andares inferiores talvez estivessem funcionando e comecei a descer a escada. Judd hesitou, revivendo todo o medo que sentira.

- Vi alguém subindo a escada com uma lanterna. Gritei-lhe. Pensava que fosse Bigelow, o vigia noturno. Não era.

- E quem era, então?

- Eu já lhe disse que não sei. Ninguém me respondeu.

- E o que o faz pensar que estavam subindo para matá-lo?

Uma resposta irritada aflorou nos lábios de Judd, mas ele se conteve. Era fundamental que McGreavy acreditasse nele.

- Eles me seguiram até aqui.

- Acha que havia dois homens querendo matá-lo?

- Pelo menos dois. Ouvi-os sussurrando na sala de recepção.

- Disse que trancou a porta que dava para o corredor ao entrar na sala de recepção. Não foi isso mesmo?

- Foi.

- E que, quando entrou aqui nesta sala, trancou a porta que dá para a sala de

recepção.

- Exatamente.

McGreavy foi até a porta que dava para a sala de recepção.

- Eles tentaram forçar a porta?

- Não.

Judd recordou-se de que ficara surpreso com isso.

- É preciso uma chave especial para se abrir do corredor a porta da sala de recepção, não é? Judd hesitou. Sabia aonde McGreavy estava querendo chegar.

- É, sim.

- E quem tinha as chaves que abriam aquela porta? Judd sentiu seu corpo ficar vermelho.

- Carol e eu.

A voz de McGravy era afável.

- E o pessoal da faxina? Como é que entra aqui?

- Tínhamos um acerto especial. Carol chegava mais cedo três vezes por semana e deixava o pessoal da faxina entrar. Eles acabavam de limpar tudo antes da chegada do meu primeiro paciente.

- Parece-me um tanto inconveniente. Por que não lhes permitia entrar aqui livremente, como acontece em todos os outros escritórios?

- Porque os meus arquivos são altamente confidenciais. Prefiro a inconveniência a ter estranhos por aqui, sem ninguém de confiança presente.

McGravy olhou para o sargento, para certificar-se de que estava anotando tudo. Satisfeito, voltou a concentrar-se em Judd.

- Quando entramos na sala de recepção, a porta estava aberta. Não tinha sido arrombada, mas sim aberta normalmente.

Judd não disse nada. McGreavy continuou:

- Acabou de dizer-nos que somente o senhor e Carol tinham chaves daquela porta. E nós estamos com a chave de Carol. Pense bem, Dr. Stevens. Quem mais tinha uma chave daquela porta?

- Ninguém.

- Então como acha que os homens conseguiram entrar? Subitamente Judd compreendeu.

- Eles tiraram uma cópia da chave de Carol quando a mataram.

- É possível - admitiu McGreavy, exibindo um sorriso frio. - Se tiraram mesmo uma cópia, vamos encontrar vestígios de parafina na chave. Mandarei fazer um teste no

laboratório. Judd assentiu. Teve a sensação de obter uma vitória, mas a satisfação foi de curta duração.

- Na sua opinião, Dr. Stevens, dois homens, e vamos admitir por enquanto que não havia mulher alguma envolvida, tiraram uma cópia da chave para poderem entrar em seu consultório e matá-lo. Certo?

- Certo.

- Disse há pouco que trancou a porta interna ao passar para a sua sala. Certo?

- Certo.

A voz de McGreavy era quase humilde:

- Mas encontramos a porta aberta também.

- Eles deviam ter também uma chave dessa porta.

- E por que não o mataram depois de abri-la?

- Eu já lhe expliquei: eles ouviram as vozes no gravador e...

- Está querendo-me dizer que dois assassinos desesperados prepararam tudo, apagaram as luzes, encurralaram-no aqui dentro, conseguiram entrar... e depois sumiram no ar sem tocar num só fio de seu cabelo?

A voz de McGravy tinha um tom inconfundível de desprezo. Judd sentiu uma raiva fria irromper dentro de si.

- O que está querendo dizer?

- Vou trocar em miúdos, Doutor. Não creio que ninguém tenha estado aqui e não acredito que estejam querendo matá-lo.

- Não precisa aceitar a minha palavra tão-somente - disse Judd furioso. - E o que me diz das luzes? E o que me diz do vigia noturno, Bigelow? - Ele está lá no saguão.

O coração de Judd parou por uma batida.

- Morto?

- Não estava quando nos abriu a porta. Houve um defeito na casa de força e Bigelow desceu ao porão para concertar. Tinha acabado o serviço quando chegamos.

Judd fitou-o por um longo tempo em silêncio, completamente aturdido. Finalmente exclamou:

- Oh!

McGreavy encaminhou-se para a porta, acrescentando:

- E faça-me um favor: não me telefone novamente. Pode deixar que eu voltarei a procurá-lo. O sargento fechou seu bloco ruidosamente e acompanhou-o.

Os efeitos do uísque se dissiparam. A euforia desapareceu e Judd mergulhou numa profunda depressão. Não tinha a menor idéia do que fazer agora. Estava mergulhado

num quebra- cabeças que não tinha nenhuma chave para ser decifrado. Sentia-se como um garoto que gritava "lobo". Só que os lobos eram fantasmas mortais e invisíveis, que pareciam desaparecer toda vez que McGreavy se aproximava. Fantasmas ou... Havia uma outra possibilidade. Era tão terrível que Judd não podia sequer admiti-la. Mas precisava fazê-lo.

Tinha que enfrentar a possibilidade de ele ser um paranóico.

Uma mente excessivamente tensa pode gerar ilusões que lhe parecem reais. Ele andava trabalhando demais! Há anos que não tirara férias! Era bem possível que as mortes de Hanson e Carol tivesse sido o agente catalizador que empurrara sua mente em algum precipício emocional, no qual os fatos mais insignificantes assumem proporções extremas e despropositadas. As pessoas que sofrem de paranóia vivem num mundo em que as coisas comuns do cotidiano constituem terrores incríveis. O acidente com o carro, por exemplo. Se fosse uma tentativa deliberada de matá-lo, o motorista do carro certamente teria saltado para se certificar de que o trabalho fora feito. E os dois homens que haviam aparecido ali naquela noite. Ele nem sequer se apercebeu se eles estavam armados. A primeira suposição de um paranóico não seria a de que tinham vindo matá-lo? O mais lógico seria imaginar que eram apenas ladrões.

Ao ouvirem as vozes em sua sala, tinham tratado de fugir. Se fossem mesmo assassinos, teriam escancarado a porta e tratado de matá-lo. Mas como ele podia descobrir a verdade? Judd sabia que era inútil apelar novamente à polícia. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer...

Uma idéia começou a tomar forma em sua mente. Era uma conseqüência do seu desespero. Mas, quanto mais a examinava, mais achava que não tinha outra saída. Pegou o catálogo telefônico e começou a folhear as páginas amarelas.

Capítulo 9

Às quatro horas da tarde do dia seguinte Judd deixou seu consultório e seguiu para um endereço no West Side. Era uma casa de apartamentos antiga e decadente, escurecida pelo passar do tempo. Ao parar o carro em frente ao prédio, Judd começou a sentir apreensões. Talvez tivesse anotado o endereço errado. Mas logo uma placa numa janela do primeiro andar chamou sua atenção:

NORMAN Z. MOODY

Investigador Particular Satisfação Garantida

Judd saltou do carro. Era um dia frio, com muito vento, anunciando a neve que não tardaria a cair. Ele atravessou rapidamente a calçada gelada e entrou no vestíbulo do prédio.

O lugar tinha o cheiro rançoso de muitas refeições cozinhadas e de urina. Judd apertou o botão marcado "Norman Z. Moody - 1". Um momento depois soou uma campainha. Ele passou para um corredor escuro e logo encontrou o apartamento 1. Uma placa na porta dizia:

MORMAN Z. MOODY

Investigador Particular

TOQUE A CAMPAINHA E ENTRE

Judd tocou a campainha e entrou.

Evidentemente Moody não era um homem dado a gastar dinheiros com luxos desnecessários. O escritório parecia ter sido mobiliado por um rato do campo, desses que gostam de pegar e guardar tudo o que se encontra, cego e com um problema de tireóide. Bugigangas se acumulavam em todos os centímetros disponíveis na sala. A um canto havia um biombo japonês, bastante avariado. Perto, um abajur de pé empilhado e, em frente uma mesa escalavrada no estilo dinamarquês moderno.

Jornais e revistas velhas estavam empilhados por toda a parte.

Subitamente abriu-se uma porta interna e Norman Z. Moody apareceu. Ele devia ter cerca de 1,65 metros de altura e pesava aproximadamente 150 quilos. Sacudia-se todo ao andar fazendo Judd pensar num Buda animado. O rosto era redondo e jovial, com olhos azuis grandes, claros e francos. Era totalmente calvo e sua cabeça tinha um formato de ovo. Era impossível definir-lhe a idade.

- Sr. Stevenson?

- Dr. Stevens.

- Sente-se, sente-se.

Buda com um sotaque arrastado dos sulistas.

Judd olhou em redor, procurando um lugar onde sentar-se. Removeu uma pilha de revistas de mudismo e de aperfeiçoamento corporal de cima de uma poltrona de couro de aspecto escrofuloso, com muitas tiras rasgadas, e sentou-se cautelosamente.

Moody sentou seu corpo imenso numa cadeira de balanço de tamanho descomunal.

- Muito bem... O que posso fazer pelo senhor?

Judd compreendeu que cometera um erro. Pelo telefone, fornecera seu nome completo a Moody. Um nome que estivera nas primeiras páginas de todos os jornais de Nova York nos últimos dias. E conseguira escolher o único detetive particular de toda a cidade que ainda não ouvira falar nele. Judd procurou rapidamente algum pretexto para sair dali imediatamente.

- Quem me recomendou?

Judd hesitou, não querendo ofendê-lo.

- Encontrei seu nome nas páginas amarelas. Moody riu.

- Não sei o que faria sem as páginas amarelas. A maior invenção do mundo desde o uísque de milho.

Ele soltou outra risadinha brusca. Judd levantou-se. Não havia a menor dúvida de que estava mesmo tratando com um idiota completo.

- Lamento ter tomado o seu tempo, Sr. Moody. Gostaria de pensar mais um pouco antes de...

- Claro que compreendo. Mas terá que me pagar pela entrevista.

- Não há problema.

Judd meteu a mão no bolso e tirou algumas notas.

- Quanto é?

- Cinqüenta dólares.

- Cinqüenta...?

Judd engoliu em seco, furioso, mas separou algumas notas e colocou-as na mão de

Moody, que contou o dinheiro cuidadosamente.

- Muito obrigado - disse Moody.

Judd encaminhou-se para a porta, sentindo-se um tolo.

- Doutor...

Judd virou-se, Moody estava sorrindo, com uma expressão benevolente, enfiando o dinheiro no bolsinho do colete.

- Já que gastou os seus cinqüenta dólares, poderia muito bem sentar-se de novo e contar-me

o seu problema. Eu sempre digo que nada alivia mais que pôr para fora as coisas que nos estão oprimindo.

A ironia da observação, partindo daquele gordo tolo, quase fez Judd rir. Ele devotaria toda a sua vida a ouvir as pessoas que estavam precisando desabafar. O que tinha a perder? Talvez conversar com um estranho pudesse ajudar. Lentamente ele voltou para a poltrona e sentou- se.

- Parece que está carregando todo o peso do mundo, Doutor. Eu sempre digo que quatro ombros valem mais do que dois.

Judd não tinha muita certeza de quantos aforismos de Moody conseguiria suportar. Moody observava-o atentamente.

- O que o trouxe aqui, Doutor? Mulheres? Ou dinheiro? Eu sempre digo que, removendo-se as mulheres e o dinheiro, quase todos os problemas do mundo estão resolvidos.

Moody continuou a olhar para Judd, esperando por uma resposta.

- Eu... eu acho que alguém está querendo matar-me. Os olhos azuis piscaram.

- Acha?

Judd ignorou a pergunta.

- Talvez pudesse fornecer-me o nome de alguém especializado na investigação desse tipo de coisas.

- Mas é claro que posso: Norman Z. Moody. O melhor do país.

Judd suspirou de desespero.

- Por que não me conta tudo, Doutor? Vamos ver se duas cabeças juntas conseguem pensar melhor.

Judd não conseguiu conter o sorriso. Moody parecia-se tanto com ele próprio! "Apenas". deite-se e diga qualquer coisa que lhe passe pela cabeça ". Por que não? Judd respirou fundo e" relatou a Moody, o mais concisamente possível, os acontecimentos dos últimos dias. Ele estava, na realidade, falando para si mesmo, traduzindo em palavras todas as coisas atordoantes que haviam ocorrido. Evitou cuidadosamente qualquer referência às

suas apreensões a respeito da sua própria sanidade mental. Quando Judd acabou, Moody fitou-o com uma expressão jovial.

- Está com um problema e tanto, Doutor. Ou alguém está mesmo querendo matá-lo ou então o senhor está com medo de se transformar num paranóico esquizofrênico.

Judd ficou surpreso. Tinha que reconhecer que Norman Z. Moody marcara o primeiro ponto.

- Disse que há dois detetives trabalhando no caso, Doutor. Lembra-se dos nomes deles? Judd hesitou. Estava relutante em se comprometer mais a fundo com aquele homem gordo. Tudo o que realmente queria agora era sair dali. Mas acabou dizendo:

- Frank Angeli e Tenente McGreavy.

Houve uma mudança quase imperceptível na expressão de Moody.

- Que razão alguém poderia ter para matá-lo, Doutor?

- Não tenho a menor idéia. Pelo que sei, não tenho nenhum inimigo.

- Ora, deixe disso. Todo mundo tem inimigos. Eu sempre digo que os inimigos são o sal do pão da vida.

Judd procurou não estremecer.

- Casado?

- Não.

- É bicha, por acaso? Judd suspirou.

- Escute, já conversei tudo isso com a polícia e...

- Eu sei. Só que agora está-me pagando para ajudá-lo - disse Moody, imperturbável. - Deve dinheiro a alguém?

- Só as contas mensais normais.

- O que me diz dos seus pacientes?

- O que deseja saber a respeito deles?

- Eu sempre digo que, quando se quer encontrar conchas é preciso ir à praia. Seus pacientes são todos pirados, não é mesmo?

- Não - disse Judd rispidamente. - São pessoas com problemas.

- Problemas emocionais que não podem resolver sozinhos. Algum deles poderia ter algo contra o senhor? Não me estou referindo a um motivo real de queixa, mas talvez alguém alimente um ressentimento imaginário.

- É possível. Só que a maioria dos meus pacientes está-se tratando comigo há um ano ou mais. E nesse tempo pude conhecê-los tão bem quanto um ser humano pode conhecer a outro.

- Eles nunca ficam com raiva do senhor? - indagou Moody, com uma expressão

inocente.

- Algumas vezes. Mas não estamos procurando alguém que possa ter raiva de mim e sim um paranóico homicida que já matou pelo menos duas pessoas e fez mais de uma tentativa para me matar.

Judd hesitou, mas depois viu-se obrigado a acrescentar:

- Se eu tenho um paciente nessas condições e não sei, então o senhor está olhando para mais um incompetente psicanalista que já existiu.

Judd ergueu os olhos e viu que Moody o examinava atentamente.

- Eu sempre digo que devemos tratar primeiro das coisas que vêm em primeiro lugar - disse Moody, jovialmente. - E a primeira coisa que temos de descobrir é se alguém está mesmo tentando liquidá-lo ou se o senhor está ficando maluco. Não é mesmo, Doutor?

Ele abriu um sorriso largo, que iluminava qualquer possibilidade de insulto em suas palavras.

- E como vamos descobrir?

- É bem simples, Doutor. Seu problema é que está rebatendo bolas que descrevem uma curva e não sabe se há alguém que as lança. Em primeiro lugar, vamos descobrir se está mesmo havendo um jogo. Depois descobriremos quem são os jogadores. Tem carro?

- Tenho.

Judd já esquecera completamente a idéia de sair dali e ir procurar outro detetive particular. Sentia agora que, por baixo do rosto inocente e afável de Moody e de suas máximas de algibeira havia uma capacidade tranqüila e inteligente.

- Acho que está com os nervos abalados, Doutor. Quero que tire uns dias de férias.

- Quando?

- A partir de amanhã.

- Mas isso é impossível! Tenho pacientes marcados e... Moody interrompeu-o:

- Cancele todas as consultas.

- Mas de que vai adiantar...

- Eu por acaso lhe digo como deve cuidar dos seus negócios? Quando sair daqui, quero que vá direto a uma agência de viagens. Peça que lhe façam uma reserva...

Moody pensou por um momento antes de continuar:

- ...No Grossinger's. É uma bela viagem de carro através das montanhas Catskills. O prédio em que mora tem garagem?

- Tem.

- Pois então peça que preparem seu carro para a viagem. Não vá querer enguiçar no meio do caminho!

- Não posso deixar para a próxima semana? Amanhã tenho um dia cheio...

- Depois que fizer a reserva, vá direto para seu consultório e ligue para todos os seus pacientes. Diga-lhes que se trata de uma emergência e que estará de volta dentro de uma semana.

- Mas não posso realmente fazer isso. É fora de...

- É melhor telefonar para Angeli. Não quero que a polícia comece a procurá-lo depois de partir.

- Mas por que tenho de viajar?

- Para proteger os seus cinqüenta dólares. O que me faz lembrar de uma coisa: vou precisar de mais duzentos como sinal. Cobro cinqüenta dólares por dia mais as despesas.

Moody ergueu o corpo imenso da cadeira de balanço.

- Quero que saia bem cedo amanhã, para que chegue antes do anoitecer. Pode partir por volta das sete horas da manhã?

- Creio que sim. O que irei encontrar quando chegar lá em cima?

- Com um pouco de sorte, talvez consiga marcar um ponto no jogo em que está metido. Cinco minutos depois, Judd voltava a seu carro, pensativo. Dissera a Moody que não poderia partir assim de repente, cancelando as consultas com tão pouca antecedência. Mas sabia que era exatamente isso o que iria fazer. Estava literalmente pondo a sua vida nas mãos daquele falstaff do mundo da investigação particular. Ao arrancar, ele olhou novamente para a placa que estava pendurada na janela:

"SATISFAÇÃO GARANTIDA"

"É bom que seja mesmo", pensou Judd, sombriamente.

Os planos para a viagem foram executados sem qualquer contratempo. Judd parou numa agência de viagens de Madison Avenue. Reservaram-lhe um quarto no Grossinger's e forneceram-lhe um mapa rodoviário da região e diversos folhetos coloridos sobre as montanhas Catskills. Em seguida ele ligou para o serviço de recados telefônicos e pediu que telefonassem para todos os pacientes e cancelassem as consultas, até nova comunicação. Depois telefonou para o 19° Distrito e pediu para falar com o Detetive Angeli.

- Angeli está em casa, doente - disse uma voz impessoal. - Quer o número da casa dele?

- Quero.

Momentos depois, Judd estava falando com Angeli. Pela voz dele, devia estar com um tremendo resfriado.

- Cheguei à conclusão que estou precisando sair da cidade por alguns dias - disse Judd. - Vou partir amanhã de manhã. Mas antes queria informá-lo.

Houve um silêncio prolongado do outro lado, enquanto Angeli pensava no assunto.

- Até que não é má idéia, Doutor. Para onde pretende ir?

- Pensei em ficar no Grossinger's.

- Está certo. Não se preocupe. Resolverei tudo com McGreavy. Angeli hesitou por um instante.

- Já soube o que aconteceu em seu consultório ontem à noite.

- Está querendo dizer que ouviu a versão de McGreavy, não é? - Conseguiu ver os dois homens que tentaram matá-lo?

"Então pelo menos Angeli acreditava nele".

- Não.

- Não há o que possa dizer para ajudar-nos a encontrá-los? Cor, idade, altura?

- Lamento, mas não vi nada. Estava tudo escuro. Angeli fungou.

- Está bem. Continuarei a procurar. Talvez eu já tenha alguma notícia quando voltar. Tome cuidado, Doutor.

- Certo - disse Judd, agradecido, desligou logo.

Em seguida, ele telefonou para o presidente da companhia em que Burke trabalhava e explicou-lhe rapidamente a situação. Não havia outra alternativa senão interná-lo o mais depressa possível. Judd ligou depois para Peter, explicou-lhe que tinha de sair da cidade por uma semana e pediu-lhe que tomasse as providências necessárias com relação a Burke. Peter concordou.

As cartas estavam na mesa.

O que mais perturbava Judd era que não podia ver Anne na próxima sexta-feira. Talvez nunca mais tornasse a vê-la.

Judd pensou em Norman Z. Moody ao voltar para seu apartamento. Tinha a impressão que sabia qual o plano de Moody. Fazendo com que Judd comunicasse a todos os seus pacientes que estava de partida, Moody queria certificar-se de que, se um deles fosse o assassino, e se é que existisse mesmo um assassino, ele iria ser atacado. Tratava-se de uma armadilha. E o próprio Judd era a isca.

Moody determinara que ele deixasse o endereço para onde estava indo com seu serviço de recados telefônicos e com o porteiro do prédio em que morava. Era para que todos pudessem saber onde Judd se encontrava.

Quando Judd estacionou diante do seu prédio, Mike estava parado ali para cumprimentá-lo.

- Vou viajar amanhã de manhã, Mike. Poderia pedir que preparassem o carro e

enchessem o tanque?

- Pode deixar que eu cuido de tudo, Dr. Stevens. A que horas vai precisar do carro?
- Pretendo sair às sete horas da manhã.

Judd sentiu que Mike o observava enquanto entrava no prédio. Subiu para o seu apartamento e trancou todas as portas, verificando cuidadosamente as janelas. Tudo parecia estar em ordem.

Tomou duas pílulas de codeína, despiu-se e entrou num banho quente, massageando cuidadosamente o corpo dolorido, sentindo que as tensões iam-se esvaindo das costas e do pescoço.

Ficou por muito tempo estendido na banheira cheia de água quente, pensando. Por que Moody o alertara para providenciar a fim de que o carro não enguiçasse na estrada? Porque seria o local mais provável para atacarem-no, em algum ponto da estrada deserta nas Catskills? E o que Moody poderia fazer se Judd fosse então atacado? Moody recusara-se a lhe contar qual era o seu plano - se é que tinha algum plano. Quanto mais Judd pensava no caso, mais convencido ficava de que estava indo direto para uma armadilha. Moody dissera que estava armando para os perseguidores de Judd. Mas não importava quantas vezes Judd assim o dissesse a si mesmo, a resposta parecia ser sempre a mesma: a armadilha parecia preparada para apanhá-lo. Mas por quê? Que interesse Moody poderia ter em vê-lo morto? "Meu Deus", continuou pensando Judd, "escolhi um nome ao acaso nas páginas amarelas do Catálogo Telefônico de Manhattam e já estou começando a pensar que ele quer que eu seja assassinado! Sou de fato um paranóico"!

Ele sentiu que os olhos começavam a se fechar. As pílulas e o banho quente haviam atuado eficientemente. Cansado, ele saiu da banheira, enxugou cuidadosamente o corpo dolorido com uma toalha felpuda e vestiu um pijama. Foi para a cama e fixou o relógio elétrico para despertar as seis da manhã. E caiu na cama num sono profundo de exaustão .

Judd acordou instantaneamente quando o despertador tocou, às seis horas da manhã. E, como se não houvesse decorrido tempo algum, seu primeiro pensamento foi: "Não acredito numa série de coincidências e não creio que um dos meus pacientes seja um maníaco homicida. Portanto, ou sou um paranóico ou estou-me tornando um". O que ele precisava era de consultar outro psicanalista.

Telefonaria para o Dr. Robbie. Sabia que isso significaria o fim de sua carreira profissional, mas não havia outra alternativa. Se estava sofrendo de paranóia, teria que ser internado. Será que Moody desconfiava de que estava tratando com um desequilibrado mental? Será que fora por isso que sugeria que tirasse uma semana de férias? Não porque pensasse que alguém estava querendo matar Judd, mas porque estava vendo todos os sinais de um colapso nervoso? Talvez a melhor coisa a fazer fosse mesmo aceitar o conselho de Moody e passar alguns dias nas Catskills. Sozinho, sem nenhuma das pressões que o estavam atormentando, ele poderia avaliar a si mesmo com toda a calma, procurar descobrir quando a sua mente começara a enganá-lo, quando começara a perder o contato com a

realidade. Quando voltasse, marcaria uma consulta com o Dr. Robbie e entregar-se-ia aos seus cuidados.

Foi uma decisão difícil, mas Judd sentiu-se melhor depois de tomá-la. Vestiu-se, arrumou uma mala com roupas suficientes para cinco dias e depois foi para o elevador.

Eddie ainda não entrara de serviço e o elevador estava ligado ao automático. Judd desceu até a garagem, no subsolo. Procurou Wilt, o garagista, mas ele não estava por ali. A garagem estava deserta.

Judd localizou o seu carro estacionado a um canto, encostado na parede de cimento. Foi até lá, pôs a valise no banco de trás, abriu a porta da frente e sentou-se ao volante. Ao estender a mão para a chave de ignição um homem surgiu ao lado do carro, como que materializado no ar. O coração de Judd disparou.

- É bastante pontual, Doutor. Era Moody.

- Não sabia que viria desejar-me boa viagem.

O rosto de Moody se iluminou. Suas feições de querubim se abriram num sorriso largo.

- Eu não tinha coisa melhor para fazer e não consegui dormir.

Judd sentiu-se subitamente agradecido pela maneira hábil como Moody estava controlando a situação. Ele não fizera qualquer referência ao provável desequilíbrio mental de Judd, insinuando apenas que ele fosse para as montanhas e descansasse um pouco. Logo, o mínimo que Judd poderia fazer era continuar a aparentar que estava tudo normal.

- Cheguei à conclusão de que estava certo e vou até as Catskills para ver se consigo marcar um ponto no jogo.

- Não precisa ir a lugar nenhum para isso, Doutor. O ponto já foi marcado. Judd fitou-o com uma expressão aturdida.

- Não estou entendendo...

- É simples. Eu sempre digo que se deve começar a cavar quando se quer chegar ao fundo de alguma coisa.

- Sr. Moody...

Moody apoiou-se na porta do carro.

- Sabe o que me estava despertando curiosidade em seu probleminha, Doutor? É que parecia que a cada cinco minutos alguém estava tentando matá-lo... talvez. E esse "talvez" me fascinava. Não havia nada que pudéssemos fazer enquanto não descobríssemos se alguém estava realmente querendo transformá-lonum cadáver ou se simplesmente o senhor estava ficando maluco.

- Mas as Catskillls... - disse Judd, debilmente.

- Ora, Doutor, Jamais pensei que fosse mesmo para as Catskills. Moody abriu a porta do carro.

- Saia, Doutor.

Aturdido, Judd saiu do carro.

- A viagem foi apenas publicidade. Eu sempre digo que é preciso jogar sangue na água primeiro quando se quer apanhar um tubarão.

Judd continuava a fitá-lo, sem entender nada.

- Infelizmente nunca conseguiria chegar às Catskills - disse Moody, gentilmente.

Ele foi até a frente do carro e levantou o capô. Judd prostrou-se ao seu lado. Havia três bastões de dinamite ligados ao distribuidor. Dois fios soltos pendiam da ignição.

- Ia explodir assim que ligasse o carro - disse Moody.

- Mas como pôde... Moody sorriu.

- Eu já lhe disse que sou dado a insônia. Cheguei aqui por volta da meia-noite. Dei algum dinheiro ao vigia noturno para sair, e divertir-se um pouco e fiquei esperando nas sombras. E vou ter que dar mais vinte dólares ao vigia noturno. Não quis que o negócio saísse barato.

Judd sentiu uma afeição súbita por aquele homem gordo.

- E viu quem foi?

- Não. Colocaram a dinamite antes de eu chegar. Às seis horas da manhã achei que ninguém ia aparecer e resolvi dar uma olhada.

Ele apontou para os fios soltos e acrescentou:

- Seus amigos são realmente espertos. Ligaram um segundo fio de maneira que a dinamite explodisse também se o senhor levantasse o capô totalmente. A mesma coisa aconteceria se ligasse a ignição. Há dinamite bastante para destruir metade da garagem.

Judd sentiu-se subitamente nauseado o estômago embrulhado. Moody fitou-o com uma expressão de simpatia.

- Anime-se, Doutor. Pense no progresso que já fizemos. Já sabemos duas coisas. Em primeiro lugar, temos certeza agora de que não está pirado. Em segundo lugar...

Moody fez uma pausa, o sorriso desaparecera-lhe do rosto.

- ...Sabemos também que alguém está ansioso por assassiná-lo, Dr. Stevens.

Capítulo 10

Eles estavam sentados na sala de estar do apartamento, conversando. O corpo imenso de Moody se esparramava sobre o sofá. Moody guardara todas as peças da bomba desarmada na mala do próprio carro.

- Não deveria tê-la deixado no lugar, para que a polícia pudesse examinar? - perguntou Judd.

- Eu sempre achei que a coisa que mais confunde no mundo é o excesso de informações.

- Mas isso iria provar ao tenente McGreavy que estou dizendo a verdade!

- Iria mesmo?

Judd compreendeu imediatamente. McGravy certamente iria pensar que fora ele próprio quem colocara os bastões de dinamite. Não obstante, parecia-lhe estranho que um detetive particular ocultasse informações à polícia. Sua impressão era de que Moody se parecia com um iceberg. A maior parte do homem estava oculta sob a superfície, por trás daquela fachada de gordo bonachão de cidade pequena. Naquele momento, ouvindo Moody falar, Judd sentiu-se exultante. Ele não era um insano e o mundo estava subitamente repleto de terríveis coincidências. Havia um assassino à solta. Um assassino de carne e osso. E, por alguma razão ignorada, ele escolhera Judd como seu alvo.

"Meu Deus", pensou Judd, "como nossos egos podem ser facilmente destruídos"! Alguns minutos atrás ele estava pronto a acreditar que era um paranóico. A sua dívida para com Moody era incalculável.

- ...Afinal, o senhor é médico - estava dizendo Moody. - Eu sou apenas um velho detetive. E sempre digo que se deve ir à colméia quando se quer uma abelha.

Judd estava começando a compreender o jargão de Moody.

- Quer saber a minha opinião sobre o tipo do homem ou homens que estamos procurando?

- Isso mesmo. Estamos às voltas com um maníaco homicida que fugiu de um hospício ou temos que procurar mais fundo?

- Temos que ir mais fundo - disse Judd rapidamente.

- O que o leva a pensar assim, Doutor?

- Antes de mais nada, porque foram dois homens que tentaram arrombar meu consultório ontem à noite.. Eu ainda poderia engolir a história de lunático, mais dois

lunáticos trabalhando juntos é demais!

Moody assentiu, aprovando o raciocínio.

- Entendido. Continue.

- Em segundo lugar, porque uma mente desequilibrada pode ter uma obsessão, mas age de acordo com um padrão determinado. Não sei por que John Hanson e Carol Roberts foram assassinados. Mas, a menos que eu esteja completamente errado, estou marcado para ser a terceira e última vítima.

- O que o leva a pensar que será o último?

- Porque se houvesse outros para serem assassinados, eles teriam ido apanhá-los assim que fracassaram na primeira tentativa de matar-me. Em vez disso, porém, eles estão-se concentrando exclusivamente na tentativa de liquidar-me.

- Sabe, Doutor, acho que tem uma inclinação natural para o trabalho de detetive. Judd franziu o rosto.

- Mas há diversas coisas que não fazem o menor sentido.

- Tais como?

- Em primeiro lugar, o motivo. Não sei de ninguém que...

- Falaremos disso depois. O que mais?

- Se alguém está realmente tão ansioso por matar-me, já poderia tê-lo feito facilmente.

Quando aquele carro me atropelou, tudo que o motorista precisava fazer era dar macha à ré e passar com o carro por cima de mim. Eu estava desmaiado.

- Ah! É nesse ponto que o Sr. Benson entra na história. Judd fitou-o, sem entender.

- O Sr. Benson é a testemunha do acidente - explicou Moody, benevolente. - Descobri o

nome dele no relatório da polícia sobre o acidente e fui procurá-lo assim que o senhor saiu do meu escritório. O táxi custou-me três dólares e cinqüenta, Certo?

Judd assentiu, aturdido demais para conseguir falar.

- O Sr. Benson... Devo dizer que ele é peleiro. Tem coisas muito bonitas. Se quiser comprar algo para a sua namorada, fale comigo que lhe arranjarei um desconto especial. Seja como for, na terça-feira, o dia do acidente, ele estava saindo de um prédio onde a sua cunhada trabalha. Tinha levado alguns remédios para o seu irmão Matthew, que é vendedor de Bíblias e estava muito gripado.

A cunhada ia levar os remédios para casa.

Judd controlou a impaciência. Se Norman Z. Moody sentisse vontade de recitar toda a Declaração de Independência, ele escutaria sem reclamar.

- O Sr. Benson deixou os remédios com a cunhada e estava saindo do prédio quando

a limusine avançou em sua direção. É claro que ele não sabia na ocasião, que se tratava do senhor, Doutor.

Judd simplesmente assentiu.

- O carro andava um pouco de lado. Do ponto em que estava, Benson teve a impressão que derrapava. Quando viu o carro atropelá-lo, saiu correndo em sua direção. A limusine recuou para atropelá-lo novamente. O motorista viu então o Sr. Benson e fugiu em disparada.

Judd engoliu em seco.

- Então quer dizer que se o Sr. Benson por acaso não estivesse por perto...

- Isso mesmo. Nós dois não nos teríamos conhecido. Os rapazes não estão brincando em serviço. Estão mesmo a fim de liquidá-lo, Doutor.

- O que me diz do ataque ao meu consultório? Porque é que eles simplesmente não derrubaram a porta?

Moody ficou em silêncio por um momento.

- Não dá para entender. Eles poderiam ter arrombado a porta e matado o senhor e quem quer que estivesse em sua companhia, sem que ninguém os visse. Mas foram embora quando pensaram que o senhor não estava sozinho. Isso não combina com o resto da história.

Moody ficou novamente em silêncio, mordendo o lábio inferior.

- A menos...

- A menos o quê?

Uma expressão especulativa surgiu no rosto de Moody.

- Por enquanto vou guardar só para mim. Tive uma idéia, mas não faz sentido enquanto não encontrarmos um motivo.

Judd sacudiu os ombros, desolado.

- Não sei de ninguém que tenha motivo para matar-me. Moody pensou no assunto por um momento.

- Será que não partilhou nenhum segredo com o tal de Hanson e com Carol Roberts, Doutor? Algo que somente os três soubessem?

Judd sacudiu a cabeça.

- Os únicos segredos que tenho são segredos profissionais, a respeito dos meus pacientes. E não há absolutamente nada nos casos deles que possa justificar um homicídio. Nenhum de meus pacientes é agente secreto, espião estrangeiro ou foragido da justiça. São pessoas comuns, donas-de-casa, profissionais liberais, altos funcionários de grandes organizações, pessoas com problemas que não conseguem enfrentar sozinhas.

Moody fitou-o com uma expressão inocente.

- Tem certeza de que não há nenhum maníaco homicida entre os seus pacientes, Doutor? A voz de Judd era firme:

- Certeza absoluta. Ontem talvez eu não tivesse muita certeza. Para dizer a verdade, estava começando a pensar que eu próprio sofria de paranóia e que o senhor procurava confirmar essa teoria naquele nosso primeiro encontro.

Moody sorriu.

- A idéia me passou pela cabeça. Depois que me telefonou marcando o encontro, andei fazendo umas averiguações. Telefonei para dois médicos, amigos meus. O senhor tem uma reputação e tanto, Doutor.

Então o "Sr. Stevenson" fazia parte da fachada de caipira que Moody assumia.

- Se formos procurar a polícia agora com o que já sabemos - disse Judd -, poderemos, pelo menos, conseguir com que eles se ponham à procura de quem está por trás disso tudo.

Moody fitou-o com uma expressão um tanto surpresa.

- Acha mesmo? Mas não temos muita coisa para falar, não é mesmo, Doutor? Era verdade.

- Não quero que fique desanimado. Acho que estamos realmente progredindo. Já conseguimos diminuir consideravelmente o nosso campo de busca.

Quando Judd falou, havia um tom de frustração em sua voz:

- Claro. Já sabemos agora que pode ser qualquer pessoa dos Estados Unidos.

Moody ficou imóvel por um momento, contemplando o teto. Finalmente sacudiu a cabeça e murmurou:

- Famílias...

- Famílias? - Acredito quando me diz que conhece os seus pacientes por dentro e por fora, Doutor. Se me diz que eles não poderiam cometer os crimes, eu tenho que acreditar. Afinal de contas, é a sua colméia, e é quem cuida das abelhas.

Ele recostou-se no sofá e acrescentou:

- Mas diga-me uma coisa: costuma entrevistar as famílias dos seus pacientes?

- Não. Às vezes a família nem mesmo sabe que o paciente está sendo submetido à psicanálise. Moody exibiu uma expressão de satisfação.

- Aí está!

- Está pensando que um parente de algum dos meus pacientes esteja tentando me matar?

- É possível.

- Nenhum teria mais motivos que qualquer um dos meus pacientes. Provavelmente até menos. Moody levantou-se com bastante dificuldade.

- Nunca se sabe, não é mesmo, Doutor? Vou dizer o que gostaria que fizesse: arrume-me uma lista de todos os pacientes que teve nas últimas quatro ou cinco semanas. É impossível?

Judd hesitou.

- Não - disse ele finalmente.

- Está pensando nessa história do relacionamento confidencial entre médico e paciente? Creio que está na hora de contornar um pouco essa regra. A sua vida está em jogo.

- Acho que está na pista errada. O que tem acontecido não possui a menor relação com meus pacientes ou suas famílias. Se houvesse algum caso de insanidade nas famílias dos meus pacientes, eu já teria descoberto na psicanálise.

Judd sacudiu a cabeça e acrescentou:

- Lamento, Sr. Moody, mas tenho que proteger os meus pacientes.

- Disse que não havia em seu arquivo nada de importante.

- Nada que seja importante para nós.

Judd pensou em algumas das revelações que constavam em seus arquivos. John Hanson apanhando marinheiros nos bares de invertidos da Terceira Avenida. Teri Washburn fazendo amor com todos os músicos do conjunto que fora tocar em seu apartamento. Evelyn Warshak, prostituta de catorze anos...

- Lamento - disse ele novamente - mas não posso mostrar-lhe os meus arquivos... Moody sacudiu os ombros.

- Está certo. Mas sendo assim, terá de fazer uma parte do trabalho para mim.

- O que deseja que eu faça?

- Pegue as gravações de todas as pessoas que se deitaram em seu divã no último mês. Ouça atentamente cada uma. Só que desta vez não deve escutar como médico e sim como detetive. Procure alguma coisa que lhe pareça estranha e inexplicável.

- É o que sempre faço. Meu trabalho é justamente esse.

- Pois faça-o novamente. E fique bastante atento. Não quero perdê-lo até que este caso esteja resolvido.

Pegou o sobretudo, lutando para entrar dentro dele. Parecia executar os passos de um balé

de elefante. Diz-se que os homens gordos têm movimentos graciosos, pensou Judd. Mas o Sr. Moody não se incluía nessa categoria.

- Sabe o que eu acho mais estranho em toda essa história, Doutor?

- O que é?

- É o fato de dois homens terem tentado arrombar o seu consultório. Talvez um homem pudesse ter essa ânsia incontrolável de matá-lo... mas porquê dois?

- Não sei.

Moody ficou pensativo por um longo tempo. Exclamou de repente:

- Por Deus!

- O que é?

- Acabo de ter uma idéia. Se eu estiver certo, pode ser que haja mais de dois homens nessa história.

Judd mostrou-se incrédulo.

- Está querendo dizer que pode haver todo um bando de maníacos atrás de mim? Mas isso não faz sentido!

Havia uma expressão de excitamento crescente no rosto de Moody.

- Doutor, tenho a impressão de que sei quem é o juiz neste jogo. Ainda não sei como nem porquê..,. mas talvez eu possa saber quem.

- Quem?

Moody sacudiu a cabeça.

- O senhor me mandaria para um hospício se eu lhe dissesse. Eu sempre digo que se precisa ter certeza de que a arma está de fato carregada antes de se começar a disparar. Quero antes praticar um pouco de tiro ao alvo. Se eu tiver certeza de que estou na trilha certa, virei contar- lhe tudo.

- Espero que esteja - disse Judd, ansioso.

- Não, Doutor. Se aprecia a sua vida, um pouco que seja, deve rezar para que eu esteja errado.

E com isso Moody partiu.

Judd tomou um táxi e seguiu para o seu consultório.

Era meio-dia de sexta-feira. Faltando apenas três dias para o Natal, as ruas estavam apinhadas de pessoas que faziam compras de última hora, encolhendo-se contra o vento gelado que soprava no rio Hudson. As vitrinas das lojas eram festivas e iluminadas, com árvores de Natal e figuras esculpidas da Natividade, Paz na Terra. Nata, Elizabeth e o filho que não chegara a nascer. Se conseguisse sobreviver, não estaria longe o dia que alcançaria a sua própria paz, libertando-se de um passado morto e enterrado. Ele sabia que, com Anne, teria... Judd conteve-se firmemente. De que adiantava fazer fantasias com uma mulher casada que estava perto de ir para longe com o marido, a quem ela amava?

O táxi parou diante do edifício em que ficava seu consultório e Judd saltou, olhando

nervosamente ao redor. Mas o que ele devia procurar? Não tinha a menor idéia de qual seria a arma assassina e nem de quem a estaria empunhando.

Chegando ao consultório, Judd trancou cuidadosamente a porta externa, depois foi ao armário embutido onde guardava as gravações das sessões e abriu-o. As fitas estavam arquivadas cronologicamente, sob o nome de cada paciente. Ele tirou as mais recentes e levou-as para o gravador. Com todas as consultas daquele dia canceladas, poderia concentrar- se inteiramente em tentar descobrir alguma pista que pudesse envolver amigos e parentes dos seus pacientes. Judd tinha a impressão de que a sugestão de Moody era inútil, mas passara a ter respeito bastante pelo detetive particular para ignorá-la.

Ao colocar a primeira fita no gravador, recordou-se da última vez em que usava o gravador. "Será que fora mesmo apenas na noite anterior"? A recordação produziu nele uma sensação aguda de pesadelo. Alguém planeara assassiná-lo naquela sala, o mesmo lugar em que haviam assassinado Carol.

Judd compreendeu subitamente que nem se lembrara dos pacientes da clínica gratuita onde trabalhava uma vez por semana. Provavelmente porque os assassinos tinham aparecido no seu consultório e não no hospital. Mesmo assim... Ele foi até à parte do armário embutido onde estava escrito "CLÍNICA", examinou as fitas e selecionou meia dúzia. Pôs a primeira no gravador.

Rose Graham.

- ...um acidente, Doutor. Nancy chora demais. Está sempre gemendo. Assim, quando bato nela, é para o seu próprio bem, entende?

- Já procurou alguma vez descobrir por que Nancy chora tanto? - indagou a voz de Judd.

- É porque ela é mimada. O pai estragou-a completamente e depois foi embora e nos deixou. Nancy sempre se julgou a filhinha do papai. Mas como Harry poderia amá-la, se nos abandonou desse jeito?

- Você e Harry nunca se casaram, não é?

- Bem... nós vivíamos maritalmente. É assim que chamam, não é? ïamo-nos casar.

- Há quanto tempo viviam juntos?

- Quatro anos.

- Quanto tempo depois de Harry tê-la abandonado é que você quebrou o braço de Nancy?

- Acho que uma semana depois. Eu não tinha intenção de machucá-la. Mas ela não parava de se lamuriar e acabei pegando a vara da cortina e batendo nela.

- Acha que Harry amava Nancy mais do que a você?

- Não. Harry era louco por mim.

- Então por que acha que ele a deixou?

- Porque ele era homem. E sabe como os homens são? Uns animais! Todos vocês! Deviam ser massacrados como porcos!

Soluços.

Judd desligou o gravador e ficou pensando em Rose Graham. Ela era uma misantropa psicopata e quase matara de pancada a filha de seis anos, em duas ocasiões. Mas os padrões dos crimes não se ajustavam à psicose de Rose Grahan.

Ele pôs outra fita de pacientes da Clínica no gravador. Alexandre Fallon.

- A polícia diz que atacou o Sr. Champion com uma faca, Sr. Fallon?

- Fiz apenas o que me mandaram.

- Alguém o mandou matar o Sr. Champiom?

- Ele me disse para fazê-lo.

- Ele quem?

- Deus.

- Porque é que Deus o mandou matar o sr. Champion?

- Porque Champion é um homem do diabo. Ele é um ator. Eu o vi no palco. Beijou aquela mulher, aquela atriz, na frente de todo o mundo. Beijou-a e...

Silêncio.

- Continue.

- Segurou-lhe... a teta.

- E isso o perturbou?

- Mas claro que sim! Deixou-me transtornado. Será que não compreende o que aquilo significava? Que ele tinha um conhecimento carnal dela! Quando saí do teatro, a sensação que tive foi de que acabara de voltar de Sodoma e Gomorra. Eles tinham que ser punidos.

- E então decidiu matá-lo?

- Não fui eu quem decidiu. Deus é quem o fez. Eu apenas executei as Suas ordens.

- Deus lhe fala com muita freqüência?

- Somente quando há trabalho Seu para ser feito. Ele me escolheu como Seu instrumento porque sou puro. Sabe o que me torna puro? E sabe o que é a coisa mais purificadora do mundo?

Exterminar os maus.

Alexandre Fallon. Trinta e cinco anos. Assistente de padeiro. Fora enviado para um hospício durante seis meses e depois solto. Será que Deus lhe ordenara que destruísse Hanson, um homossexual, e Carol, uma antiga prostituta, além de Judd, o benfeitor de ambos? Judd concluiu que era improvável. Os processos mentais de Fallon obedeciam

a espasmos breves e dolorosos. Quem quer que tivesse planeado os crimes, era inegavelmente uma pessoa altamente eficiente e organizada.

Ele tocou diversas fitas dos pacientes da clínica, mas nenhuma delas se ajustava ao padrão que estava procurando. Não, não era nenhum paciente da clínica.

Repassou então os pacientes do consultório e um nome logo lhe despertou a atenção. Skeet Gibson.

Pôs a fita no gravador.

- Bom dia, Doutor. O que acha desse lindo dia que lhe preparei especialmente?

- Estou-me sentindo bem hoje.

- Se eu me estivesse sentindo melhor, eles certamente me iriam trancafiar. Foi ao meu espetáculo ontem à noite?

- Não me foi possível. Lamento.

- Foi um estouro. Jack Gould chamou-me de "o maior comediante do mundo". E quem sou eu para discutir com um gênio Jack Gould? Devia ter ouvido o público. Eles aplaudiram freneticamente. Sabe o que isso prova?

- Que eles sabem ler os cartões de "Aplausos"?

- É muito esperto, seu diabo! É disso que eu gosto: um "espreme-crânios" que tem senso de humor. O último que eu tive era um chato! Tinha uma barba imensa que realmente me incomodava.

- Por quê?

- Porque era uma mulher.

Risadas. - Eu o peguei desta vez, não é? Agora falando sério, uma das razões pelas quais estou-me sentindo tão bem hoje é que acabei de investir um milhão de dólares para ajudar as crianças em Biafra.

- Não é de admirar que se sinta bem.

- Pode apostar que sim. A história saiu nas primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro.

- E isso é muito importante?

- Como assim? Quantos caras acha que podem investir tanto dinheiro assim? Tem que começar a tocar a sua buzina, Peter Pan. Estou na maior satisfação de poder investir um dinheiro desses.

- Está falando o tempo todo em investir. O que quer dizer é doar, não é?

- Dá tudo no mesmo. A gente emprega um milhão de dólares e logo estão todos nos beijando os pés. Eu já lhe disse que hoje é meu aniversário de casamento?

- Não. Parabéns!

- Obrigado. Quinze anos espetaculares. Acho que nunca conheceu Sally. É a rapariga mais maravilhosa que já caminhou por esta terra de Deus. Sabe como os parentes da mulher podem ser um incômodo, não é? Pois Sally tem dois irmãos, Ben e Charley. Eu já lhe falei a respeito deles. Ben é o principal redator do meu programa de televisão e Charley é meu produtor. Eles são uns gênios!

Já tem sete anos que estou no ar. E em nenhum momento deixamos de estar entre os dez programas de maior audiência. Fui muito esperto em casar-me e entrar numa família como essa, não acha? A maioria das mulheres fica gorda e desleixada depois que agarra o marido. Mas Sally, graças a Deus, está mais esbelta agora do que no dia em que nos casamos. Que mulher! Tem um cigarro aí, Doutor?

- Tome. Pensei que tivesse parado de fumar.

- Eu apenas quis demonstrar para mim mesmo que ainda tinha a velha força de vontade, e por isso parei. Mas agora voltei a fumar porque quero... Fiz ontem um novo contrato com a televisão. E realmente passei-os para trás. Minha hora já acabou?

- Ainda não. Por que está tão inquieto, Skeet?

- Para lhe dizer a verdade, queridinho, estou em tão boa forma que nem mesmo sei por que continuo a vir aqui!

- Não tem problemas?

- Eu? O mundo é minha ostra e eu sou "Diamond Jim Brady". Tenho que agradecer-lhe, Doutor. Ajudou-me de verdade. É o meu homem. Tenho a impressão de que o senhor ganha tanto dinheiro que até me dá vontade de estabelecer-me por conta própria no seu ramo. O que acha da idéia? Isso me lembra a história de um cara que vai consultar um "espreme-crânios", mas está tão nervoso que apenas se deita no divã e não diz coisa alguma. Ao final de uma hora, o médico diz que são cinqüenta dólares. A mesma cena se repete durante dois anos inteirinhos, sem que o cara fale coisa alguma. Mas, finalmente, o cara resolve abrir a boca: "Doutor, posso fazer-lhe uma pergunta?"

Diz o médico: "Mas é claro!" E o camaradinha diz: "Não gostaria de ter um sócio?" Risadas.

- Tem uma aspirina ou algo assim?

- Claro! Está com outra das suas dores de cabeça?

- Não é nada que eu não possa controlar, companheiro... Obrigado. Isso vai resolver.

- O que acha que provoca essas suas dores de cabeça?

- Apenas a tensão normal do show-business... Esta tarde vamos fazer a leitura do script do próximo programa.

- E isso o deixa nervoso?

- A mim? Mas claro que não! Por que eu deveria ficar nervoso? Se as minhas piadas são horríveis, eu faço uma carranca e pisco para o público e eles engolem direitinho. Não importa o quão nojento seja um programa, o velho Skeet sempre sai cheirando como uma

rosa!

- Por que acha que tem essas dores de cabeça todas as semanas?

- Como diabo eu vou saber? O senhor que é médico é que deve dizer-me. Eu não lhe pago para passar uma hora sentado em cima desse traseiro gordo a me fazer perguntas estúpidas. Meu Deus, se um idiota como você não pode curar uma simples dor de cabeça, então eles não deveriam deixá-lo à solta confundindo a vida das pessoas. Onde é que conseguiu o seu diploma de médico?

Numa escola de veterinária? Eu não lhe confiaria os meus gatos! Não passa de um miserável charlatão! A única razão que me fez procurá-lo foi a insistência de Sally. Só assim consegui me livrar dela. Conhece a minha definição de Inferno? É estar casado com uma mulher feia e esquelética durante quinze anos. Se está procurando mais alguns otários para explorar, fale com os dois irmãos de Sally, Ben e Charley. Ben é o principal redator do meu programa, mas não sabe qual é a ponta do lápis com que se pode escrever. E Charley é ainda mais estúpido. Eu gostaria de que todos caíssem mortos. Só estão a fim de me explorar. E pensa que eu gosto de você? Muito pelo contrário.

Não passa de um nojento! É um presunçoso, sentado aí a olhar tudo de cima. Não tenho nenhum problema, não é? E sabe porquê? Porque não existe de verdade. Tudo o que é passar o dia arriado nesse traseiro gordo a roubar o dinheiro das pessoas doentes. Pois bem, seu filho da puta, eu vou destruí-lo. Vou denunciá-lo à Associação Médica Americana...

Silêncio.

- Eu gostaria de não ter que ir à maldita leitura... Silêncio.

- Continue firme aqui, queridinho. Até a próxima semana.

Judd desligou o gravador. Skeet Gibson, atualmente o mais famoso comediante da América, devia ter sido internado dez anos atrás. Suas diversões eram espancar coristas jovens e louras e provocar brigas de bar. Skeet era um homem pequeno, mas começara a vida como lutador de boxe e sabia como machucar os outros. Um dos seus desportos preferidos era entrar num bar de efeminados, atrair um homossexual inocente para o banheiro e ali espancá-lo impiedosamente.

Skeet fora agarrado pela polícia por diversas vezes, mas os incidentes tinham sido sempre abafados. Afinal de contas ele era o maior comediante da América. Skeet era paranóico o bastante para querer matar, e era bem capaz de matar num acesso de raiva. Mas Judd não achava que ele fosse capaz de executar um plano de vingança a sangue-frio. E Judd tinha certeza de que essa era a chave para a solução do problema. Quem quer que estava querendo matá-lo, não agia no auge de alguma emoção, mas metodicamente e com sangue- frio. Era um louco. Que não se comportava como tal.

Capítulo 11

O telefone tocou. Era o serviço de recados. Eles haviam conseguido falar com todos os seus pacientes, à exceção de Anne Blake. Judd agradeceu à telefonista e desligou.

"Então Anne viria naquele dia"! Judd ficou perturbado ao perceber como se sentia irracionalmente feliz pela perspectiva de vê-la novamente. Mas tinha que lembrar-se de que ela só estava vindo porque ele lhe pedira, como médico. O quanto ele sabia a respeito dela... e quão pouco!

Ele pôs uma das fitas das sessões de Anne no gravador e ficou escutando. Era uma das primeiras visitas dela.

- Está à vontade, Srª Blake?
- Estou sim, obrigada.
- Relaxada?
- Sim.
- Está com os punhos cerrados.
- Talvez eu esteja um pouco tensa. Um longo silêncio.
- Fale-me a respeito da sua vida em casa. Está casada há seis meses, não é?
- É, sim.
- Continue.
- Sou casada com um homem maravilhoso. Moramos numa linda casa.
- Como é a casa?
- No estilo rural francês... É uma propriedade antiga, adorável! Há um caminho longo e sinuoso que leva até a casa. No alto do telhado fica um galo de bronze muito velho e engraçado, sem cauda. Creio que algum caçador arrancou-a com um tiro há muito tempo atrás. A propriedade possui cinco acres, a maior parte coberta de bosques. Costumo dar longos passeios. É como murar no campo.
- Gosta do campo?
- Muito.
- Seu marido também gosta?
- Creio que sim.
- Um homem não costuma comprar uma propriedade de cinco acres a menos que

goste.

- Ele me ama. De qualquer maneira, teria comprado a casa para mim. É um homem muito generoso.

- Vamos falar a respeito dele. Silêncio.

- Ele é bem-apessoado?

- Anthony é bem bonito!

Judd sentiu uma ponta de ciúmes, irracional e nada profissional.

- São compatíveis fisicamente?

Era como língua apalpando um dente dolorido.

- Somos.

Judd sabia como ela deveria ser na cama: excitante, feminina, entregando-se toda. "Céus", pensou ele, "mude logo de assunto"!

- Quer ter filhos?

- Quero.

- Seu marido também quer?

- Claro que sim.

Um longo silêncio, durante o qual só se ouvia o roçar da fita no gravador. Depois:

- Sra. Blake, veio procurar-me porque disse ter um problema desesperador. Tem relação com seu marido, não é?

Silêncio.

- Vou pressupor que sim. Pelo que me disse antes, a senhora e seu marido se amam. Ambos são fieis, ambos querem filhos. Vivem numa linda casa e seu marido é um homem de boa aparência e bem-sucedido nos negócios. Ele lhe faz todas as vontades. E está casada há apenas seis meses.

Infelizmente está parecendo a velha piada: "Mas qual é o meu problema, Doutor?" Silêncio novamente. Só se ouvia o zumbido impessoal da fita. Finalmente ela falou:

- É... é um pouco difícil para mim falar a esse respeito. Pensei que poderia conversar com um estranho, mas...

Judd recordou-se neste ponto, nitidamente, de como ela se virava no divã para fitá-lo com aqueles olhos grandes e enigmáticos. Ela começara então a falar mais depressa, procurando superar as barreiras que a mantinham em silêncio.

- ... mas vejo agora que é muito mais difícil. É que ouvi algumas coisas e... Provavelmente eu tirei as conclusões erradas.

- É alguma coisa relacionada com a vida pessoal do seu marido? Mulher?

- Não.

- Com a vida profissional dele?

- Sim...

- Acha que seu marido mentiu a respeito de alguma coisa? Tentou ficar com a parte do leão em algum negócio?

- Mais ou menos isso.

Judd pisava em terreno mais firme.

- E isso afetou a confiança que a senhora depositava nele. Mostrou-lhe um lado de seu marido que nunca tinha visto antes.

- Eu... eu... eu não posso falar sobre isso. Sinto que sou desleal para com ele só em ter vindo aqui. Por favor, Dr. Stevens, não me pergunte mais nada hoje.

E assim terminara aquela sessão, Judd desligou o gravador.

Então o marido de Anne fizera algum negócio não muito honesto! Talvez ele sonegasse os impostos. Ou tivesse levado alguém a falência. Era natural que Anne ficasse transtornada. Ela era uma mulher sensível. Sua fé no marido ficaria abalada.

Judd pensou no marido de Anne como um possível suspeito. Ele estava no negócio de construções. Judd não o conhecia pessoalmente. Mas, qualquer que fosse o problema dele, nem com muita imaginação se podia aceitar que incluísse John Hanson, Carol Roberts ou o próprio Judd. E o que dizer da própria Anne? Ela não poderia ser uma psicopata? Uma maníaca homicida? Judd recostou-se na cadeira e procurou analisá-la objetivamente.

Ele nada sabia a respeito de Anne, exceto o que ela própria lhe contara. Seus antecedentes podiam ser fictícios, ela poderia ter inventado tudo. Mas o que teria a ganhar com isso? Se era alguma charada elaborada para encobrir um assassinato, teria que haver uma motivação. A lembrança do rosto e da voz de Ann dominaram a mente de Judd, e ele compreendeu que ela não poderia estar envolvida naquilo. Ele era capaz de apostar a sua própria vida. A ironia da situação fê-lo sorrir.

Judd pegou as fitas de Teri Washburn. Talvez houvesse nelas alguma coisa que tivesse deixado escapar.

Recentemente Teri andara tendo algumas sessões extras, a seu próprio pedido. Será que ela estaria sofrendo alguma nova pressão que não lhe contara? Devido à incessante preocupação de Teri com sexo, era muito difícil determinar acuradamente nos seus progressos. Mas por que ela pedira subitamente, e com insistência, para passar mais tempo com ele?

Judd pegou uma das fitas ao acaso e colocou-a no gravador.

- Vamos falar a respeito dos seus casamentos, Teri. Já se casou cinco vezes, não é?

- Seis. Mas quem se vai importar em contar?

- Foi fiel aos seus maridos? Risadas.

- Está querendo demais de mim. Não há um único homem capaz de satisfazer-me. É um problema físico.

- Como assim?

- É a maneira como eu sou feita. Tudo o que sou é um buraco quente que tem que ser enchido o tempo todo.

- Acredita mesmo nisso?

- Que o buraco tem que estar sempre cheio?

- Que você é diferente, fisicamente, das outras mulheres?

- Mas claro que sou. Foi o próprio médico do estúdio quem me disse. É um problema glandular ou algo assim.

Uma pausa.

- Ele era uma péssima trepada.

- Já verifiquei todos os seus exames. Fisiologicamente seu corpo é normal, sob todos os aspectos.

- Ao inferno com os exames, Charley. Por que não descobre por si mesmo?

- Já esteve apaixonada alguma vez, Teri?

- Posso estar apaixonada por você. Silêncio.

- Não me olhe desse jeito! Não posso fazer nada. Eu já lhe disse que sou assim. É a maneira como sou constituída. Estou sempre faminta.

- Acredito em você. Mas não é seu corpo que está faminto e sim as suas emoções.

- Nunca ninguém trepou com as minhas emoções. Quer experimentar?

- Não.

- O que quer então?

- Ajudá-la.

- Por que não vem até aqui e senta-se ao meu lado?

- Basta por hoje.

Judd desligou o gravador. Recordou-se do diálogo que haviam travado quando Teri falara de sua carreira como grande estrela e ele perguntara por que ela deixara Hollywood.

- Dei uma trepada num palhaço antipático, numa festa em que estavam todos bêbados. Acontece que ele era o chefão e mandou que me expulsassem de Hollywood com um chute no meu traseiro polaco.

Judd não insistira no assunto porque, na ocasião, estava mais interessado nos antecedentes familiares de Teri. O assunto nunca mais voltara à baila. Agora ele sentia uma dúvida inquietante.

Deveria ter sondado mais um pouco. Nunca tivera por Hollywood um interesse diferente do que o que o Dr. Louis Leaky ou Margaret Mead pudessem ter pelos nativos da Patagônia. Quem poderia saber alguma coisa a respeito de Teri Washburn, a antiga e glamurosa estrela? Norah Hadley era fanática por cinema. Judd vira, certa vez, pilhas de revistas de cinema na casa deles e zombara de Peter por causa disso. Norah passara a noite inteira defendendo Hollywood.

Judd pegou o telefone e discou. Norah atendeu.

- Olá - disse Judd.

- Judd!

A voz dela era cordial e afetuosa.

- Está telefonando para dizer que virá ao nosso jantar, não é?

- Falaremos disso daqui a pouco.

- É melhor que você venha. Prometi a Ingrid. Ela é linda!

Judd não tinha a menor dúvida de que era mesmo, mas não da mesma maneira como Anne!

- Se você romper outro compromisso com ela, teremos que entrar em guerra com a Suécia.

- Isso não acontecerá novamente.

- Você já se recuperou do acidente?

- Já.

- Foi uma coisa horrível...

Havia um tom hesitante na voz de Norah.

- Judd... sobre o dia de Natal. Peter e eu gostaríamos que viesse cear conosco. Por favor... Judd sentiu a contração familiar no peito. Todos os anos acontecia a mesma coisa. Peter e Norah eram os seus melhores amigos e detestavam vê-lo passar todos os natais sozinho, caminhando entre estranhos, perdendo-se no meio da multidão desconhecida, impelindo seu corpo a manter-se em movimento até ficar exausto demais para pensar. Era como se ele estivesse celebrando alguma terrível missa negra para os mortos. Permitia que a dor se apossasse dele e o dilacerasse, penitenciando-se em algum ritual antigo sobre o qual não tinha o menor controle. "Você está dramatizando as coisas", disse Judd para si mesmo.

- Judd...

- Desculpe, Norah. Talvez no próximo Natal... Ela procurou não demonstrar desapontamento.

- Não há problema. Direi a Peter.

- Obrigado.

Judd recordou-se subitamente do motivo pelo qual telefonara. - Norah, você sabe quem é Teri Washburn?

- A Teri Washburn? A estrela? Por que está perguntando?
- Eu... eu a vi em Madison Avenue esta manhã.
- Em pessoa? Está falando sério? Norah parecia uma criança ansiosa.
- Como ela parece? Velha? Jovem? Gorda? Magra?
- Está muito bem. Ela foi uma grande estrela, não foi?
- Se foi? Ela foi a maior de todas... e em todos os sentidos, se entende o que estou querendo dizer.
- Por que será que ela deixou Hollywood?
- Não foi exatamente assim. Ela não deixou Hollywood.

Então Teri lhe contara a verdade. Judd sentiu-se um pouco melhor.

- Vocês, médicos, vivem com a cabeça enterrada na areia. Teri Washburn esteve envolvida num dos maiores escândalos da história de Hollywood.
- É mesmo? O que houve?
- Ela assassinou o amante.

Capítulo 12

Começara outra vez a nevar. Os ruídos do tráfego vinham flutuando da rua, quinze andares abaixo, abafados pelos flocos brancos que dançavam no vento gelado. Numa sala acesa, do outro lado da rua, Judd pôde ver o rosto vago de uma secretária.

- Tem certeza, Norah?

- Quando se trata de Hollywood, querido, você está falando com uma enciclopédia ambulante. Teri estava vivendo com o chefão dos Continental Studios, mas dormia também com um assistente do diretor. Uma noite ela o surpreendeu enganando-a e apunhalou-o. O chefão do estúdio usou de toda a sua influência, subornando muita gente para abafar o caso. A morte foi classificada de acidental. Cumprindo sua parte no acordo, Teri deixou Hollywood e nunca mais voltou lá.

Judd ficou olhando para o telefone, aturdido.

- Você ainda está-me ouvindo, Judd?

- Estou.

- O que houve? Você parece preocupado...

- Onde foi que ouviu tudo isso?

- Onde foi que ouvi? Mas saiu em todos os jornais e nas revistas de cinema! Todo mundo soube da História.

Menos Judd.

- Obrigado, Norah. Dê lembranças minhas a Peter.

Ele desligou. Então fora aquele o "pequeno incidente"! Teri Washburn assassinara um homem e nunca lhe dissera coisa alguma a esse respeito. E se ela já cometera um assassinato...

Pensativo, Judd pegou num bloco e escreveu: "Teri Washburn". O telefone tocou. Ele atendeu.

- Dr. Stevens falando.

- Estou telefonando apenas para verificar se está bem.

Era o Detetive Angeli. Sua voz ainda estava rouca do resfriado. Um sentimento de gratidão dominou Judd. Alguém estava do seu lado.

- Alguma novidade?

Judd hesitou. Não via nenhuma vantagem em guardar segredo a respeito da bomba.

- Eles tentaram novamente.

Judd contou a Angeli a respeito de Moody e da bomba que haviam colocado em seu carro.

- Creio que agora McGravy deve ficar convencido.

- E onde está a bomba? - indagou Angeli, excitado.

- Foi desmontada.

- Foi o quê? - indagou Angeli, incrédulo. - E quem a desmontou?

- Moody. Ele achou que não tinha nenhuma importância.

- Não tinha importância? Para que diabo ele pensa que serve o Departamento de Polícia? Poderíamos dizer quem colocara a bomba só de olharmos para ela! Temos um arquivo completo no M. O.

- M. O.?

- Modus Operandi. As pessoas criam hábitos. É provável que continuem a fazer uma coisa da mesma maneira com a fizeram pela primeira vez. Mas creio que não preciso dizer isso.

- Não - disse Judd, pensativo.

É claro que Moody devia saber disso. Será que ele tinha alguma razão para não querer mostrar a bomba a McGravy?

- Como foi que contratou Moody, Dr. Stevens?

- Encontrei o nome dele nas páginas amarelas.

Soava ridículo, Judd pôde ouvir Angeli engolir em seco.

- Então quer dizer que não sabe absolutamente nada a respeito dele.

- Só sei que confio nele. Por que...

- Neste momento, Doutor, acho que não deveria confiar em ninguém.

- Mas Moody não poderia de jeito nenhum estar ligado às pessoas que querem matar-me. Afinal de contas, escolhi o nome dele ao acaso, nas páginas amarelas.

- Não me importa como o descobriu. Algo está-me parecendo suspeito nessa história. Moody diz que preparou uma armadilha para apanhar quem quer que estivesse tentando liquidá-lo. Mas só puxou a armadilha depois que tinham mordido a isca, de forma que ninguém foi apanhado. E depois ele lhe mostrou uma bomba em seu carro, que poderia ter sido colocada por ele mesmo. E assim ganha a sua confiança. Não é isso, Doutor?

- Creio que se podem ver as coisas por esse ângulo. Mas...

- Talvez o seu amigo Moody esteja sendo sincero, mas talvez ele possa estar metido com os assassinos. De qualquer maneira, gostaria que continuasse a tratá-lo como se

de nada desconfiasse, até que possamos descobrir tudo.

Moody contra ele? Era difícil de acreditar. Mas Judd recordou-se das suas dúvidas iniciais, quando pensara que Moody o estivesse enviando para uma emboscada.

- O que acha que devo fazer? - indagou Judd.

- Que tal o senhor saísse da cidade? Mas sair mesmo!

- Não posso deixar meus pacientes.

- Dr. Stevens...

- Além do mais, isso não resolveria coisa alguma, não é mesmo? Eu nem saberia do que estaria fugindo. E, quando voltasse, tudo recomeçaria.

Houve um momento de silêncio do outro lado.

- Talvez tenha razão.

Angeli deixou escapar um suspiro, seguido por um prolongado acesso de tosse.

- Quando espera receber mais notícias de Moody?

- Não sei. Ele pensa que tem uma idéia de quem está por trás de tudo.

- Já lhe ocorreu que a pessoa que está por trás desses acontecimentos pode pagar Moody muito mais do que o senhor? Se Moody lhe pedir para ir encontrá-lo, telefone-me antes. Ficarei em casa, de cama, por mais um ou dois dias. Mas aconteça o que acontecer, Doutor, não se vá encontrar com ele sozinho!

- Acho que está fazendo uma tempestade num copo dágua. Só porque Moody removeu a bomba do meu carro...

- É mais do que isso, Dr. Stevens. Tenho o pressentimento de que o senhor escolheu o homem errado.

- Eu telefonarei assim que receber notícias dele - prometeu Judd.

Ele desligou, um pouco abalado. Será que Angeli não estava sendo excessivamente desconfiado? Era verdade que Moody poderia ter mentido a respeito da bomba, a fim de conquistar a sua confiança. O próximo passo seria então bem fácil. Tudo o que ele teria de fazer seria telefonar para Judd e marcar um encontro em algum lugar deserto, sob o pretexto de que descobrira alguma prova importante. E então... Judd estremeceu. Será que ele se enganara a respeito do caráter de Moody? Recordou a sua reação ao ver Moody pela primeira vez. Julgara-o ineficiente e pouco inteligente. Depois compreendera que essa fachada simplória servia apenas para ocultar um cérebro ágil e esperto. Mas isso não significava que Moody fosse digno de confiança absoluta. E, contudo... Judd ouviu alguém abrir a porta da sala de recepção e olhou para o relógio. Anne!, pensou. Guardou rapidamente as fitas, foi até a porta que dava diretamente de sua sala para o corredor e abriu-a.

Anne estava parada no corredor. Usava um elegante vestido azul-marinho e um chapeuzinho que emoldurava seu rosto de forma impecável. Estava imersa em seus

pensamentos, sem perceber que Judd a observava. Ele estudou-a longamente, impregnando-se de sua beleza, tentando encontrar alguma imperfeição, alguma razão para dizer a si mesma que ela não seria a mulher ideal para ele, que algum dia encontraria uma outra bem melhor. A raposa e as uvas. Freud não era o pai da psiquiatria.

Esopo o era.

- Olá - disse ele finalmente.

Ela ergueu os olhos, surpresa por um momento. Depois sorriu.

- Olá.

- Entre, por favor, Sra. Blake.

Ela passou por ele e entrou na sala, o corpo firme roçando em Judd. Depois virou-se e fitou-o com aqueles incríveis olhos violeta.

- Já descobriram o motorista que o atropelou?

Havia preocupação no rosto dela, um interesse genuíno. Judd sentiu novamente o desejo intenso de contar-lhe tudo. Mas sabia que não podia fazê-lo. Na melhor das hipóteses, seria um truque barato para conquistar-lhe a simpatia. Na pior, poderia envolvê-la num perigo desconhecido.

Ele fê-la sentar-se. Anne examinava-lhe atentamente o rosto.

- Parece cansado. Não deveria ter voltado a trabalhar tão cedo!

"Oh, meu Deus!", pensou Judd, ele não conseguiria suportar qualquer manifestação de simpatia. Não naquele momento. E não partindo de Anne.

- Eu estou bem. Cancelei todas as consultas para hoje, mas meu serviço de recados não conseguiu localizá-la.

Uma expressão ansiosa surgiu no rosto dela. Com certeza receava ser uma intrusa. Anne, uma intrusa...

- Lamento muito. Se quiser que eu vá agora...

- Por favor, não se vá - disse Judd rapidamente. - estou contente de que não tenham conseguido localiza-la.

Aquela seria a última vez que iria vê-la. Judd acrescentou:

- Como está se sentindo?

Ela hesitou, ia dizer alguma coisa, mas depois mudou de idéia e murmurou:

- Um pouco confusa...

Anne fitava-o de maneira estranha. Havia algo em seu olhar que foi atingir uma corda sensível há muito esquecida por Judd, só que ele não conseguia recordar de pronto o que significava. Mas sentiu que dela fluía um grande afeto, um anseio físico intenso. E subitamente Judd compreendeu o que estava fazendo: atribuía as suas próprias emoções a Anne. Por um instante ele se deixara enganar, como qualquer estudante inexperiente de

psiquiatria.

- Quando é que embarca para a Europa?

- Na manhã de Natal.

- Vai sozinha com seu marido?

Judd sentiu-se um idiota rematado, que só sabia dizer banalidades. Babbitt, num dia de folga.

- Que lugares vão visitar?

- Estocolmo, Paris, Londres e Roma.

"Eu adoraria mostrar-lhe Roma", pensou Judd. Ele passara um ano na capital italiana, como interno num hospital americano. Havia ali um fantástico restaurante, bastante antigo, chamado Cybéle, perto dos jardins de Tivoli. Ficava no alto de uma colina, junto a um antigo templo pagão, onde se podia ficar sentado ao sol, contemplando as centenas de pombos que escureciam o céu sobre os penhascos ensolarados.

E Anne estava a caminho de Roma com o marido!

- Será uma segunda lua-de-mel - disse ela.

Havia alguma tensão na voz dela, mas tão pouco perceptível que Judd talvez a estivesse imaginando. Um ouvido menos treinado não a teria notado. Judd examinou-a com mais atenção.

Exteriormente ela aparentava calma, mas por baixo ele podia sentir nitidamente a tensão que a dominava. Se aquela era a imagem de uma jovem apaixonada, de partida para a Europa, numa segunda lua-de-mel, então algum pedaço do quadro estava faltando.

E subitamente Judd compreendeu o que era.

Anne não estava absolutamente entusiasmada. Ou, se estava, isso era abafado por alguma outra emoção mais forte. Tristeza? Arrependimento?

Judd compreendeu que ela o olhava fixamente.

- Quanto... quanto tempo vão ficar fora? Babbitt atacava novamente.

Um sorriso aflorou aos lábios de Anne, como se ela soubesse o que Judd estava pensando.

- Não tenho certeza. Os planos de Anthony são indefinidos.

- Entendo.

Judd baixou os olhos para o tapete, desesperado. Ele precisava pôr um ponto final àquela cena. Não podia deixar que Anne partisse com a impressão de que ele era um idiota completo. Tinha que mandá-la embora imediatamente.

- Sra Blake... - Sim?

Judd procurou manter-se jovial:

- Na verdade pedi-lhe que voltasse sob um falso pretexto. Não havia necessidade de ver-me novamente. Eu apenas queria... dizer-lhe adeus.

Estranhamente, de maneira desconcertante, ela pareceu perder um pouco da tensão.

- Eu sei. Eu queria também dizer-lhe adeus.

Havia algo na voz dela que novamente tocou algum ponto sensível de Judd. Anne começou a levantar-se.

- Judd...

Ela fitou-o, os olhos dos dois se encontraram. Judd viu nos olhos de Anne o que ela devia estar vendo nos olhos dele. Era o reflexo de uma corrente, um impulso tão forte que era quase físico.

Ele aproximou-se dela, mas parou no meio do caminho. Não podia deixar que ela ficasse envolvida no perigo que o rondava. Quando Judd finalmente falou, sua voz estava quase controlada:

- Mande-me um cartão-postal de Roma.

Ela continuou a fitá-lo, em silêncio, por um longo momento.

- Por favor, Judd, tome cuidado.

Ele assentiu, sem confiar em si o suficiente para falar. E Anne se foi.

O telefone tocou três vezes antes que Judd ouvisse. Ele atendeu.

- É o senhor, Doutor?

Era Moody. Sua voz quase saía pelo telefone, de tão excitada.

- Está sozinho?

- Estou.

Havia algo estranho no tom de voz de Moody, algo que Judd não conseguia identificar imediatamente. Seria cautela? Medo?

- Lembra-se de que eu lhe disse que tinha um palpite sobre quem estava por trás de toda essa história, Doutor?

- Sim.

- Pois eu acertei em cheio.

Judd sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

- Sabe quem matou Hanson e Carol?

- Sei. Sei quem foi e sei o motivo. O senhor será o próximo, Doutor.

- Diga-me...

- Não pelo telefone. É melhor encontrarmo-nos em algum lugar. Venha sozinho. Judd olhou para o telefone em sua mão.

"VENHA SOZINHO"!

- Está-me ouvindo, Doutor?

- Estou - disse Judd rapidamente.

O que fora mesmo que Angeli dissera? "Aconteça o que acontecer, Doutor, não vá se". encontrar com ele sozinho "!".

- Por que não podemos nos encontrar em meu consultório? - perguntou Judd, procurando ganhar tempo.

- Acho que estou sendo seguido. Mas consegui despistá-los. Estou telefonando da Five Star Meat Packig Company. Fica na Rua 23, a oeste da Décima Avenida, perto das docas.

Judd ainda achava impossível acreditar que Moody lhe estivesse preparando uma armadilha. Resolveu experimentá-lo.

- Levarei Angeli comigo.

A voz de Moody soou ríspida:

- Não traga ninguém! Venha sozinho! Não havia mais dúvidas.

Judd pensou no Buda gordo que estava do outro lado da linha. Seu amigo franco estava-lhe cobrando cinqüenta dólares por dia mais despesas para atraí-lo para uma armadilha. Judd conseguiu manter a voz sob controle:

- Está certo. Irei imediatamente. Ele tentou disparar o último tiro.

- Tem mesmo certeza de que sabe quem está por trás de tudo isso, Moody?

- Absoluta, Doutor. Já ouviu falar em Don Vinton? E, com isso, Moody desligou.

Judd ficou imóvel, procurando controlar o turbilhão de emoções que o agitavam. Procurou

o telefone da casa de Angeli e discou. A campainha tocou cinco vezes e Judd entrou em pânico, com medo de que Angeli tivesse saído. Será que deveria ir encontrar-se com Moody sozinho?

Mas finalmente ele ouviu a voz fanhosa de Angeli:

- Alô?

- É Judd Stevens. Moody acabou de telefonar.

- E o que disse ele

Judd hesitou, sentindo um último vestígio de uma lealdade irracional e de - por que não? - afeição pelo gordo simpático que estava planeando assassiná-lo a sangue-frio.

- Ele me pediu que fosse encontrá-lo na Five Star Meat Packing Company. Fica na Rua 23, perto da Décima Avenida. Mandou que eu fosse sozinho.

Angeli riu, asperamente.

- Era o que eu já esperava. Não saia desse consultório, Doutor. Vou entrar em contato com o Tenente McGreavy. Nós dois iremos apanhá-lo.

- Está bem.

Judd desligou. Norman Z. Moody, O Buda jovial das páginas amarelas. Judd sentiu uma tristeza súbita, inexplicável. Gostava de Moody. Confiava nele.

E Moody estava à sua espera, para matá-lo.

Capítulo 13

Vinte minutos depois, Angeli e o Tenente McGravy chegavam ao consultório de Judd. Os olhos de Angeli estavam vermelhos e lacrimejantes. Sua voz era rouca. Judd sentiu um arrependimento momentâneo por tê-lo tirado da cama. O comprimento de McGreavy foi um aceno brusco, nada amistoso.

- Falei com o Tenente McGreavy sobre o telefonema de Norman Moody - informou Angeli.

- Pois vamos logo descobrir que diabo está acontecendo - disse McGreavy rispidamente. Cinco minutos após eles seguiam rapidamente num carro da polícia sem identificação para West Side. Angeli estava ao volante. A nevasca ligeira cessara e os raios débeis do sol de fim de tarde haviam desistido de penetrar a capa de nuvens que cobria o céu de Manhattam. Houve um ruído distante de trovoada e, logo em seguida, um relâmpago riscou o céu. Gotas de chuva começaram a bater no pára-brisas. O carro continuou a avançar e os edifícios altos foram cedendo lugar para as casas de cômodos de aspecto desolador, espremidas umas contra as outras, como que procurando abrigo contra o frio intenso.

O carro entrou na Rua 23, seguindo para oeste, na direção do rio Hudson. Passaram por terrenos baldios, cheios de lixo, lojas e bares miseráveis, atravessando depois quarteirões em que só se viam garagens e armazéns de companhias de transporte. Ao se aproximarem da esquina da Décima Avenida, McGreavy disse a Angeli que parasse.

- Vamos saltar aqui. Ele virou-se para Judd.

- Moody disse se haveria alguém com ele?

- Não.

McGreavy desabotoou o casaco e transferiu o revólver do coldre para o bolso. Angeli fez o mesmo.

- Fique atrás de nós - disse McGreavy a Judd.

Os três homens começaram a andar, as cabeças baixas contra a chuva e o vento. no meio do quarteirão viram um prédio quase em ruínas, com uma placa desbotada em cima da porta, onde estava escrito:

FIVE STAR MEAT PACKING COMPANY

Não havia por ali ninguém carro ou caminhão, nenhuma luz acesa, nenhum sinal de vida.

Os dois detetives aproximaram-se da porta, um de cada lado. McGreavy experimentou a porta. Estava trancada. Ele olhou ao redor, mas não havia nenhuma campainha. Ficaram escutando.

O silêncio só era quebrado pelo ruído da chuva.

- Parece que está fechada - disse Angeli.

- Provavelmente não deve haver ninguém - comentou McGreavy.

- Na sexta-feira anterior ao Natal, a maioria das companhias encerra o expediente ao meio-dia.

- Deve haver alguma entrada de carga.

Judd seguiu os dois detetives, avançando cautelosamente em direção aos fundos do prédio, evitando as poças de água.

Chegaram a um beco onde puderam divisar uma plataforma de embarque, com diversos caminhões estacionados diante dela.

Não havia ali a menor atividade. Avançaram até a plataforma.

- Muito bem - disse McGreavy para Judd. - Pode começar a chamá-lo.

Judd hesitou, sentindo-se irracionalmente triste por estar traindo Moody. Depois gritou bem alto:

- Moody!

A única resposta foi o miado de um gato, perturbado em sua busca de um abrigo seco.

- Sr. Moody.

Em cima da plataforma havia uma imensa porta corrediça de madeira, que comunica o interior do armazém com o local em que os caminhões eram carregados. Não havia degraus para se subir na plataforma. McGreavy içou-se para cima com uma agilidade surpreendente para alguém do seu tamanho. Angeli segui-o e depois foi a vez de Judd. Angeli aproximou-se da porta corrediça e empurrou-a. A imensa porta se abriu, com um guincho alto e estridente de protesto. O gato reagiu esperançoso, esquecendo-se da busca de um abrigo. Dentro do armazém estava escuro como breu.

- Trouxe uma lanterna? - perguntou McGreavy a Angeli.

- Não.

- Merda!

Cautelosamente, eles foram avançando pela escuridão. Judd tornou a gritar.

- Sr. Moody! Sou eu, Judd Stevens!

Não havia o menor barulho, a não ser os rangidos das pranchas de madeira que os três homens pisavam. McGreavy tateou os bolsos e tirou uma caixa de fósforos. Acendeu um e levantou-o. A luz fraca e vacilante projetou um brilho amarelado no que parecia ser uma imensa caverna vazia. O fósforo se apagou.

- Descubram o maldito interruptor! - disse McGreavy. - Era o meu último fósforo.

Judd ouviu Angeli tateando as paredes, à procura do interruptor de luz. Judd continuou em frente. Não podia ver os dois.

- Moody! - gritou ele novamente. Ouviu a voz de Angeli do outro lado:

- Encontrei um interruptor.

Houve um clique. Nada aconteceu.

- A chave geral deve estar desligada - disse McGreavy.

Judd esbarrou numa parede. Ao estender as mãos para equilibrar-se, seus dedos seguraram uma tranca de porta. Levantou-a e puxou. Uma porta maciça se abriu e um sopro de ar gelado atingiu-o.

- Encontrei uma porta - gritou ele.

Ele passou pelo umbral e avançou cautelosamente. Ouviu a porta se fechar atrás de si e o coração disparou. Ali dentro estava ainda mais escuro, e ele parecia avançar para a mais profunda das trevas.

- Moody! Moody!

Silêncio total. Moody tinha que estar ali, em algum lugar! Se ele não estivesse, Judd sabia o que McGreavy iria pensar. Seria o menino gritando "lobo" novamente.

Judd deu outro passo para a frente e subitamente sentiu uma carne fria encostar-se em seu rosto. Deu um pulo para o lado, em pânico. Os cabelos da nuca se arrepiaram. Sentiu o cheiro forte de sangue de morte em seu redor. Havia um demônio naquela escuridão, espreitando para atacá-lo.

Judd começou a suar frio. O coração batia tão depressa que era difícil respirar. Com dedos trêmulos, ele procurou uma caixa de fósforos nos bolsos do sobretudo. Encontrou-a e acendeu um fósforo. Viu então um gigantesco olho morto diante do seu rosto. Levou um segundo para se recuperar do choque e compreender que estava diante de uma carcaça de uma vaca, pendurada num gancho. Judd ainda se apercebeu de outras carcaças de outros animais e os contornos de porta na outra extremidade antes de o fósforo se apagar. A porta provavelmente dava para um escritório. Moody talvez estivesse lá, esperando-o.

Judd avançou pela caverna escura, na direção da porta. Sentiu de novo a carne gelada de um animal morto roçar em seu corpo. Deu um passo para o lado, rapidamente, e seguiu em direção à porta do escritório.

- Moody!

"O que será que estava detendo Angeli e McGreavy?", pensou Judd. Ele passou pelos animais abatidos, com a sensação de que alguém, com um senso de humor macabro, estava-lhe pregando uma peça terrível, típica de um maníaco. Mas não conseguia imaginar quem, nem por quê. Ao se aproximar da porta, Judd colidiu com outra carcaça

de animal.

Parou por um momento, para se orientar. Resolvera acender o último fósforo que lhe restava. E descobriu, à sua frente, espetado no gancho de carne e sorrindo obscenamente, o corpo de Norman Z. Moody. O fósforo se apagou.

Capítulo 14

O pessoal da perícia terminou seu trabalho e se foi. O corpo de Moody foi removido e todos partiram, à exceção de Judd, McGreavy e Angeli. Estavam estes na pequena sala do gerente, decorada com uma coleção impressionante de calendários de nus, uma velha escrivaninha, uma cadeira giratória e dois arquivos de aço. As luzes estavam acesas e um aquecedor elétrico funcionava no máximo.

O gerente, um certo Paul Moretti, fora localizado numa festa pré-natalina e de lá arrancado para responder a algumas perguntas. Ele explicara que havia liberado os empregados ao meio- dia, já que a semana de feriados estava começando. Trancara tudo e, ao que sabia, não ficara ninguém no interior do armazém. O Sr. Moretti estava ligeiramente embriagado. Quando McGreavy compreendeu que ele não poderia ajudar em mais nada, mandou que o levassem para casa. Judd mal se apercebera do que acontecia. Seus pensamentos estavam concentrados em Moody. Lembrava-se de como ele fora jovial e cheio de vida e indignava-o o seu cruel assassinato. E Judd atribuía a culpa a si mesmo.

Se ele não houvesse envolvido Moody no caso, o gordo detetive ainda estaria vivo.

Era quase meia-noite. Judd, exausto, já repetira dez vezes a história do telefonema de Moody. McGreavy, encolhido dentro de seu sobretudo, fitava-o insistentemente, mastigando sem parar um charuto. Finalmente ele perguntou a Judd:

- Costuma ler histórias de detetives? Judd ficou surpreso

- Não. Por quê?

- Vou-lhe dizer. Acho que é bom demais para ser verdadeiro, Sr. Stevens. Acreditei, desde

o início, que o Senhor estava enterrado nesse assunto até o pescoço. E eu lhe disse isso. O que aconteceu, então? Subitamente transformou-se de assassino provável em possível vítima. Primeiro alega que um carro tentou atropelá-lo deliberadamente...

- E ele foi mesmo atropelado - recordou Angeli.

- Um recruta poderia facilitar explicar o que houve. Isso pode ter sido arrumado por alguém que esteja trabalhando com o nosso Doutor.

McGreavy voltou a dirigir-se a Judd:

- Em seguida telefona para o Detetive Angeli com uma história delirante sobre dois homens que estariam tentando arrombar seu consultório para matá-lo.

- E arrombaram mesmo - disse Judd.

- Não, não arrombaram coisa alguma. Usaram uma chave especial. E o senhor disse que só existiam duas chaves: a sua e a de Carol Roberts.

- Exatamente. Mas eu já lhe expliquei que, provavelmente, eles tiraram uma cópia da chave de Carol.

- Eu me lembro perfeitamente do que explicou. Mandei fazer um teste de parafina. A chave de Carol nunca foi copiada, Doutor.

Ele fez uma pausa para deixar que a informação fosse absorvida.

- E como a chave dela está em meu poder... só resta a sua, não é mesmo, Doutor? Judd estava aturdido demais para falar.

- Como eu não aceitasse a teoria do maníaco à solta, Doutor, o senhor resolveu contratar um detetive particular pelas páginas amarelas e logo depois, convenientemente, ele descobre uma bomba instalada em seu carro. Chega então à conclusão de que já está na hora de jogar outro cadáver no meu caminho e conta a história a Angeli; uma história sobre um telefonema que recebeu de Moody.

Ele descobrira quem era o maluco que está tentando matá-lo. Mas veja o que acontece? Nós chegamos aqui e descobrimos que Moody está pendurado num gancho de carne!

Judd ficou vermelho de raiva.

- Mas não sou responsável pelo que aconteceu! McGreavy lançou-lhe um olhar duro.

- Sabe qual é a única razão de ainda não estar preso, Doutor? É não conseguir até agora encontrar um motivo para este quebra-cabeças. Mas encontrarei, Doutor. É uma promessa. Ele levantou-se. Subitamente Judd recordou-se de uma coisa:

- Espere um instante! E o que me diz de Don Vinton?

- O que há com ele?

- Moody disse-me que era o homem que estava por trás de tudo isso.

- Conhece alguém chamado Don Vinton, Doutor?

- Não. Mas... achei que a polícia deveria conhecer.

- Nunca ouvi falar nele!

McGreavy virou-se para Angeli, que sacudiu a cabeça negativamente.

- Muito bem. Mande um pedido de informação a respeito de Don Vinton para o FBI, Interpol e para os chefes de polícia das principais cidades americanas.

Ele virou-se em seguida para Judd:

- Satisfeito?

Judd assentiu. Quem quer que estivesse por trás de tudo aquilo, não poderia deixar de ter uma ficha criminal. Não deveria ser difícil identificá-lo.

Ele pensou novamente em Moody, seus aforismos de alegria e sua mente ágil. Deviam tê-lo seguido até ali. Era pouco provável que tivesse falado com outra pessoa a respeito do encontro, porque ressaltara insistentemente a necessidade de segredo. Mas, pelo menos, eles sabiam agora o nome do homem que estava procurando.

Praemonitus, praemunitas.

Um homem prevenido vale por dois.

O assassinato de Norman Z. Moody foi estampado nas primeiras páginas dos jornais da manhã seguinte. Judd comprou um jornal a caminho do consultório. Ele era mencionado, de passagem, como uma testemunha que estava junto com a polícia quando o corpo fora encontrado.

McGreavy conseguira manter os fatos completos fora do conhecimento da imprensa. Isso significava que estava jogando com as cartas coladas no peito. Judd ficou imaginando o que Anne iria pensar.

Era sábado, e Judd costumava fazer uma ronda na clínica. Mas ele providenciara para que alguém o substituísse. Foi para o consultório, subindo sozinho no elevador e certificando-se de que ninguém estava à espreita no corredor. Até quando uma pessoa poderia viver assim, à espera de que, a qualquer momento, um assassino o atacasse?

Por meia dúzia de vezes, durante a semana, ele estendeu a mão para pegar o telefone, pensando em ligar para Angeli e perguntar-lhe a respeito de Don Viton. Mas em todas as vezes conteve a sua impaciência. Angeli, certamente, iria telefonar-lhe assim que soubesse de alguma coisa.

Por mais que pensasse a esse respeito, Judd não conseguia encontrar uma motivação para os atos de Don Viton. Talvez fosse um paciente que ele tratara há muitos anos, do tempo em que ainda era interno. Alguém que achava que Judd o desdenhara ou prejudicara, de alguma forma. Mas Judd não conseguia lembrar-se de nenhum paciente chamado Vinton.

Ao meio-dia ele ouviu um barulho na porta do corredor. Era Angeli. Judd nada pôde deduzir de sua expressão, a não ser que estava mais pálido. Parecia extremamente cansado. O nariz estava vermelho e ele fungava constantemente. Entrou na sala de Judd e afundou-se pesadamente numa cadeira.

- Já recebeu alguma resposta a respeito de Don Vinton? - indagou Judd, ansiosamente. Angeli assentiu.

- Recebemos teletipos do FBI, dos chefes de polícia das principais cidades americanas e da Interpol.

Judd esperou, contendo a respiração.

- Ninguém jamais ouviu falar de Don Vinton.

Judd fitou Angeli, incrédulo. Sentiu subitamente um peso imenso no estômago.

- Mas isso é impossível! Alguém tem que conhecê-lo! Um homem capaz de fazer tudo

isso não pode ter surgido do nada!

- Foi o que McGreavy disse - respondeu Angeli, a voz cansada. - Doutor, eu e meus homens passamos a noite inteira verificando cada Don Vinton que existe em Manhattam e nas localidades próximas. Investigamos até mesmo Nova Jersey e Connecticut.

Ele tirou um papel todo escrito do bolso e mostrou-o a Judd.

- Descobrimos dezessete Dons Vinton no catálogo telefônico. Mas reduzimos a lista a cinco possíveis suspeitos e verificamos um por um. Um é paralítico. Outro é padre. O terceiro é vice-presidente de um banco. O quarto é bombeiro que estava de serviço quando ocorreram dois dos três crimes. Só deixei fora o último da lista, que é dono de uma loja de animais domésticos e deve ter mais de oitenta anos.

A garganta de Judd estava seca. Ele compreendeu o quanto confiara em que se descobrisse alguma coisa por aquele meio. Certamente Moody não lhe teria fornecido o nome se não tivesse certeza. E ele não dissera que Don Vinton era um simples cúmplice, mas sim um homem que estava por trás de tudo. Era inconcebível que a polícia não tivesse a ficha de um homem assim. Moody fora assassinado porque descobrira a verdade. E agora que Moody estava fora do caminho, Judd ficava completamente sozinho. O cerco estava-se fechando.

- Lamento muito - disse Angeli.

Judd olhou para Angeli e lembrou-se de que o detetive passara a noite inteira fora de casa, apesar de estar com um forte resfriado. Disse, agradecido:

- Muito obrigado por tentar. Angeli inclinou-se para a frente.

- Tem certeza de que ouviu bem o nome que Moody lhe disse pelo telefone?

- Tenho.

Judd fechou os olhos, concentrando-se. Ele perguntara a Moody se tinha certeza de que sabia quem realmente estava por trás de tudo. Ouviu novamente a voz de Moody: - Absoluta. Já ouviu falar em Don Vinton? - Era isso mesmo: Don Vinton. Judd abriu os olhos.

- Tenho.

Angeli suspirou.

- Então chegamos a um beco sem saída. Ele soltou uma risada e acrescentou:

- Sem nenhum trocadilho.

Ele espirrou novamente e Judd comentou:

- É melhor voltar para a cama. Angeli levantou-se.

- É, acho que tem razão.

Judd hesitou antes de perguntar:

- Há quanto tempo trabalha com McGreavy?

- Este é o nosso primeiro caso juntos. Por quê?

- Acha que ele é capaz de querer incriminar-me de qualquer maneira? Angeli espirrou novamente.

- Acho que está certo, Doutor. O melhor mesmo é eu voltar para a cama.

Ele encaminhou-se para a porta, mas Judd disse antes que Angeli deixasse a sala:

- Talvez eu tenha uma pista. Angeli parou e virou-se.

- Continue.

Judd falou-lhe a respeito de Teri. Acrescentou que iria também investigar alguns antigos amiguinhos de John Hanson.

- Não parece muito promissor - disse Angeli, com franqueza. - Mas acho que é melhor do que nada.

- Estou cansado de ser um alvo passivo. Vou começar a reagir, saindo atrás deles.

- De que forma? Estamos enfrentando sombras.

- Quando as testemunhas descrevem um suspeito, a polícia manda um desenhista fazer um esboço de todas as feições e traços descritos, não é mesmo?

Angeli assentiu.

- É um esboço de identidade, um retrato falado.

Judd começou a andar de um lado para o outro, irrequieto.

- Pois vou lhe dar um esboço da personalidade do homem que está por trás de tudo.

- Como pode fazê-lo? Nunca o viu. Ele pode ser qualquer pessoa.

- Não, não pode. Estamos procurando alguém muito especial.

- Alguém que é insano.

- A insanidade é uma coisa muito ampla. Não tem qualquer definição médica. A insanidade

é simplesmente a capacidade da mente se ajustar-se à realidade. Se não conseguimos ajustar, ou nos escondemos da realidade ou nos colocamos acima da vida, onde somos super seres que não precisam acatar as regras da sociedade.

- Então o nosso homem se julga um super ser.

- Exatamente. Numa situação de perigo, Angeli, temos sempre três opções. Fugir, chegar a um compromisso construtivo ou atacar. O nosso homem prefere atacar.

- Então ele é um lunático.

- Não. Os lunáticos raramente matam. Eles só se conseguem concentrar em algo por um espaço de tempo muito curto. Estamos tratando de alguém muito mais complexo. Ele pode sofrer de alguma perturbação de origem psicossomática, hipofrênica, esquizofrênica, ciclóide, ou uma combinação de todas elas. Podemos também estar

enfrentando um problema de fuga, uma amnésia precedida por atos irracionais. Mas, seja como for, a aparência e o comportamento dele parecerão a todos perfeitamente normal.

- Então não temos nada em que nos basear para continuarmos.

- Está enganado. Até que já temos muita base. Posso fornecer-lhe uma descrição física do homem que estamos procurando.

Judd cerrou os olhos, concentrou-se

- Dom Vinton é de estrutura média, corpo bem proporcionado, e constituição atlética.

Veste-se impecavelmente e é meticuloso em tudo o que faz. Não possui o menor talento artístico.

Não pinta, não escreve, não toca piano.

Angeli ficou boquiaberto. Judd continuou falando mais rapidamente agora:

- Não pertence a nenhum clube ou organização social. A não ser que os esteja dirigindo. É um homem que tem de estar no comando, implacável e impaciente. Joga alto. Por exemplo: jamais esteve implicado em roubos miúdos. Se tem ficha na polícia, é por assalto a banco, seqüestro ou homicídio.

A agitação na mente de Judd aumentava à medida que a imagem se ia definindo com nitidez em sua mente.

- Quando o pegarem, provavelmente irão descobrir que foi rejeitado pelo o pai ou pela mãe quando criança.

Angeli interrompeu-o:

- Doutor, não quero esvaziar seu balão, mas pode ser algum viciado maluco que...

- Não. O homem que estamos procurando não toma drogas. A voz de Judd era positiva.

- Vou-lhe dizer mais uma coisa a respeito dele: praticou desporto coletivo na escola. Futebol ou hóquei. Não possui o menor interesse por xadrez, jogos de palavras ou quebra-cabeças. Angeli estava agora visivelmente cético.

- Há mais de um homem, Doutor. Foi o senhor mesmo quem disse.

- Estou-lhe dando uma descrição de Don Vinton, o homem que está dando as ordens. E tem mais: ele é um tipo latino.

- O que o faz pensar assim?

- Os métodos que ele usou nos crimes. Uma faca, ácido, uma bomba. Ele é sul-americano, italiano ou espanhol.

Judd respirou fundo antes de concluir:

- Aí está seu esboço de identificação. Esse é o homem que cometeu três assassinatos e está querendo matar-me.

Angeli engoliu em seco.

- Como diabo pode saber de tudo isso?

Judd sentou-se e inclinou-se na direção de Angeli.

- É minha profissão.

- O lado mental, sim. Mas como pode dar a descrição física de um homem que nunca viu?

- Estou-me baseando na lei das probabilidades. Um médico chamado Kretschmer descobriu que 85 por cento das pessoas que sofrem de paranóia possuem corpo atlético, bem proporcionado.

Nosso homem é evidentemente um paranóico. Tem mania de grandeza; é um megalomaníaco que pensa estar acima da lei.

- Então porque é que ele não foi ainda apanhado?

- Porque está usando uma máscara.

- Está usando o quê?

- Todos nós usamos máscaras, Angeli. Desde a infância, ensinam-nos a esconder os nossos sentimentos verdadeiros, a encobrir nossos ódios e medos. Mas sob tensão, Don Vinton vai acabar deixando cair a máscara e exibindo a outra face.

- Entendo.

- O ego dele é seu ponto vulnerável. Se se sentir ameaçado, realmente ameaçado, então vai desmoronar. Ele está agora pisando em gelo fino. Não vai demorar a desmoronar por completo.

Judd hesitou, mas depois continuou, quase que falando para si mesmo:

- Ele é um homem que tem... mana.

- Tem o quê?

- Mana. É um termo usado pelos primitivos para designar um homem que exerce influências sobre os outros por causa dos demônios que existem dentro dele. Em suma, um homem com uma personalidade dominante.

- Disse que ele não pinta, não escreve nem toca piano. Como pode saber disso?

- O mundo está cheio de artistas que são esquizofrênicos. A maioria consegue atravessar a vida sem cometer qualquer violência porque o trabalho proporciona um meio de expressão, de evasão. Nosso homem não possui esse desaguadouro. Por isso ele é como um vulcão. A única maneira que tem de se livrar da pressão interior é pela erupção: ou seja, pela morte de Hanson, Carol e Moody.

- Está querendo dizer que foram crimes sem sentido que ele cometeu para..

- Ele não faz coisas sem sentido. Pelo contrário...

A mente de Judd trabalhava rapidamente. Diversos outros pedaços do quebra-cabeças se ajustaram em seus lugares. Ele censurou-se por ter estado cego e assustado demais para vê-los antes.

- Eu sou a única pessoa que Don Vinton está realmente querendo liquidar, seu alvo principal. John Hanson foi morto porque o confundiu comigo. Quando o assassino descobriu o erro, veio ao meu consultório para uma segunda tentativa. Eu tinha saído, mas ele encontrou Carol. A voz de Judd estava furiosa. Ele fez uma pausa, que Angeli aproveitou para perguntar:

- Ele matou-a só para que ela não pudesse identificá-lo?

- Não. O homem que estamos procurando não é um sádico. Carol foi torturada porque ele queria alguma coisa. Digamos que se tratasse de alguma prova incriminadora que ela não quis ou não pôde fornecer-lhe.

- Que espécie de prova, Doutor?

- Não tenho a menor idéia. Mas aí está a chave de tudo. Moody descobriu a resposta e foi por isso que o mataram.

- Mas há uma coisa que ainda não está fazendo sentido - insistiu Angeli. - Se eles o tivessem assassinado na rua, Doutor, então não poderiam encontrar o que estão procurando. Isso não se ajusta ao resto da sua teoria.

- É possível. Vamos supor que eles estejam procurando alguma coisa nas minhas gravações.

Por si só, talvez seja uma informação inteiramente inofensiva. Mas, eles têm duas alternativas. Ou arrancam a fita de mim ou me assassinam, a fim de que eu não possa transmitir a informação a ninguém. Primeiro eles tentaram eliminar-me, mas cometeram um engano e mataram Hanson. Depois buscaram a segunda alternativa. Tentaram arrancar de Carol a informação de que precisavam.

Quando fracassaram, decidiram concentrar-se em matar-me. Houve o acidente de carro. Provavelmente fui seguido quando contratei Moody, que por sua vez foi também seguido. Quando ele descobriu a verdade, trataram de assassiná-lo.

Angeli franziu o rosto, pensativo.

- É por isso que o assassino não vai parar enquanto não conseguir matar-me - concluiu Judd calmamente. - Torna-se um jogo mortal, e o homem que eu descobri não suporta a idéia de perder.

Angeli estudava-o atentamente, avaliando tudo o que acabava de ouvir.

- Se está certo, Doutor, então vai precisar de proteção.

Ele tirou o revólver do coldre e verificou se estava tudo carregado.

- Obrigado, Angeli, mas não preciso de uma arma. Vou lutar contra eles com as minhas próprias armas.

Houve um estalido agudo. A porta externa se abriu.

- Está esperando alguém, Doutor? Judd sacudiu a cabeça.

- Não. Não tenho nenhum paciente marcado para esta tarde.

Com a arma na mão, Angeli avançou rapidamente até a porta que dava para a sala de recepção. Ficou de lado e abriu-a bruscamente. Peter Hadley estava parado ali, com uma expressão aturdida no rosto.

Judd foi até a porta e disse a Angeli:

- Está tudo bem. Ele é amigo meu.

- Que diabo está acontecendo aqui? - indagou Peter.

- Desculpe - disse Angeli, guardando a arma.

- Este é o Dr. Peter Hadley... Detetive Angeli.

- Que espécie de clínica psiquiátrica inteiramente louca você está fazendo aqui, Judd - indagou Peter.

- Houve um pequeno problema - explicou Angeli. - O consultório do Dr. Stevens foi... assaltado e pensamos que fosse o ladrão que estivesse de volta.

Judd aproveitou a deixa:

- Isso mesmo. Eles não encontraram o que estavam procurando.

- Isso tem alguma relação com o assassinato de Carol? - indagou Peter. Angeli falou antes que Judd pudesse responder:

- Não tenho certeza, Dr. Hadley. Mas, por enquanto, a polícia pediu ao Dr. Stevens que não discutisse o caso com ninguém.

- Eu compreendo - disse Peter, olhando em seguida para Judd: - O compromisso de almoçarmos juntos ainda está de pé?

Judd esquecera-se completamente.

- Mas claro que sim - disse ele rapidamente, dirigindo-se depois a Angeli: - Acho que já examinamos tudo.

- Creio que sim, Doutor. Tem certeza de que não quer...

- Ele indicou o revólver. Judd sacudiu a cabeça.

- Não, obrigado.

- Está certo. Tome cuidado, Doutor.

- Fique tranqüilo. Tomarei.

Judd mostrou-se bastante preocupado durante o almoço e Peter não o pressionou. Conversaram sobre amigos e pacientes comuns. Peter contou a Judd que falara ao chefe de Harrison Burke. Tudo já foi providenciado para que se submetesse a um exame psiquiátrico, sendo internado numa clínica particular.

Ao café, Peter disse:

- Não sei qual é o problema que está enfrentando, Judd, mas se eu puder ajudar em alguma coisa...

Judd sacudiu a cabeça.

- Obrigado, Peter. É um problema que terei de resolver sozinho. Eu lhe contarei quando tudo estiver acabado.

- Só espero que não demore - disse Peter, procurando falar jovialmente. Hesitou por um momento, mas acabou perguntando:

- Judd... você está correndo algum perigo?

- É claro que não!

O que seria verdade se não houvesse um maníaco homicida que já cometera três assassinatos e estava determinado a fazer Judd sua quarta vítima.

Capítulo 15

Judd voltou para o escritório depois do almoço. Efetuou novamente a mesma rotina cuidadosamente, tentando expor-se o mínimo possível.

Se é que essas preocupações adiantavam alguma coisa.

Começou a ouvir as fitas novamente, tentando achar algo que pudesse proporcionar-lhe uma pista. Era como ligar uma torrente de grafito verbal. O jorro de som estava repleto de ódio... perversão... medo... comiseração de si próprio... megalomania... solidão... vazio... dor...

Ao fim de três horas descobrira um único novo nome a acrescentar na sua lista: Bruce Boyd, o homem com quem John Hanson vivera por último. Ele pôs novamente a fita de Hanson no gravador.

- ...Acho que me apaixonei por Bruce à primeira vista. Era o homem mais bonito que já tinha conhecido.

- Ele era o parceiro passivo ou dominante, John?

- Dominante. Foi uma das coisas que me atraíram nele. Bruce é muito forte. Mais tarde, quando nos tornamos amantes, costumávamos brigar por causa disso.

- Como assim?

- Bruce não tinha consciência da sua própria força. Costumava aproximar-se por trás de mim e dar-me um soco nas costas. Ele o fazia como um gesto de amor, mas um dia quase me quebrou a espinha. Tive vontade de matá-lo. Quando apertava a mão de alguém, quase lhe esmagava os dedos.

Ele sempre fingia estar arrependido, mas no fundo Bruce gosta de machucar as pessoas. E ele não precisava de um chicote para isso. É um homem muito forte...

Judd parou a fita e ficou imóvel, pensando. O padrão do homossexual não se ajustava ao seu conceito do assassino. Mas por outro lado, Bruce estivera envolvido com Hanson e era sádico e egocêntrico.

Judd olhou para os dois nomes em sua lista: Teri Washburn, que matara um homem em Hollywood e nunca mencionara o fato; Bruce Boyd, o último amante de John Hanson. Se fora um deles... qual dos dois?

Teri Washburn morava num apartamento de cobertura em Sutton Place. Todo o apartamento era decorado num tom de rosa berrante: as paredes, os móveis, as cortinas. Havia peças caríssimas espalhadas por toda a parte. As paredes estavam

cobertas de impressionistas franceses. Judd reconheceu dois Manets, dois Degas, um Monet e um Renoir, antes que Teri entrasse na sala. Ele lhe telefonara dizendo que queria visitá-la. Teri se preparava para recebê- lo. Estava usando um négligé rosa algo transparente, sem nada por baixo.

- Você veio mesmo! - exclamou ela, alegremente.

- Eu queria falar-lhe, Teri.

- Mas claro! Aceita um drinque?

- Não, obrigado.

- Pois acho que vou preparar um para mim. A ocasião merece uma comemoração.

Teri dirigiu-se ao bar que havia a um canto da imensa sala de estar. Judd ficou observando-a, pensativo.

Ela voltou com um drinque e sentou-se perto dele, no sofá rosa.

- Então quer dizer que o sexo finalmente o trouxe até aqui, querido. Eu sabia que você não poderia continuar a resistir à pequena Teri. Estou louquinha por você, Judd. Farei qualquer coisa que quiser. Basta dizer. Você faz com que todos os caras que já conheci na vida pareçam pobres coitados.

Teri largou o copo em cima de uma mesinha e estendeu as mãos para as calças de Judd. Ele segurou-lhe as mãos.

- Teri, estou precisando da sua ajuda.

A mente dela estava viajando num mundo próprio.

- Eu sei, meu bem - gemeu ela. - Você vai ter de mim o que nunca recebeu em toda a vida.

- Teri, por favor, escute! Alguém está tentando assassinar-me!

Os olhos dela foram pouco a pouco manifestando surpresa. Ela estaria representando... ou seria uma reação genuína? Judd recordou-se do desempenho dela num de seus últimos espetáculos.

Era uma reação genuína. Teri era uma boa atriz, mas não a esse ponto.

- Oh, Deus! E quem... quem está querendo assassiná-lo?

- Talvez seja alguém ligado a um dos meus pacientes.

- Mas... mas por quê?

- É isso que estou tentando descobrir, Teri. Algum dos seus amigos já falou em matar... Ou assassinar? Talvez numa festa, por brincadeira?

Teri sacudiu a cabeça.

- Não.

- Conhece alguém chamado Don Vinton?

- Don Vinton? Não. Acha que devo conhecer?

- Teri... como se sente com relação a um homicídio?

Um pequeno estremecimento correu no corpo dela. Judd estava segurando-lhe os pulsos e sentiu que dispararam.

- O homicídio a deixa nervosa, Teri?

- Não sei...

- Pense um pouco, Teri. A idéia de homicídio a deixa excitada? Os pulsos dela pulavam irregularmente.

- Não! É claro que não!

- Por que não me disse nada a respeito do homem que matou em Hollywood?

Sem qualquer aviso, ela estendeu as mãos para rasgar-lhe o rosto com as unhas compridas. Judd conseguiu contê-las.

- Seu filho da puta nojento! Isso aconteceu há vinte anos atrás. Então foi por isso que veio até aqui! Saia! Saia!

Teri desabou no sofá, em soluços histéricos.

Judd ficou a observá-la por mais um momento. Teri era passível de ser envolvida num crime. Sua insegurança e a ausência total de amor-próprio tornavam-na presa fácil de quem quer que desejasse usá-la. Ela era como um pedaço de argila mole largada numa sarjeta. A pessoa que a recolhesse poderia moldá-la numa linda estátua... ou numa arma fatal. A questão era saber quem a recolhera por último. Don Vinton?

Judd levantou-se.

- Lamento muito, Teri. E saiu do apartamento cor-de-rosa.

Bruce Boy vivia numa casa em Greenwich Village onde outrora ficavam umas cavalariças.

A porta foi aberta por um mordomo filipino de jaleco branco. Judd disse o seu nome e foi convidado a entrar e aguardar no vestíbulo. O mordomo desapareceu. Dez, quinze minutos se passaram. Judd conteve sua irritação. Deveria ter dito ao Detetive Angeli que viria até ali. Se a teoria de Judd fosse correta, a próxima tentativa de matá-lo não demoraria a ocorrer. E, dessa vez, o assassino tudo faria para garantir a consumação do crime. O mordomo voltou.

- O Sr. Boyd irá recebê-lo.

Ele conduziu Judd até um estúdio muito bem decorado no segundo andar, retirando-se em seguida, discretamente.

Boyd estava sentado a uma escrivaninha. Parecia ocupado em escrever algo. Era um homem bonito, com feições delicadas, nariz aquilino, boca peluda e sensual, cabelos louros, encaracolados. levantou-se assim que Judd entrou. Tinha mais de 1,90 metros de altura, peito e ombros de atleta.

Judd pensou no esboço de identificação física do assassino que fizera. Boyd correspondia plenamente.

Judd desejou mais do que nunca ter deixado algum aviso para Angeli.

- Perdoe-me por fazê-lo esperar, Dr. Stevens - disse ele cordialmente. - Eu sou Bruce Boyd. Estendeu a mão. Judd adiantou-se para apertá-la e, nesse momento, Boyd desferiu-lhe um soco na boca, com um punho de granito. O golpe foi totalmente inesperado e o impacto arremessou Judd para trás, derrubando um abajur ao cair no chão.

- Desculpe, Doutor - disse Boyd, fitando-o tranqüilamente. - Mas o senhor bem que merecia isso. Foi um menino muito mau, não acha? Levante-se e eu lhe preparo um drinque.

Judd sacudiu a cabeça, completamente tonto. Começou a levantar-se, mas Boy chutou-o na virilha com a ponta do sapato e Judd caiu novamente no chão, contorcendo-se de dor.

- Eu já estava esperando que me viesse procurar, Doutor.

Judd levantou os olhos, por entre as ondas incessantes de dor, para o vulto de pé à sua frente. Tentou falar, mas não conseguiu pronunciar uma só palavra.

- Não tente falar - disse Boyd, mais benevolente. - Deve estar doendo bastante. Eu sei por que está aqui. Quer-me fazer perguntas a respeito de Johnny.

Judd assentiu e Boyd chutou-o na cabeça. Através de uma neblina vermelha, a voz de Boyd chegou até Judd, distante e abafada, volta e meia se desvanecendo:

- Nós nos amávamos até que ele foi procurá-lo. O senhor fez com que ele se sentisse anormal, Doutor. Fez com que pensasse que nosso amor era algo sujo, repugnante. Sabe quem o tornou sujo assim, Dr. Stevens? Foi o senhor mesmo!

Judd sentiu algo duro bater em suas costelas, provocando um riu de dor que se espraiou por suas veias. Ele estava agora vendo todos os objetos com cores vivas, como se a sua cabeça estivesse repleta de arcos-íris que tremeluziam.

- Quem lhe deu o direito de dizer às pessoas como devem amar, Doutor? Fica sentado lá em seu consultório como se fosse um deus, condenando todo mundo que não pensa como o senhor!

"Mas isso não é verdade"! Judd ouviu uma parte de sua mente responder. "Hanson nunca". antes tivera qualquer alternativa. Foi a única coisa que fiz: proporcionar-lhe uma alternativa. E ele acabou não escolhendo "!"

- Agora Johnny está morto - disse o gigante louro. - Matou meu Johnny, Doutor. E agora eu vou matá-lo.

Judd sentiu outro pontapé atrás do ouvido e começou a resvalar para a inconsciência. Alguma parte remota de sua mente observava, com um interesse distante, o resto do corpo começar a morrer.

Aquela parte pequena e isolada da sua inteligência, localizada no cerebelo, continuou a

funcionar perfeitamente, sendo seus impulsos convertidos em pensamentos. Judd censurou-se por não ter chegado perto da verdade. Imaginara que o assassino fosse um tipo moreno, latino. Mas era louro.

Ficava convencido de que o assassino não era homossexual e se enganara completamente. Encontrara finalmente o seu maníaco homicida, e agora ia morrer por causa disso.

Judd perdeu os sentidos.

Capítulo 16

Alguma parte distante e remota da mente de Judd estava tentando enviar-lhe uma mensagem, procurando comunicar-lhe algo de importância cósmica. Mas as marteladas dentro de seu crânio eram tão angustiantes que ele não podia concentrar-se em coisa alguma! Em algum lugar, perto dele, podia ouvir um gemido agudo, como o uivo de um animal ferido. Lentamente, dolorosamente, Judd abriu os olhos. Estava deitado numa cama, num quarto estranho. A um canto do quarto estava Bruce Boyd, chorando inconsoladamente.

Judd tentou senta-se. A dor lancinante em seu corpo inundou-lhe a memória com a recordação do que lhe acontecera. E Judd sentiu-se subitamente dominado por uma fúria selvagem e incontrolável.

Boyd virou-se ao ouvir Judd mexer-se. Aproximou-se da cama e disse em tom de lamúria:

- A culpa é sua. Se não fosse você, Johnny ainda estaria seguro ao meu lado.

Sem poder dominar-se, impelido por algum instinto de vingança há muito esquecido e enterrado profundamente em sua mente. Judd estendeu as mãos para a garganta de Boyd. Seus dedos se fecharam em torno da traquéia do brutamontes, apertando-a com toda a força. Boyd não fez o menor gesto para se defender. Continuou parado no mesmo lugar, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Judd encarou-o e foi como se visse nos olhos dele um poço que ia dar no inferno.

Lentamente, afrouxou os dedos e baixou as mãos. "Meu Deus", pensou Judd, "eu sou um médico!".

Um homem doente me agride e a vontade que tenho é de matá-lo "! Olhar para Boyd era ver uma criança arrasada, aturdida".

E subitamente Judd compreendeu o que seu subconsciente vinha tentando informar-lhe: Bruce Boyd não era Don Vinton. Se fosse, Judd não estaria vivo nesse momento. Boyd era incapaz de cometer homicídio. Então ele não errara ao pensar que Boyd não se ajustava à imagem que fizera do assassino! Era um consolo irônico na situação!

- Se não fosse por você, Johnny estaria vivo agora - soluçou Boyd. - Estaria aqui comigo e eu poderia protegê-lo.

- Eu não pedi a John Hanson que o deixasse - disse Judd, a voz cansada. - A idéia partiu dele mesmo.

- Mentiroso!

- As coisas já estavam erradas entre você e John antes mesmo dele ir procurar-me. Houve um longo silêncio. Depois Boyd assentiu:

- Tem razão. Nós... nós brigávamos o tempo todo.

- Ele estava procurando descobrir-se a si mesmo, e seus instintos lhe diziam que ele queria voltar para a esposa e para os filhos. No fundo, John queria ser heterossexual.

- Tem razão - murmurou Boyd. - Ele costumava falar nisso o tempo todo, mas eu pensava que era apenas para castigar-me.

Ele levantou os olhos e encarou Judd.

- Mas um dia ele me deixou. Ele... Simplesmente foi embora. Deixou de me amar. Havia um desespero total em sua voz.

- Ele não deixou de amá-lo - disse Judd. - Pelo menos não como amigo. Os olhos de Boyd estavam agora fixos no rosto de Judd.

- Quer ajudar-me?

O desespero em seus olhos era indescritível.

- Ajude-me! Tem que me ajudar!

Era um grito de angústia. Judd ficou calado por algum tempo.

- Está certo, eu o ajudarei.

- Poderei ser normal?

- Não existe conceito absoluto de comportamento. Cada pessoa carrega a sua própria normalidade dentro de si. Não há duas pessoas que sejam iguais.

- Pode fazer de mim um heterossexual?

- Isso depende de que você o queira de verdade. Nesse caso, podemos ajudá-lo através da psicanálise.

- E se falhar?

- Se descobrirmos que você nasceu homossexual, pelo menos poderá ajustar-se a tal situação.

- Quando podemos começar, Doutor?

Bruscamente, Judd voltou à realidade. Estava sentado ali, conversando tranqüilamente com um paciente, quando tudo indicava que seria assassinado dentro das próximas vinte e quatro horas.

E ainda não tinha a menor idéia de quem era Don Vinton. Já eliminara os dois últimos suspeitos da sua lista, Teri e Boyd. Não sabia mais agora do que quando começara. Se sua análise de Don Vinton era correta, ele deveria estar, nesse momento, dominado por uma fúria assassina. O próximo ataque seria desfechado sem demora.

- Telefone-me na segunda-feira - disse ele a Boyd.

Judd procurou avaliar as suas possibilidades de sobrevivência, afundado num banco traseiro de um táxi que o levava de volta ao prédio em que morava. Pareciam mínimas. O que Don Vinton poderia estar querendo tão desesperadamente? E, quem era Don Vinton? Como era possível que ele não tivesse ficha na polícia? Será que ele estaria usando outro nome? Não. Moody dissera claramente "Don Vinton".

Era difícil concentrar-se. Cada sacolejo do táxi provocava dores terríveis em seu corpo machucado. Judd pensou nos assassinatos e tentativas cometidos até aquele momento, procurando encontrar alguma espécie de padrão que fizesse sentido. Uma vítima esfaqueada, outra torturada até à morte, um "acidente" de carro, uma bomba em seu carro, um estrangulamento. Não havia padrão algum que ele pudesse discernir. Somente uma violência implacável, maníaca. Ele não tinha como saber qual a forma que assumiria a próxima tentativa de matá-lo. Nem quem a executaria. Os lugares em que seria mais vulnerável eram o escritório e o seu apartamento. Recordou-se do conselho de Angeli. Mandaria instalar trancas mais fortes nas portas do seu apartamento. Pediria a Mike, o porteiro, e a Eddie, o ascensorista, que ficassem de alerta. Podia confiar neles!

O táxi parou diante do prédio em que morava. O porteiro abriu a porta de trás. Era um homem totalmente desconhecido para ele.

Capítulo 17

Era um homem grande, de pele morena, rosto bexiguento e olhos negros, bem fundos. Tinha uma cicatriz antiga na garganta. Estava usando o casaco do uniforme de Mike, apertado demais para ele.

O táxi afastou-se e Judd ficou sozinho com o desconhecido. Foi invadido por um acesso súbito de dor. "Oh, meu Deus, agora não"! Ele cerrou os dentes.

- Onde está Mike?

- De férias, Doutor.

Doutor! Então o homem sabia quem ele era! E como Mike poderia tirar férias em Dezembro? Havia um ligeiro sorriso de satisfação no rosto do homem. Judd olhou para um lado e outro da rua varrida pelo vento, mas estava completamente deserta. Ele poderia tentar correr, mas não teria qualquer possibilidade de escapar, no estado em que se encontrava. Seu corpo estava dolorido e sentia dores a cada respiração.

- Parece que sofreu um acidente, Doutor.

A voz do homem era jovial. Judd virou-se sem responder e entrou no saguão do edifício. Podia contar com Eddie para ajudá-lo.

O porteiro seguiu Judd até o saguão. Eddie estava no elevador, de costas. Judd avançou na sua direção. Cada passo constituía-se numa agonia desesperada. Ele sabia que não podia fraquejar agora. O importante era não deixar que o homem o pegasse sozinho. Ele não teria coragem de fazer qualquer coisa diante de testemunhas.

- Eddie! - chamou Judd.

O homem no elevador virou-se.

Judd nunca o vira antes. Era uma cópia em ponto menor do porteiro. Só que não tinha a cicatriz. Era óbvio que ambos eram irmãos.

Judd parou, encurralado entre os dois. Não havia mais ninguém no saguão.

- Vamos subir - disse o homem no elevador.

Ele tinha no rosto o mesmo sorriso de satisfação do irmão. Então eram assim os rostos da morte! Mas Judd tinha certeza de que nenhum dos dois era o cérebro que comandava tudo. Não passavam de assassinos profissionais contratados. Será que pretendiam matá-lo ali, no saguão, ou deixariam para fazê-lo em seu apartamento? "No apartamento", concluiu Judd. Isso lhes daria mais tempo para fugir, enquanto não descobrissem o corpo.

Judd deu um passo na direção do escritório do gerente.

- Tenho que falar ao Sr. Katz sobre...

O homem maior bloqueou-lhe o caminho.

- O Sr. Katz está ocupado, Doutor - disse ele suavemente.

- Vou levá-lo lá para cima - disse o homem do elevador.

- Não, eu...

- Faça o que ele está dizendo.

Não havia qualquer emoção na voz do grandalhão.

Houve uma súbita rajada de ar gelado quando a porta do saguão se abriu. Dois homens e duas mulheres entraram apressadamente, rindo e conversando, encolhidos dentro dos seus casacos.

- Está pior do que na Sibéria - disse uma das mulheres.

O homem que segurava o braço dela tinha um rosto rechonchudo, com um sotaque do Centro-Oeste:

- A noite lá fora não dá para homem nem para animal.

O grupo encaminhou-se para o elevador. O porteiro e o ascensorista se entreolharam, sem nada dizer.

A segunda mulher, uma loura oxigenada miúda, com um sotaque sulista, disse então:

- Foi uma tarde maravilhosa! Muito obrigada a vocês dois! Ela estava despachando os homens!

O segundo homem soltou um resmungo de protesto.

- Não vai querer que a gente se vá antes de tomar um último drinque de despedida, não é?

- Já é muito tarde, George - disse a primeira mulher, sorrindo.

- Mas lá fora está abaixo de zero! Vocês têm que nos dar um anticongelante. O outro homem suplicou também:

- Só um drinque e depois iremos embora.

- Bem...

Judd estava perdendo a respiração.

- Por favor!

A loura oxigenada terminou concordando.

- Está bem. Mas só um, entenderam?

Rindo, o grupo entrou no elevador. Judd entrou rapidamente com eles. O porteiro ficou parado lá fora, sem saber o que fazer, olhando para o irmão. O ascensorista deu os

ombros, fechou a porta e acionou o elevador. O apartamento de Judd ficava no quinto andar. Se o grupo saltasse antes, ele estaria perdido. Se saltasse depois, ele teria a possibilidade de entrar em seu apartamento, armar uma barricada e telefonar pedindo socorro.

- Qual é o andar?

A loura miúda soltou uma risada.

- Não sei o que meu marido diria se soubesse que convidei dois estranhos para o apartamento. Ela virou-se para o ascensorista e acrescentou:

- Décimo.

Judd soltou a respiração e disse, rapidamente.

- Quinto.

O ascensorista lançou-lhe um olhar paciente e malicioso, abrindo a porta no quinto andar. A porta do elevador se fechou.

Judd avançou para seu apartamento, quase cambaleando de dor. Tirou a chave do bolso, abriu a porta e entrou. O coração batia-lhe descompassadamente. Tinha cinco minutos no máximo antes que eles viessem matá-lo. A corrente soltou-se em sua mão! Examinou-a e viu que tinha sido cortada da tranca de segurança. Jogou-a longe e encaminhou-se para o telefone. Foi dominado por uma tontura súbita. Ficou parado, lutando contra a dor, os olhos fechados. Seu precioso tempo se escoava. Com grande esforço, recomeçou a caminhar em direção ao telefone, movendo-se lentamente. A única pessoa para quem ele conseguia se lembrar de telefonar era Angeli, mas este estava em casa, doente. Além disso, o que poderia dizer? "Temos um novo porteiro e um novo ascensorista e acho que eles estão querendo me matar?" Judd percebeu de repente que estava segurando o telefone, paralisado, aturdido demais para fazer qualquer coisa! "Conclusão", pensou ele. Boyd poderia tê-lo matado, afinal de contas. Eles entrariam no apartamento e o encontrariam inteiramente impotente. Judd recordou-se da expressão nos olhos do grandalhão. Tinha que ser mais esperto do que eles, fazer algo que não esperassem. Mas o quê, meu Deus?

Ligou o pequeno receptor de TV que focalizava o saguão. Estava deserto. A dor voltou, em ondas sucessivas, fazendo-o sentir-se fraco. Ele forçou a mente cansada a concentrar-se no problema.

Estava numa emergência... Isso mesmo. Uma emergência. Tinha que tomar medidas de emergência.

Isso mesmo... Sua visão estava nevoada. Os olhos focalizaram o telefone. "Emergência"... Ele aproximou o dial dos olhos, a fim de conseguir ler os números. Lentamente, dolorosamente, ele discou. Uma voz atendeu ao quinto toque da campainha. Judd falou, as palavras enroladas, meio indistintas. Seus olhos foram atraídos por um movimento na tela de TV. Os dois homens, em roupas comuns, estavam atravessando o saguão, seguindo para o elevador.

Seu tempo se esgotava.

Os dois homens avançavam em silêncio para o apartamento de Judd e prostraram-se dos dois lados da porta. O maior deles, Rocky, experimentou a maçaneta. A porta estava trancada. Ele tirou o cartão de celulóide e inseriu-o cuidadosamente na fechadura. Fez um gesto com a cabeça para o irmão e ambos sacaram os revólveres munidos de silenciadores. Rocky comprimiu o cartão de celulóide contra a fechadura e depois empurrou a porta, que se abriu lentamente, sem oferecer qualquer resistência. Entraram na sala de estar, os revólveres em punho. Tinham diante de si três portas fechadas. E não havia o menor sinal de Judd. O irmão menor, Nick, experimentou a primeira porta. Estava trancada. Ele sorriu para o irmão, encostou a boca da arma na fechadura e apertou o gatilho. A porta se abriu lentamente, sem qualquer barulho. Era de um quarto. Os dois homens entraram, os revólveres percorrendo o quarto de um lado ao outro.

Não havia ninguém lá dentro. Nick verificou os armários, enquanto Rock voltava para a sala de estar. Agiam sem qualquer pressa, sabendo que Judd estava escondido no apartamento, impotente.

Havia um prazer quase deliberado nos movimentos vagarosos deles, como se estivessem saboreando os movimentos que antecediam o assassinato de Judd.

Nick experimentou a segunda porta. Estava trancada também. Ele deu um tiro na fechadura e entrou. Era o escritório. Estava vazio e encaminharam-se para a terceira porta. Rocky segurou o braço do irmão ao passarem diante do monitor de TV. Podiam ver na tela três homens que entravam apresadamente no saguão. Dois deles usavam jalecos de internos e empurravam uma maca sobre rodinhas. O terceiro carregava uma maleta preta de médico.

- Mas que diabo!

- Fique calmo, Rocky. É só alguém doente. Deve haver, pelo menos, cem apartamentos neste prédio.

Ficaram olhando para a tela de TV, fascinados, vendo os dois internos empurrarem a maca para dentro do elevador. A porta do elevador se fechou.

- Vamos esperar alguns minutos - disse Nick. - Pode ter sido algum acidente. Neste caso a polícia estará lá fora.

- Mas que azar!

- Não se preocupe, Rocky. Stevens não irá a lugar nenhum.

A porta do apartamento abriu-se inesperadamente e o médico e os dois internos entraram, empurrando a maca. Rapidamente os dois assassinos guardaram as armas nos bolsos.

O médico aproximou-se de Rocky.

- Ele está morto?

- Ele quem?

- A vítima de suicídio. Ele está morto ou vivo? Os dois assassinos se entreolharam, aturdidos.

- Acho que vieram ao apartamento errado.

O médico passou por eles e experimentou a porta fechada do quarto.

- Está trancada. Ajudem-me a arrombá-la.

Os dois irmãos ficaram observando, desolados, o médico e os internos arrombarem a porta. O médico entrou no quarto.

- Tragam a maca.

Ele aproximou-se da cama, onde Judd estava deitado.

- O senhor está bem?

Judd levantou os olhos, procurando focalizar o rosto à sua frente. E murmurou:

- Hospital...

- Está a caminho de lá.

Frustrados, os dois assassinos observaram os internos colocarem Judd sobre a maca, envolvendo-o em lençóis.

- Vamos embora - disse Rocky.

O médico ficou observando os dois homens se retirarem. Depois virou-se para Judd, que estava estendido na maca, o rosto pálido e ansioso:

- Você está bem, Judd?

Sua voz denotava uma profunda preocupação. Judd esboçou um sorriso.

- Estou ótimo.

Ele quase não podia ouvir a própria voz.

- Obrigado, Peter.

Peter olhou para o amigo, depois fez um gesto com a cabeça para os dois internos.

- Vamos indo.

Capítulo 18

O quarto do hospital era outro, mas a enfermeira a mesma. Tinha um olhar feroz de desaprovação. Ela foi a primeira coisa que Judd viu sentada à cabeceira de sua cama, assim que abriu os olhos.

- Então já acordamos - disse ela rispidamente. - O Dr. Harris quer vê-lo. Vou informá-lo de que já acordou.

Ela saiu do quarto, toda empertigada.

Judd sentou-se cautelosamente. Os reflexos dos braços e das pernas estavam um pouco lentos, mas intactos. Ele tentou localizar uma cadeira do outro lado do quarto, com um olho de cada vez. A visão estava meio enevoada.

- Deseja uma consulta?

Judd levantou os olhos. O Dr. Seymour Harris entrara no quarto. E acrescentou jovialmente:

- Você está-se tornando um dos nossos melhores clientes. Sabe em quanto vai somente a conta dos pontos? É claro que lhe vamos dar os descontos de freqüência... Como dormiu, Judd?

Ele sentou-se na beira da cama.

- Como um bebê. O que foi que me deu?
- Uma injeção de sódio-luminol.
- Que horas são?
- Meio-dia.
- Meu Deus! Tenho que sair daqui!

O Dr. Harris tirou a ficha médica da prancheta que estava carregando.

- Sobre que gostaria de falar primeiro? Sua concussão? As escoriações? Ou as contusões? Harris pôs a ficha de lado e disse em tom grave:

- Judd, seu corpo sofreu um severo castigo. Maior do que você imagina. Se for inteligente, continuará nesta cama por mais alguns dias, descansando. Depois tirará férias de um mês.

- Obrigado, Seymour.
- Você diz obrigado, mas, na verdade, está querendo dizer é "não, obrigado".

- Há um problema urgente que preciso resolver. O Dr. Harris suspirou.

- Sabe quais são os piores pacientes do mundo? Os próprios médicos. Ele mudou de assunto rapidamente, reconhecendo a derrota.

- Peter passou a noite inteira aqui. E depois que saiu está telefonando de hora em hora. Ele está bastante preocupado com você, Judd. Acha que alguém tentou matá-lo ontem à noite.

- Você sabe como os médicos são. Não há um que não tenha imaginação em excesso. Harris ficou em silêncio por um momento, depois encolheu os ombros e disse:

- Você é o analista. Eu sou apenas Ben Casey. Talvez saiba o que está fazendo... mas eu não apostaria um níquel nisso. Tem certeza de que não quer ficar na cama por alguns dias?

- Não posso ficar.

- Está certo, Tigre. Vou deixá-lo sair amanhã.

Judd fez menção de protestar, mas o Dr. Harris interrompeu-o:

- Não discuta. Hoje é domingo. Os caras que o estão surrando precisam de um descanso.

- Seymour...

- Mais uma coisa: detesto bancar a mãe judia, mas tenho que lhe perguntar se ultimamente tem comido alguma coisa.

- Quase nada.

- Está certo. Vou dar vinte e quatro horas à Senhorita Bedpan para engordá-lo. Judd...

- O que é?

- Tome cuidado. Eu detestaria perder um cliente tão bom. E com isso o Dr. Harris se foi.

Judd fechou os olhos para descansar por um momento. Ouviu um barulho de pratos e

abriu-os. Uma linda enfermeira irlandesa estava entrando no quarto com um carrinho de comida.

- Está acordado, Dr. Stevens? Ela sorriu.

- Que horas são?

- Seis horas.

Ele dormia o dia inteiro. A enfermeira colocou a comida na bandeja especial para a cama.

- Vai ter um banquete esta noite: peru. Amanhã é véspera de Natal.

- Eu sei.

Judd não sentia apetite algum até engolir o primeiro pedaço. Descobriu então que estava faminto. O Dr. Harris proibira todos os telefonemas e, por isso, ele ficou na cama sem

fazer nada, recuperando-se, agrupando as forças interiores para o combate. No dia seguinte precisaria de toda energia de que pudesse dispor.

Às dez horas da manhã seguinte o Dr. Seymour Harris entrou no quarto de Judd.

- Como está o meu paciente predileto? disse ele, sorrindo. - Sabe que você está parecendo quase humano?

- Eu me sinto quase humano - disse Judd, sorrindo também.

- Ótimo. Você tem uma visita. Mas eu não gostaria de que se assustasse. Peter. E provavelmente Norah também. Parecia que ultimamente eles passavam a maior parte do tempo a visitá-lo em hospitais. O Dr. Harris continuou:

- É o Tenente McGreavy.

O coração de Judd se contraiu.

- Está ansioso por falar-lhe e já se pôs a caminho daqui. Ele queria ter certeza de que você estaria acordado quando chegasse.

Para prendê-lo... Com Angeli em casa doente, McGreavy estava livre para fabricar todas as provas que pudessem incriminar Judd. E assim que McGreavy o agarrasse, não haveria mais qualquer esperança. Ele tinha que fugir do hospital antes que McGreavy chegasse.

- Poderia pedir à enfermeira que chamasse o barbeiro, Seymour? Eu gostaria de fazer a barba. Sua voz deve ter soado de forma estranha, pois o Dr. Harris fitou-o com uma expressão esquisita. Ou será que McGreavy dissera ao Dr. Harris alguma coisa a respeito dele?

- Mas é claro, Judd!

E o Dr. Harris retirou-se.

No momento em que a porta se fechou, Judd levantou-se. As duas noites de sono haviam produzido nele um verdadeiro milagre. As pernas ainda estavam um pouco trêmulas, mas isso logo passaria. Precisava agir rapidamente. Levou apenas três minutos para se vestir.

Entreabriu a porta, certificou-se de que não havia ninguém no corredor para detê-lo, depois saiu e encaminhou-se para a escada de serviço. Ao começar a descer, Judd ouviu a porta do elevador se abrir. Olhou para trás e viu McGreavy encaminhando-se para o quarto que ele acabara de deixar.

Um guarda uniformizado e dois detetives seguiam o Tenente. Judd continuou a descer rapidamente e saiu do hospital pela entrada das ambulâncias. Um quarteirão depois, fez sinal para um táxi.

McGreavy entrou no quarto do hospital e viu a cama vazia e o armário desocupado.

- Ele fugiu. Mas talvez ainda possam apanhá-lo.

Pegou o telefone. A telefonista do hospital ligou-o com a Chefatura de Polícia.

- Aqui é McGreavy - disse ele rapidamente. - Quero que expeça um boletim geral

urgente... Dr. Stevens, Judd, sexo masculino, caucasiano, idade...

O táxi parou diante do edifício onde Judd tinha seu consultório. A partir daquele momento, não havia segurança para ele em parte alguma. Não podia voltar para seu apartamento. Teria que se hospedar em algum hotel. Voltar ao consultório era muito arriscado, mas ele precisava fazê-lo de qualquer maneira.

Tinha que pegar o número de um telefone.

Pagou ao motorista e entrou no saguão do edifício. Todos os músculos do seu corpo estavam doloridos. Avançou rapidamente. Sabia que tinha muito pouco tempo. Era pouco provável que estivessem esperando que ele voltasse ao consultório, mas não podia correr riscos desnecessários. Agora era uma questão de saber quem o pegaria primeiro: a polícia ou os seus assassinos.

Judd abriu a porta do consultório e entrou, trancando-a imediatamente. A sua sala parecia agora estranha e hostil. Judd sabia que não mais poderia continuar tratando os seus pacientes ali.

Estaria sujeitando-os a um perigo muito grande. Judd sentiu-se cheio de raiva pelo que Don Vinton estava fazendo com a sua vida. Poderia ver a cena que provavelmente ocorrera quando os dois irmãos haviam voltado e informado o fracasso de mais uma tentativa de matá-lo. Se ele bem compreendera o caráter de Don Vinton, o homem tivera um acesso de raiva. A próxima tentativa ocorreria a qualquer momento.

Judd atravessou a sala para pegar o telefone de Anne, pois lembrara-se de duas coisas enquanto estivera no hospital.

Algumas sessões de Anne tinham sido imediatamente anteriores às de John Hanson.

E Anne e Carol gostavam de conversar. Inocentemente, Carol poderia ter transmitido alguma informação fatal a Anne. Se isso ocorrera, ela talvez corresse perigo agora.

Ele tirou seu caderninho de endereços de uma gaveta fechada à chave, encontrou o telefone de Anne e discou. A campainha tocou três vezes e uma voz neutra disse:

- Aqui é uma telefonista de auxílio. Qual foi o número que discou, por gentileza?

Judd disse o número do telefone de Anne. Momentos depois a telefonista voltou a falar:

- Lamento, mas está discando para número errado. Por gentileza, consulte o seu catálogo telefônico ou ligue para as informações.

- Obrigado.

Judd desligou. Ficou sentado, pensando, recordando-se de que seu serviço de recados telefônicos o informara, poucos dias atrás, de que todos os seus pacientes haviam sido localizados, à exceção de Anne. Ele procurou no catálogo, mas nem o nome do marido de Anne nem o dela constavam na lista. Subitamente Judd sentiu que era muito importante falar com Anne. Copiou o seu endereço: Woodside Avenue, 617, Bayonne, Nova Jersey.

Quinze minutos depois ele estava num balcão da Avis, alugando um carro. Havia um cartaz por trás do balcão que dizia: "Somos a segunda por isso nos esforçamos mais". "Estamos no mesmo barco", pensou Judd.

Tudo acertado, ele saiu da garagem com o carro alguns minutos mais tarde. Deu uma volta pelo quarteirão, certificando-se de que não estava sendo seguido, e então seguiu para a Ponte George Washington, a caminho de Nova Jersey.

Ao chegar a Bayonne, ele parou num posto de gasolina para pedir informações.

- Vire à esquerda na próxima esquina. É a terceira rua depois.
- Obrigado.

Judd prosseguiu. Só de pensar em ver Anne novamente seu coração disparou. O que poderia dizer a ela sem alarmá-la? Será que o marido estaria em casa?

Judd entrou em Woodside Avenue. Verificou a numeração das casas. Ainda estava no quarteirão da centena 900. As casas de ambos os lados eram pequenas, antigas, assoladas pelo tempo.

Ele entrou no quarteirão da centena 700. As casas pareciam tornar-se progressivamente ainda menores e mais velhas.

Anne vivia numa linda propriedade, toda arborizada. Praticamente não havia árvores por ali. Ao chegar ao endereço que Anne lhe dera, Judd já estava mais ou menos preparado para o que viu.

O número 617 de Woodside Avenue era um terreno baldio, coberto de mato.

Capítulo 19

Judd, parou o carro do outro lado do terreno baldio, procurando compreender a situação. O número errado do telefone era um engano corriqueiro. Ou o endereço poderia ter sido um engano.

Mas não ambos. Anne lhe mentira deliberadamente. E se ela mentira em relação a quem era e onde morava, sobre o que mais poderia ter-lhe mentido. Judd forçou-se a analisar objetivamente tudo o que sabia a respeito dela. Quase nada. Ela entrara em seu consultório sem ser encaminhada por ninguém e insistira em tornar-se sua paciente.

Evitava cuidadosamente revelar-lhe qual o seu problema, ao longo das quatro semanas em que o visitara. Depois, subitamente, anunciara que o problema estava resolvido e que iria viajar. Depois de cada sessão ela lhe pagava em dinheiro, de forma que não havia maneira de localizá-la agora. Mas que motivo ela poderia ter para se apresentar como sua paciente e depois desaparecer? Só havia uma resposta. E quando Judd chegou à conclusão inevitável, sentiu-se fisicamente arrasado.

Se alguém queria preparar uma armadilha para assassiná-lo, precisando, para isso, conhecer a sua rotina no consultório, como era a sala por dentro, que melhor maneira de descobri-lo senão fazendo-se passar por paciente? Fora o que Anne fizera. Don Vinton a mandara. Ela descobrira o que precisava e depois desaparecera, sem deixar vestígios.

Tudo não passara de fingimento, e ele se deixara lograr. Como Anne deveria ter rido ao informar tudo a Don Vinton sobre o idiota apaixonado que se julgava um analista que conhecia a fundo as pessoas! Ele se apaixonara insensatamente por uma moça cujo único objetivo era armar o cenário para o seu assassinato. Era assim que ele julgava conhecer o caráter das pessoas? Daria um relatório dos mais divertidos para a Associação Psiquiátrica Americana.

Mas... e se isso não fosse verdade? E se Anne fora procurá-lo com um problema genuíno, usando um nome fictício por recear prejudicar uma terceira pessoa? O problema terminara resolvendo-se por si mesmo, e ela concluíra que não precisava mais da ajuda de um analista. Mas Judd sabia que essa explicação era fácil demais. Havia um elemento ignorado a respeito de Anne que precisava ser desvendado. Judd teve o pressentimento de que a explicação para tudo o que estava acontecendo talvez estivesse nesse elemento desconhecido.

Era possível que ela estivesse sendo coagida. Mas Judd sabia que estava sendo tolo. Tentava apenas imaginar Anne como uma donzela em desgraça e a ele próprio como um cavaleiro numa armadura refulgente. Será que ela preparara a armadilha para assassiná-

lo? Ele tinha que descobrir, de qualquer maneira. Uma mulher idosa, num casaco puído, saiu de uma casa e ficou olhando para ele. Judd deu a volta e seguiu novamente para a Ponte George Washington.

Havia uma fila de carros atrás. Um deles poderia estar a segui-lo. Mas por que haveriam de segui-lo? Seus amigos sabiam onde encontrá-lo. Não podia, contudo ficar sentado à espera passivamente que o atacassem. Ele próprio tinha que atacar, apanhá-los desprevenidos, enfurecer Don Vinton até que este cometesse um erro pelo qual pudesse ser derrotado. E Judd tinha que fazer tudo isso antes que McGreavy o apanhasse. e o metesse na cadeia.

Judd seguiu para Manhattam. A única chave para o quebra-cabeças era Anne que desaparecera sem deixar o menor vestígio. E ela sairia do país dentro de dois dias. Judd vislumbrou então, repentinamente, uma possibilidade de encontrá-la.

Era véspera de Natal e o escritório da Pan-Am estava apinhado de viajantes e de pessoas que esperavam uma desistência, para poderem viajar.

Judd conseguiu abrir caminho até o balcão, através das filas de espera, pedindo para falar ao gerente. A jovem uniformizada dirigiu-lhe um sorriso profissional e pediu que esperasse.

Judd ficou parado ali, ouvindo babel de vozes.

- Quero ir para a Índia.
- Será que está muito frio em Paris?
- Quero um carro à minha espera em Lisboa.

Ele sentiu um desejo desesperado de entrar num avião e fugir. Só então compreendeu quão exausto estava, física e emocionalmente. Don Vinton parecia ter um exército à sua disposição, mas Judd estava sozinho. Que chances poderia ter?

- Em que posso ajudá-lo?

Judd virou-se. Um homem alto e de aspecto cadavérico estava atrás do balcão.

- Meu nome é Friendly.

Ele ficou esperando que Judd apreciasse a piada. Judd sorriu para agradar-lhe e acrescentou:

- Charles Friendly. Em que posso servi-lo?
- Eu sou o Dr. Stevens. Estou tentando localizar uma paciente minha. Ela está de viagem marcada para a Europa amanhã.
- O nome, por gentileza?
- Anne Blake.

Judd hesitou, mas acrescentou:

- Possivelmente a reserva foi feita em nome do Sr. e Sra. Anthony Blake.

- Para que cidade ela está seguindo?

- Eu... eu não tenho muita certeza.

- As reservas foram feitas para um dos nossos vôos matutinos ou para um vôo vespertino?

- Nem mesmo tenho certeza se é a sua companhia.

A cordialidade desapareceu dos olhos do Sr. Friendly.

- Então, infelizmente, não poderei ajudá-lo.

Judd foi dominado por um sentimento súbito de pânico.

- Mas é realmente muito importante! Tenho que localizá-la antes da partida!

- Doutor, a Pan-American tem um ou mais vôos diários para Amsterdã, Barcelona, Berlim, Bruxelas, Copenhague, Dublim, Dussedorf, Frankfurt, Hamburgo, Lisboa, Londres, Munich, Paris, Roma, Shannon, Stuttgart e Viena. O mesmo acontece com as outras companhias aéreas internacionais. Terá que procurar uma a uma. E duvido muito de que possam ajudá-lo, a menos que informe o destino e a hora da partida.

A expressão no rosto do Sr. Friendly era agora de impaciência.

- Se me dá licença...

Ele virou-se, afastando-se

- Espere um instante!

Como ele poderia explicar que aquela era a sua última chance de manter-se vivo, de descobrir quem estava tentando matá-lo? Friendly fitava-o agora com uma hostilidade indisfarçável.

- Pois não?

Judd esforçou-se por sorrir, odiando-se por ter que fazê-lo.

- Não possuem uma espécie de sistema central de computação no qual podem descobrir os nomes dos passageiros pelo...?

- Só se souber o número do vôo - disse o Sr. Friendly, virando-lhe as costas e afastando-se de vez.

Judd ficou parado no balcão, sentindo-se arrasado. Estava derrotado. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Nesse momento entrou um grupo de sacerdotes italianos, de batinas negras que esvoaçavam, com imensos chapéus negros. Pareciam figuras vindas diretamente da Idade Média. Carregavam malas baratas de papelão, caixas e cestos de frutas. Falaram alto, em italiano.

Zombavam visivelmente do membro mais jovem do grupo, um rapaz que não parecia ter mais do que dezoito ou dezenove anos. "Os padres provavelmente estavam regressando a Roma depois de umas férias", pensou Judd, ao ouvi-lo pronunciarem a palavra Roma...

"onde Anne estaria"... Anne novamente.

Os padres aproximaram-se do balcão.

- E molto bene di ritornare a casa.
- Si, d'acordo.
- Signore, per piacce, guardatemi.
- Tutto va bene?
- Si, ma...
- Dio mio, dave sono i miei biglietti?
- Cretino, hai perduto i biglietti.
- Ah, eccoli.

Os padres entregaram as passagens ao mais jovem, que se aproximou timidamente da moça no balcão. Judd olhou para a porta de saída. Um homem gordo, de sobretudo cinza, estava parado ali.

O jovem padre estava falando com a moça:

- Diece. Dieci.

A jovem fitava-o impassível, sem compreender nada. O padre reuniu todos os seus conhecimentos de inglês e por fim conseguiu fazer-se entender.

Ele apresentou as passagens à jovem. Ela sorriu e começou imediatamente a verificá-las. Os padres irromperam em gritos, deliciados deram aplausos à capacidade lingüística do companheiro, batendo-lhe repetidamente nas costas.

"De nada adiantava continuar ali", concluiu Judd. Mais cedo ou mais tarde ele teria que enfrentar o que quer que houvesse lá fora à sua espera. Judd virou-se lentamente e começou a afastar-se do grupo de padres.

- Guardote che ha fatto il Don Vinton.

Judd estacou. O sangue afluiu-lhe ao rosto. Virou-se para o padre atarracado que falava e segurou-lhe o braço.

- Com licença - disse ele, numa voz rouca e trêmula - mas falou em "Don Vinton"?

O padre olhou-o atônito, depois bateu no braço de Judd e fez noção de afastar-se. Judd apertou-lhe o braço com mais força.

- Espere um instante!

O padre ficou visivelmente nervoso. Judd fez um grande esforço para falar com toda a calma:

- Don Vinton. Quem é ele? Mostre-me.

Todos os padres olharam para Judd. O padre atarracado olhou para os companheiros e disse:

- É um americano notto.

Houve um murmúrio nervoso de vozes italianas. Pelo canto dos olhos, Judd viu que Friendly o observava do balcão. Friendly logo deu a volta ao balcão e encaminhou-se em sua direção.

Judd procurou controlar o pânico crescente que o invadia. Largou o braço do padre, inclinou- se na direção dele e disse bem devagar e nitidamente:

- Don Vinton.

O padre olhou atentamente para Judd e logo seu rosto se iluminou com uma expressão divertida.

- Don Vinton!

O gerente aproximou-se rapidamente, com uma expressão hostil. Judd sacudiu a cabeça para o padre, encorajando-o a continuar. O padre apontou para o mais jovem do grupo.

- Don Vinton... o "grande homem", o "chefão".

E subitamente o quebra-cabeças foi decifrado.

Capítulo 20

- Calma, calma - disse Angeli, a voz muito rouca. - Assim não posso entender uma só palavra do que está dizendo.

- Desculpe - disse Judd, respirando fundo e acrescentando: - Eu descobri a resposta! Ele sentia-se tão aliviado por ouvir a voz de Angeli que quase gaguejava.

- Já sei quem está querendo matar-me. Sei quem é Don Vinton. A voz de Angeli era céptica:

- Não conseguimos descobrir nenhum Don Vinton.

- Sabe por quê? Porque não é o nome de um homem e sim um título!

- Quer falar um pouco mais devagar? A voz de Judd tremia de excitação.

- Don Vinton não é nome de pessoa. É uma expressão italiana que significa "o chefão". Foi o que Moody quis dizer-me, que o "chefão" é que está atrás de mim.

- Não estou entendendo nada, Doutor.

- Não significa coisa alguma, em inglês, mas será que não lhe sugere nada se pensar em italiano? Não seria uma organização de assassinos dirigida pelo Chefão?

Houve um longo silêncio do outro lado do fio.

- A Cosa Nostra?

- E quem mais poderia reunir dessa forma um grupo de assassinos e tantas armas? ácido, bombas, revólveres! Lembra-se de que eu lhe disse que o nosso homem devia ser um europeu meridional? Pois ele é italiano.

- Isso não faz o menor sentido, Doutor. Por que a Cosa Nostra haveria de querer matá-lo?

- Não tenho a menor idéia. Mas sei que estou certo. E isso se ajusta a algo mais que Moody me disse: que havia um grupo de homens querendo me matar.

- É a teoria mais louca que já ouvi, Doutor. - Ele fez uma pausa longa e depois acrescentou:

- Mas suponho que seja possível.

Judd sentiu-se aliviado. Se Angeli não quisesse dar-lhe atenção, ele não teria mais ninguém a quem recorrer.

- Já falou a respeito disso com alguém, Doutor?

- Não.

- Pois não o faça - disse Angeli, com veemência inesperada. - Se está certo, sua vida depende disso. Não chegue perto do seu apartamento nem do consultório.

- Não chegarei. Judd lembrou-se de uma coisa e perguntou:

- Já sabia que McGreavy tem um mandato de prisão contra mim?

- Já.

Angeli hesitou antes de acrescentar:

- Se McGreavy o apanhar, não chegará vivo à delegacia.

"Meu Deus"! Então ele não se enganara a respeito de McGreavy. Mas não podia acreditar que McGreavy fosse o cérebro por trás de tudo. Havia alguém a dirigi-lo... Don Vinton. O Chefão.

- Está-me ouvindo, Doutor?

A boca de Judd estava ressequida.

- Estou.

Um homem com sobretudo cinza estava parado do lado de fora da cabine telefônica, olhando para Judd. Seria o mesmo homem que ele vira antes?

- Angeli...

- Pois não?

- Não sei quem são os outros. Não sei como parecem. Como posso manter-me vivo até que eles sejam apanhados?

O homem de sobretudo cinza continuava a olhar fixamente para Judd. A voz de Angeli disse ao telefone:

- Vamos diretamente para o FBI. Tenho um amigo que tem contatos lá. Ele providenciará para que o senhor receba proteção até que tudo esteja resolvido. Certo?

- Certo - respondeu Judd, agradecido.

Os joelhos de Judd pareciam ser de gelatina.

- Onde está agora, Doutor?

- Numa cabine telefônica no saguão da Pan-Am.

- Não saia daí. Procure ficar sempre cercado por uma multidão. Já estou indo encontrá-lo. Houve um clique no outro lado da linha quando Angeli desligou.

Ele desligou o telefone na delegacia, sentindo uma náusea profunda invadi-lo. Ao longo dos anos ele se acostumara a lidar com assassinos, tarados sexuais, pervertidos de toda espécie. Desenvolvera uma carapaça protetora, que lhe permitira continuar a acreditar na dignidade e bondade básica do homem.

Mas um policial corrupto era algo diferente.

Um policial corrupto era um câncer que afetava toda a polícia, uma ameaça a tudo aquilo por que os policiais decentes lutavam e morriam.

Os ruídos de passos e murmúrio de vozes enchia a sala, mas ele não ouvia coisa alguma. Dois guardas uniformizados passaram por ali, levando um gigante algemado. Um dos guardas tinha um olhar preto e o outro segurava um lenço no nariz a sangrar. A manga do seu uniforme fora rasgada pela metade. O próprio guarda é que teria de pagar a nova blusa. Aqueles homens estavam dispostos a arriscar as suas vidas todos os dias e todas as noites do ano inteiro. Mas isso não dava manchete.

Um polícia corrupto dava manchete. Um polícia corrupto era uma nódoa para toda a corporação. E acontece que o policial corrupto era o seu companheiro de trabalho.

Cansado, ele se levantou e percorreu o velho corredor até o gabinete do Capitão. Bateu a porta uma vez e entrou.

Sentado à mesa escalavrada, marcada por pontas de cigarro de anos incontáveis, achava-se

o Capitão Bertelli. Dois agentes do FBI estavam na sala, usando ternos comuns. O Capitão Bertelli levantou os olhos quando a porta se abriu.

- E então?

O detetive assentiu.

- Está comprovado. O encarregado da guarda das provas disse que ele pegou a chave de Carol Roberts na tarde de quarta-feira e devolveu-a a noite. Foi por isso que o teste de parafina deu negativo. Ele entrou no consultório do Dr. Stevens com uma chave original. O encarregado não pensou duas vezes no assunto, porque sabia que ele estava incumbido do caso.

- Sabe onde ele está agora? - perguntou o mais jovem dos agentes do FBI.

- Não. Tínhamos um homem a segui-lo, mas ele conseguiu despistá-lo. Pode estar em qualquer parte.

- Certamente está procurando o Dr. Stevens - disse o segundo agente do FBI. O Capitão Bertelli virou-se para os agentes do FBI.

- Quais são as chances do Dr. Stevens permanecer vivo? O mais velho sacudiu a cabeça.

- Se o encontrarem antes de nós, absolutamente nenhuma. O Capitão Bertelli assentiu.

- Temos que encontrá-lo primeiro.

Ele fez uma pausa. Quando voltou a falar, sua voz tinha um tom furioso:

- E quero Angeli também. Não me interessa a maneira como o peguem. Ele virou-se para o detetive e acrescentou:

- Mas quero que o pegue de qualquer maneira, McGreavy. O rádio de polícia começou a transmitir uma mensagem:

- Código dez... Código dez... Atenção todos os carros... Angeli desligou o rádio.

- Alguém sabe que eu fui apanhá-lo?

- Ninguém.

- Falou sobre a Cosa Nostra com mais alguém?

- Só com você.

Angeli assentiu, satisfeito.

Haviam atravessado a Ponte George Washington e estavam seguindo para Nova Jersey. Só que

agora estava tudo diferente para Judd. Antes ele estivera ali cheio de apreensões. Agora, com Angeli ao seu lado, não mais se sentia como um animal caçado. Era o caçador. E o pensamento proporcionou-lhe uma imensa satisfação.

Por sugestão de Angeli, Judd deixara o seu carro alugado em Manhattam e seguia no carro da polícia sem identificação do detetive. Angeli seguira para o norte, passando por Orangeburg.

Estavam-se aproximando agora de Old Tapan.

- Foi muito esperto percebendo o que estava acontecendo, Doutor. Judd sacudiu a cabeça.

- Eu já deveria ter imaginado assim que soube que havia mais de um homem envolvido. Não podia deixar de ser uma organização, usando assassinos profissionais. Creio que Moody desconfiou da verdade quando viu a bomba em meu carro. Eles tinham acesso a todos os tipos de armas.

"E Anne". Ela era parte da trama, preparando tudo para que pudessem assassiná-lo. Mesmo assim, ele não conseguia odiá-la. Não importava o que ela fizesse, Judd jamais poderia odiá- la.

Angeli saiu da estrada principal. Habilmente dirigiu o carro por uma estrada secundária, que levava a uma área bastante arborizada.

- Seu amigo sabe que estamos indo para a casa dele? - indagou Judd.

- Telefonei para ele. Está pronto para recebê-lo.

Abruptamente surgiu uma estrada lateral e Angeli entrou por ela. Percorreu quase dois quilômetros e parou diante de um portão eletrificando. Judd notou uma pequena câmara de televisão instalada no alto do portão. Houve um clique e o portão se abriu, fechando-se assim que passaram.

Começaram a subir por um caminho longo e sinuoso. Através das árvores à sua frente, Judd viu o telhado de uma enorme casa. Lá no alto, rebrilhando ao sol, havia um galo de

bronze - ao qual estava faltando a cauda.

Capítulo 21

No centro de comunicações à prova de som e abundantemente iluminada da Chefatura de Polícia trabalhavam doze polícias, em manga de camisa, e seis telefonistas de cada lado. No meio da mesa havia um tubo pneumático. Os operadores tomavam notas das mensagens telefônicas, punham a anotação no tubo pneumático e despachavam-na lá para cima, onde o coordenador a transmitia imediatamente para uma delegacia ou uma radiopatrulha. Os telefonemas nunca paravam. Fluíam para ali dia e noite, como um rio de tragédia a tragar os cidadãos da gigantesca metrópole. Homens e mulheres que estavam aterrorizados... solitários... desesperados... embriagados... feridos... homicidas... Era uma cena de Hogarth, pintada com palavras vividas e angustiadas ao invés de tintas.

Naquela tarde de segunda-feira havia uma sensação maior de tragédia no ar. Cada telefonista se concentrava em seu serviço, mas não podia deixar de perceber o fluxo constante de detetives e agentes do FBI, entrando e saindo da sala, recebendo e dando ordens, trabalhando eficientemente na vasta rede eletrônica à procura do Dr. Judd Stevens e do detetive Frank Angeli. O ambiente estava estranhamente acelerado, como um espetáculo encenado por um controlador de marionetes sombrio e nervoso.

O Capitão Bertelli estava falando com Allen Sullivan, membro da Comissão Municipal Contra o Crime, quando McGreavy entrou. McGreavy já conhecia Sullivan. Era um homem duro e honesto.

Bertelli interrompeu a conversa e virou-se para o detetive, com uma expressão interrogativa.

- As coisas estão andando - informou McGreavy. - Descobrimos uma testemunha, um vigia noturno que trabalha no prédio em frente àquele em que fica o consultório do Dr. Stevens. Na noite de quarta-feira, quando arrombaram o consultório do Dr. Stevens, esse vigia viu dois homens entrarem no prédio em frente. A porta da rua estava trancada, mas eles abriram-na com uma chave.

O vigia pensou que trabalhavam ali.

- Obteve alguma identificação?

- Ele identificou uma fotografia de Angeli.

- Na noite de quarta-feira Angeli fora dado como estando em casa, de cama, com um forte resfriado.

- Exatamente.

- O que me diz do outro homem?

- O vigia não conseguiu vê-lo direito.

Uma telefonista enfiou um plug por baixo de um botão vermelho a brilhar no painel, escutou por um momento e virou-se para o Capitão Bertelli:

- É para o senhor Capitão. Patrulha Rodoviária de Nova Jersey. Bertelli atendeu rapidamente numa extensão.

- Capitão Bertelli falando.

Ele escutou por um momento.

- Tem certeza?... ótimo!..., Pode mandar todas as unidades que tiver para lá., Bloqueie as estradas. Quero que toda a região seja coberta. Fique em contato comigo... Obrigado.

Ele virou-se para os dois homens:

- Parece que temos uma pista. Um patrulheiro de Nova Jersey viu o carro de Angeli numa estrada secundária perto de Orangeburg. A Patrulha Rodoviária vai começar a revistar toda a área.

- E o Dr. Stevens?

- Ele estava no carro com Angeli. Não se preocupe que iremos encontrá-los.

McGreavy tirou dois charutos do bolso. Ofereceu um a Sullivan, que recusou, e entregou o outro a Bertelli. Pôs o que Sullivam recusara entre os dentes e acendeu-o, comentando:

- Temos uma coisa a nosso favor. O Dr. Stevens parece ter um encantamento a protegê-lo. Falei há pouco com um amigo dele, o Dr. Peter Hadley. Na semana passada, ele foi apanhar Stevens em seu consultório e encontrou Angeli lá, com um revólver na mão. Angeli contou uma história fantástica sobre um misterioso assaltante. Meu palpite é que a chegada do Dr. Hadley salvou a vida de Stevens.

- Como foi que começou a suspeitar de Angeli? - indagou Sullivan.

- Tudo começou com certas informações de que ele andava achacando alguns comerciantes. Fui verificar, mas as vítimas não quiseram falar. Estavam apavoradas e eu não consegui entender o motivo. Não disse nada a Angeli, mas comecei a vigiá-lo de perto. Quando Hanson foi assassinado, Angeli veio perguntar se poderia trabalhar no caso comigo. Disse que sempre me admirava e que gostaria de ser meu companheiro no caso. Eu sabia que ele devia ter um motivo para insistir, por isso resolvi dar-lhe corda, com a devida permissão do Capitão Bertelli. Não é de admirar que ele quisesse trabalhar no caso, pois estava afundado nele até o pescoço! Na ocasião eu não sabia ao certo se o Dr. Stevens estava ou não envolvido nos assassinatos de Hanson e Carol Roberts, mas decidi usá-lo para agarrar Angeli. Arquitetei uma teoria para incriminar Stevens e disse a Angeli que ia prendê-lo pelos assassinatos.

Imaginei que Angeli iria relaxar e despreocupar-se, se soubesse que estava livre de suspeitas.

- E deu certo?

- Não. Angeli surpreendeu-me, fazendo todo o possível para impedir que Stevens fosse preso. Sullivan ficou perplexo.

- Mas por quê?

- Porque ele estava querendo liquidar Stevens e não poderia fazê-lo se fosse efetuada a prisão.

- Quando McGreavy começou a pressionar - interveio o Capitão Bertelli - Angeli veio procurar-me, insinuando que McGreavy estava tentando incriminar o Dr. Stevens de qualquer maneira.

- Tivemos certeza então de que estávamos no caminho certo - retornou McGreavy. - Stevens contratou um detetive particular chamado Norman Moody. Investiguei Moody e descobri que ele já se envolvera antes com Angeli, que prendera um cliente dele por porte de narcóticos. Moody alegou que seu cliente tinha sido incriminado falsamente. Sabendo o que eu sei agora, creio que Moody estava dizendo a verdade.

- Então Moody teve um golpe de sorte e descobriu a resposta logo de saída.

- Não foi tanto assim por sorte. Moody era um detetive particular dos mais inteligentes. Ao encontrar a bomba no carro do Dr. Stevens, entregou-a ao FBI e pediu que eles investigassem.

- Ele teve receio de entregar a bomba à polícia, achando que Angeli poderia pegá-la e dar sumiço nela?

- É a impressão que eu tenho. Mas alguém deu com a língua nos dentes e Angeli soube de tudo. Compreendeu imediatamente que Moody suspeitava dele. A primeira pista que tivemos foi quando Moody falou no nome "Don Vinton".

- A expressão da Cosa Nostra para "O Chefão"?

- Exatamente. Por algum motivo, alguém da Cosa Nostra está querendo liquidar o Dr. Stevens.

- Como foi que ligou Angeli à Cosa Nostra?

- Procurei novamente os comerciantes a quem Angeli andara arrancando dinheiro. Quando mencionei a Cosa Nostra, eles entraram em pânico. Angeli trabalhava para uma das famílias da Cosa Nostra, mas era muito ganancioso e começou a fazer algumas extorsões por conta própria.

- Mas por que a Cosa Nostra haveria de querer matar o Dr. Stevens? - indagou Sullivan.

- Não sei. Estamos investigando diversas possibilidades. Ele suspirou.

- No momento temos dois problemas terríveis. Angeli escapou dos homens que mandáramos segui-lo. E o Dr. Stevens fugiu do hospital antes que eu pudesse alertá-lo a respeito de Angeli e dar-lhe a proteção necessária.

Acendeu-se outro botão vermelho no painel. O telefonista ouviu por um momento e depois chamou:

- Capitão Bertelli.

Bertelli atendeu na extensão.

- Capitão Bertelli falando.

Ficou escutando, sem dizer coisa alguma, depois repôs o telefone no gancho e virou-se para McGreavy:

- Eles os perderam de vista!

Capítulo 22

Anthony DeMarco tinha mana.

Judd pôde sentir a força intensa da personalidade dele do outro lado da sala, emanando em ondas quase tangíveis. Anne não exagerara ao dizer que o marido era bonito.

DeMarco possuía um rosto romano clássico, com um perfil impecável, olhos negros como carvão, algumas mechas grisalhas nos cabelos pretos. Tinha quarenta e poucos anos, era alto e atlético, movia-se com uma agilidade animal algo irrequieta. A voz era grave e magnética:

- Aceita um drinque, Doutor?

Judd sacudiu a cabeça, fascinado pelo homem que estava à sua frente. Qualquer um seria capaz de jurar que DeMarco era um homem encantador, inteiramente normal, um anfitrião perfeito a receber um hóspede distinto.

Havia cinco homens na biblioteca revestida de painéis de madeira: Judd, DeMarco, o detetive Angeli e os dois homens que haviam tentado matar Judd em seu apartamento, Rocky e Nick Vaccro.

Os outros quatro formavam um círculo ao redor de Judd. Ele fitava os rostos de seus inimigos e sentia nisso uma estranha satisfação. Finalmente sabia contra quem estava lutando. Se é que "lutando" era a palavra certa. Ele caíra na armadilha de Angeli. Pior que isso. Ele próprio telefonara para Angeli e convidara-o a ir agarrá-lo! Angeli, o Judas que trouxera até ali para ser liquidado!

DeMarco examinou com profundo interesse os olhos negros especulativos.

- Já ouvi falar muito a seu respeito - disse ele finalmente. Judd ficou calado.

- Perdoe-me por tê-lo trazido até aqui dessa maneira, mas era necessário para que eu pudesse fazer-lhe algumas perguntas.

Ele sorriu, numa expressão de desculpa, irradiando simpatia. Judd sabia o que ia acontecer.

- O que andou conversando com a minha esposa, Dr. Stevens? Judd imprimiu um tom de surpresa à sua voz:

- Sua esposa? Não conheço sua esposa.

DeMarco sacudiu a cabeça, num gesto de repreensão.

- Ela tem ido ao seu consultório duas vezes por semana, nas últimas três semanas. Judd franziu o rosto, pensativo.

- Não tenho nenhuma paciente chamada DeMarco... DeMarco assentiu, com uma

expressão compreensiva.

- Talvez ela tenha usado outro nome. Possivelmente o seu nome de solteira, Blake, Anne Blake.

Judd cuidadosamente manifestou sua surpresa:

- Anne Blake?

Os dois irmãos Vaccaro chegaram-se mais perto dele.

- Não! - disse DeMarco rispidamente.

Ele virou-se para Judd. A atitude afável desaparecera por completo.

- Doutor, se quiser brincar comigo, vou-lhe fazer coisas que jamais poderia acreditar. Judd fitou-o atentamente aqueles olhos pretos e acreditou no mesmo instante. Sabia agora que sua vida estava suspensa por um fio. Imprimiu um tom de indignação.

- Pode fazer o que bem lhe aprouver. Mas o fato é que até este momento eu não tinha a menor idéia de que Anne Blake era sua esposa.

- Talvez seja verdade - disse Angeli. - Ele... DeMarco ignorou Angeli inteiramente.

- O que conversou com a minha esposa durante as últimas três semanas?

Eles haviam chegado ao momento da verdade. No momento em que Judd vira o galo de bronze no telhado, os últimos pedaços do quebra-cabeças se haviam ajustado em seus lugares. Anne não participara da conspiração para assassiná-lo. Assim como ele, Anne também era uma vítima.

Casara-se com Anthony DeMarco, próspero proprietário de uma empresa de construções, sem ter a menor idéia de quem ele realmente era. Depois devia ter acontecido alguma coisa que a levara a desconfiar de que o marido não era exatamente o que parecia, que estava envolvido em algo sombrio e terrível. Sem ninguém com quem falar, ela procurara a ajuda de um analista, um estranho, a quem pudesse fazer confidências. Mas a lealdade básica que sentia para com o marido impedira-a de discutir as suas apreensões no consultório de Judd.

- Não falamos sobre muita coisa - disse Judd calmamente. - Sua esposa recusou-se a dizer qual era o problema dela.

- Terá que contar uma história bem melhor do que essa, Doutor.

DeMarco devia ter sentido um imenso pânico ao saber que a esposa estava consultando um psicanalista - a esposa de um dos líderes da Cosa Nostra! Não era de admirar que DeMarco tivesse assassinado, procurando apoderar-se da ficha de Anne.

- Tudo o que ela me disse foi que se sentia infeliz por causa de alguma coisa, mas recusou-se a dizer o que era.

- Para isso é preciso apenas dez segundos - disse DeMarco. - Tenho um registro de todos os minutos que ela passou em seu consultório. O que lhe disse pelo resto das três semanas? Deve ter-lhe contado quem eu sou.

- Ela disse que era dono de uma empresa de construções.

DeMarco examinou-o, com uma expressão fria. Judd sentiu gotas de suor formarem-se em sua testa.

- Estive lendo algumas coisas sobre análise, Doutor. O paciente fala tudo o que lhe vem à cabeça.

- Isso faz parte da terapia - explicou Judd, em tom indiferente. - Foi por isso que não consegui chegar a conclusão alguma com a Sra. Blake... com a Sra. DeMarco. Eu tencionava dispensá-la como paciente.

- Mas não o fez.

- Não houve necessidade. Na sexta-feira ela me disse que estava de partida para a Europa.

- Anne mudou de idéia. Não quer mais ir para a Europa comigo. E sabe por quê? Judd estava genuinamente surpreso.

- Não.

- Por sua causa, Doutor.

O coração de Judd deu um pulo. Ao falar, ele procurou cuidadosamente não demonstrar a menor emoção na voz:

- Não estou entendendo.

- Claro que entende. Anne e eu tivemos uma longa conversa ontem à noite. Ela está achando que o nosso casamento foi um erro, porque pensa que está apaixonada pelo senhor, Doutor. DeMarco falava num sussurro quase hipnótico.

- Quero que me diga o que aconteceu entre os dois quando estavam a sós em seu consultório, com ela estendida no divã.

Judd procurou controlar as emoções que o invadiam. Então Anne se importava com ele! Mas de que adiantava isso para qualquer um dos dois! DeMarco fitava-o, esperando uma resposta.

- Nada aconteceu. Se andou lendo sobre análise, deve saber que toda paciente passa por uma transferência emocional. Todas elas pensam, em uma ou outra ocasião, que estão apaixonadas pelo seu médico. Mas é apenas uma fase passageira.

DeMarco observava-o atentamente, os olhos negros sondando os olhos de Judd.

- Como soube que ela estava-se consultando comigo? - indagou Judd, procurando fazer com que a pergunta soasse natural.

DeMarco olhou para Judd por um momento, depois foi até uma escrivaninha e pegou uma adaga afiada.

- Um dos meus homens viu-a entrando no seu edifício. Há ali uma porção de escritórios de pediatras e ele pensou que Anne estava reservando-me uma pequena

surpresa. Seguiu-a e viu que ela entrou em seu consultório.

Ele virou-se para Judd.

- E foi de fato uma surpresa. Anne estava indo a um psiquiatra. A esposa de Anthony DeMarco contando todos os meus segredos profissionais a um "espreme-crânios"!

- Eu já lhe disse que ela não...

A voz de DeMarco era suave, impedindo Judd de continuar:

- A Cammissione realizou uma reunião. Votaram para que eu a matasse, como matamos a todos os traidores.

Ele estava agora andando de um lado para o outro, fazendo Judd pensar num animal enjaulado.

- Mas eles não me puderam dar ordens como se eu fosse um soldado camponês. Sou Anthony DeMarco, um Capo. Prometi-lhes que mataria o homem com quem Anne falara, se ela por acaso tivesse abordado os nossos negócios. Com estas duas mãos.

Ele ergueu as mãos, uma delas segurando-a adaga afiada.

- E o senhor é esse homem, Doutor.

DeMarco estava agora circulando-o enquanto falava. Cada vez que ele ficava às suas costas, Judd preparava-se para receber o golpe.

- Está cometendo um erro, se...

Judd não pôde continuar, interrompido por DeMarco:

- Como ela pôde pensar que o senhor é um homem melhor do que eu? Os irmãos Vaccaro soltaram uma risada.

- O senhor é absolutamente nada, Doutor. Não passa de um pobre coitado que se mete num escritório todos os dias e ganha... o quê? Trinta mil dólares por ano? Cinqüenta mil? Cem mil? Eu ganho mais do que isso numa semana.

A máscara de DeMarco estava escorrendo mais depressa agora, removida pela expressão das suas emoções. Ele estava começando a falar em explosões curtas e excitadas, as feições bonitas se distorceram. Anne vira-lhe apenas a fachada. Judd estava agora olhando para a face nua de um maníaco homicida.

- Você e a pequena putana treparam naquele maldito consultório!

- Nós não fizemos coisa alguma.

Os olhos de DeMarco pareciam arder em delírio.

- Ela nada significa para você?

- Eu já lhe disse que ela não passa de uma paciente.

- Está bem - disse DeMarco finalmente. - Irá dizer isso a ela.

- Dizer o quê?

- Que não dá a menor importância a ela. Vou mandá-la descer. E quero que fale com ela a sós.

O pulso de Judd disparou. Ele teria uma chance de salvar a si mesmo e a Anne. DeMarco estalou os dedos e os outros homens saíram da biblioteca. Ele virou-se em seguida para Judd. Os olhos negros estavam ocultos. Ele sorriu gentilmente, a máscara novamente no lugar.

- Desde que não saiba de nada. Anne viverá. Mas terá que convencê-la a ir comigo para a Europa.

Judd sentiu a boca subitamente seca. Havia um brilho triunfante nos olhos de DeMarco. Judd sabia o motivo. Ele subestimara o seu oponente.

Fatalmente.

DeMarco não era um jogador de xadrez, mas era esperto o bastante para saber que tinha um peão que tornava Judd impotente, Anne. Qualquer que fosse o movimento de Judd, ela estaria em perigo. Se Judd a mandasse para a Europa com DeMarco, mesmo assim a vida de Anne continuaria em perigo. Ele não acreditava que DeMarco fosse deixar que ela vivesse. A Cosa Nostra não o permitiria. DeMarco providenciaria um "acidente" na Europa. E se Judd dissesse a Anne para não ir, se ela descobrisse o que lhe estava acontecendo e tentasse interferir, então morreria naquele instante. Não havia escapatória. A opção era entre duas armadilhas fatais.

Da janela do seu quarto, no segundo andar, Anne observara a chegada de Judd e Angeli. Por um momento de exultação ela pensara que Judd tinha vindo buscá-la, salvá-la da terrível situação em que se encontrava. Mas depois ela vira Angeli sacar um revólver e obrigar Judd a entrar na casa.

Há quarenta e oito horas que ela sabia de toda a verdade a respeito do marido. Antes disso tivera apenas uma suspeita vaga, tão inacreditável que procurava esquecer. Tudo começara alguns meses antes, quando ela fora assistir a uma peça em Manhattam e voltara para casa inesperadamente mais cedo, porque a estrela estava embriagada e a cortina se fechara definitivamente no meio do segundo ato. Anthony dissera-lhe que ia realizar uma reunião de negócios em casa, mas que estaria terminada antes que ela voltasse. Mas quando Anne chegara, mais cedo do que o previsto, a reunião ainda prosseguia. E antes que seu surpreso marido tivesse tempo de fechar a porta da biblioteca, ela ouvira alguém gritar furiosamente:

- Meu voto é para explodirmos a fábrica esta noite e darmos um jeito naqueles filhos da puta de uma vez por todas!

Anne ficara extremamente nervosa com a frase, a aparência rude dos estranhos que estavam na biblioteca e a agitação de Anthony ao vê-la. Deixara-se convencer pelas explicações alongadas do marido, porque queria desesperadamente ser convencida. Nos seis meses de casamento ele sempre se mostrara um esposo terno e cheio de atenções. Ela vira-o algumas vezes explodir violentamente, mas Anthony sempre

conseguira controlar-se logo.

Algumas semanas depois do incidente do teatro, ela pegara um telefone por acaso e ouvira a voz de Anthony falando numa extensão:

- Vamos trazer um carregamento de Toronto esta noite. Terá que mandar alguém cuidar do guarda. Ele não está conosco.

Anne desligara prontamente, bastante abalada. "Trazer um carregamento"... "Cuidar do". guarda "... Aquilo parecia algo terrível, mas podia ser também frases inocentes no trato de negócios".

Cuidadosamente, como se estivesse indiferente, ela procurara interrogar Anthony a respeito dos negócios dele. Mas fora como subitamente se levantasse uma barreira de aço. Ela vira-se diante de um estranho furioso, que lhe disse que cuidasse tão-somente da casa e não se metesse nos seus negócios. Haviam discutido em termos amargos. Na noite seguinte Anthony lhe dera um colar extremamente caro e lhe pedira desculpas ternamente.

Um mês depois, ocorrera o terceiro incidente. Anne acordara as quatro da manhã, com uma batida de uma porta. Vestira um roupão e descera para investigar. Ouvira vozes na biblioteca, discutindo acaloradamente. Fora até lá, mas parara ao ver Anthony conversando com meia dúzia de estranhos. Temendo que ele se zangasse por ser interrompido, ela voltara em silêncio para seu quarto e se deitara. Ao café, na manhã seguinte, ela perguntara como ele dormira.

- Maravilhosamente. Fechei os olhos às dez horas e só voltei a abri-los hoje de manhã.

Anne compreendera então que estava com um problema. Não sabia que tipo de problema era, nem qual a sua gravidade. Só sabia que o marido lhe mentira, por motivos que ela não podia imaginar. Em que espécie de negócios ele estaria envolvido que eram tratados na calada da madrugada, em segredo, com homens que mais pareciam bandidos? Anne sentira medo de abordar novamente o assunto com Anthony. O pânico começara a crescer dentro dela. Não havia mais ninguém com quem pudesse falar.

Algumas noites depois disso, num jantar no Country Club do qual eram sócios, alguém mencionara um psicanalista chamado Judd Stevens, dizendo que se tratava de um profissional excelente.

- Ele é uma espécie de analista entre os analistas, se entendem o que quero dizer. E é incrivelmente bonito, embora isso não tenha qualquer efeito prático... pois ele é um desses tipos cem por cento dedicados à profissão.

Anne guardara cuidadosamente o nome e na semana seguinte fora procurá-lo.

A primeira sessão com Judd virara a sua vida de cabeça para baixo. Era se vira atraída a um turbilhão emocional que a deixara profundamente abalada. Em sua confusão, mal conseguira falar com Judd na primeira sessão. Ao partir, sentia-se como uma colegial tola e prometera a si mesma que nunca mais voltaria. Mas ela voltara, para provar a si mesma que a reação que tivera fora puramente acidental. Mas na segunda vez a reação fora

ainda mais forte. Ela sempre se orgulhara de ser sensata e realista, mas naquele momento vira-se agindo como uma garota de dezessete anos, apaixonada pela primeira vez. Não fora capaz de discutir o problema do marido com Judd e por isso haviam conversado a respeito de outras coisas. Depois de cada sessão, Anne descobrira que estava mais apaixonada ainda por aquele estranho sensível e afetuoso.

Ela sabia que não havia qualquer esperança, pois jamais se divorciaria de Anthony. Sentira que devia ter algum defeito terrível, para casar-se com um homem e seis meses depois, apaixonar-se por outro. Concluíra então que seria melhor nunca mais voltar a ver Judd.

E então uma série de coisas estranhas começara a acontecer. Carol Roberts fora assassinada e Judd atropelado em circunstâncias misteriosas. Ela lera nos jornais que Judd estava presente quando tinham encontrado o corpo de Moody na Five Star. Ela já vira o nome daquela companhia.

No cabeçalho de uma fatura na mesa de Anthony.

Uma suspeita terrível começara a se formar na mente de Anne.

Parecia incrível que Anthony pudesse estar envolvido nas coisas terríveis que vinham acontecendo. No entanto... Anne sentira-se como que aprisionada num pavoroso pesadelo, do qual não tinha escapatória. Não podia falar sobre as suas apreensões com Judd e tinha medo de fazê-lo com Anthony. Ela dissera a si mesmo que suas suspeitas eram infundadas. Anthony nem mesmo sabia da existência de Judd.

E então, quarenta e oito horas atrás, Anthony entrara no quarto dela e começara a interrogá-la sobre suas visitas a Judd. A primeira reação de Anne fora de raiva ao saber que ele andara a espioná-la, mas fora rapidamente substituída por todas as apreensões que se vinham acumulando dentro dela. Ao fitar o rosto furioso e contorcido do marido, ela compreendera que ele era capaz de tudo.

Até mesmo de assassinar alguém.

Durante o interrogatório, ela cometera um tremendo erro. Deixara-o saber o que sentia por Judd. Os olhos de Anthony haviam ficado ainda mais negros e ela sacudira a cabeça, como que se esquivando de um golpe físico.

Só depois que ficara sozinha é que Anne compreendera o perigo que Judd estaria correndo. Não poderia deixá-lo, de jeito nenhum. Dissera então a Anthony que não iria para a Europa com ele.

E agora Judd estava ali, naquela casa. A vida dele estava em perigo, por causa dela. A porta do quarto se abriu e Anthony entrou. Ficou imóvel por um longo momento, contemplando-a, antes de dizer:

- Você tem uma visita.

Ela entrou na biblioteca usando uma saia amarela e blusa da mesma cor, com os cabelos soltos pelos ombros. O rosto estava pálido e parecia cansado, mas ela aparentava uma

certa serenidade. Judd estava sozinho a esperá-la.

- Olá, Dr. Stevens. Anthony disse-me que o senhor estava aqui.

Judd teve a sensação de que estavam representando uma charada, em benefício de uma audiência invisível e fatal. Intuitivamente ele percebeu que Anne estava a par da situação e punha-se nas mãos dele, disposta a seguir qualquer deixa que ele insinuasse.

E não havia nada que Judd pudesse fazer, exceto tentar mantê-la viva por mais algum tempo. Se Anne se recusasse a ir para a Europa, DeMarco certamente a mataria ali mesmo.

Judd hesitou, escolhendo suas palavras cuidadosamente. Cada palavra poderia ser tão perigosa quanto a bomba plantada em seu carro.

- Sra. DeMarco, seu marido está aborrecido porque a senhora mudou de idéia e não mais quer ir para a Europa com ele.

Anne esperou, ouvindo, avaliando.

- Sinto muito - disse ela.

- Acho que deveria ir - disse Judd, alteando a voz.

Anne examinava atentamente o rosto dele, lendo-lhe os olhos.

- E se eu recusar? E se eu não quiser ir de jeito nenhum? Judd foi dominado por um súbito alarme.

- Não deve fazer isso.

Ela jamais sairia viva daquela casa se ela tomasse tal decisão.

- Sra. DeMarco, seu marido está com a impressão errada de que a senhora se apaixonou por mim.

Ela entreabriu os lábios para falar, mas Judd continuou rapidamente:

- Expliquei-lhe que se trata de uma parte normal da análise, uma transferência emocional que ocorre com todas as pacientes.

Anne pegou a deixa.

- Sei disso. Infelizmente, antes de mais nada, cometi uma tolice de ir procurá-lo. Eu deveria ter tentado resolver o meu problema sozinha.

Os olhos dela disseram-lhe que falava sinceramente, que lamentara o perigo a que o expusera.

- Estive pensando no assunto. Talvez umas férias na Europa fossem a melhor coisa para mim neste momento.

Judd deixou escapar um pequeno suspiro de alívio. Ela compreendera.

Mas ele não tinha condições de alertá-la para o perigo real a que ainda estava exposta. Ou será que ela sabia? E mesmo que soubesse, será que poderia fazer alguma coisa? Ele olhou

além de Anne para a janela da biblioteca, pela qual se podia ver árvores formosas à distância. Ela dissera que costumava passear pelos bosques. Era bem possível que conhecesse um caminho para sair dali. Se eles conseguissem chegar à proteção dos bosques... Judd murmurou então:

- Anne...

- Já acabaram a conversinha?

Judd virou-se bruscamente. DeMarco entrara silenciosamente na biblioteca. Atrás dele estavam Angeli e os irmãos Vaccaro. Anne virou-se para o marido:

- O Dr. Stevens acha que devo ir para a Europa com você. Vou aceitar o conselho dele. DeMarco sorriu e olhou para Judd.

- Sabia que podia contar com o senhor.

Ele irradiava simpatia, demonstrando a satisfação expansiva de quem acabara de obter uma vitória total. Era como se a incrível energia que fluía através de DeMarco pudesse ser convertida à vontade, passando instantaneamente da expressão do mal para um encanto irresistível. Não era de admirar que Anne se tivesse apaixonado por ele. Naquele instante, o próprio Judd achava difícil acreditar que aquele Adônis gracioso e jovial fosse um assassino psicopata, capaz de matar a sangue-frio.

DeMarco virou-se para Anne.

- Vamos partir amanhã de manhã, querida. Por que não sobe para o seu quarto e começa a arrumar as coisas que vai levar?

Anne hesitou. Não queria deixar Judd sozinho com aqueles homens.

- Eu...

Ela olhou para Judd, desesperada. Ela assentiu, imperceptivelmente.

- Está certo - disse Anne, estendendo a mão para Judd. - Adeus, Dr. Stevens. Judd apertou-lhe a mão.

- Adeus.

Desta vez era adeus mesmo. Não havia qualquer saída. Judd observou-a virar-se, acenar com a cabeça para os outros e sair da sala. DeMarco ficou a contemplá-la enquanto se afastava.

- Ela não é linda?

Havia uma expressão estranha no rosto dele. Amor, posse... e algo mais. Arrependimento? Pelo que estava prestes a fazer a Anne?

- Ela não sabe absolutamente nada - disse Judd. - Por que não a deixa fora disso?

Judd viu então a transformação de DeMarco, que foi quase física. A simpatia desaparecera e o ódio começou a preencher a sala, numa corrente que fluía de DeMarco para Judd, sem tocar em mais ninguém. Havia agora uma expressão de êxtase, quase um

orgasmo, no rosto de DeMarco.

- Vamos indo, Doutor.

Judd olhou ao redor, avaliando as suas possibilidades de escapar. DeMarco certamente preferiria não matá-lo em sua própria casa. tinha que ser agora ou nunca. Os irmãos Vaccaro vigiavam-no, esperando um só movimento em falso. Angeli estava perto da janela, com a mão no cabo do revólver no coldre.

- Eu não tentaria - disse DeMarco suavemente. - Já é um homem morto... mas vamos deixar que isso se concretize à minha maneira.

Ele empurrou Judd na direção da porta. Os outros se aproximaram e seguiram todos para o vestíbulo.

Anne subiu a escada e ficou esperando no patamar, observando o vestíbulo lá embaixo. Recuou, ficando fora do campo de visão, ao ver Judd e os outros encaminhando-se para a porta da frente. Correu para o seu quarto e olhou pela janela. Os homens estavam empurrando Judd para dentro do carro de Angeli.

Anne rapidamente pegou o telefone e discou para a telefonista. Pareceu decorrer uma eternidade antes que ela atendesse.

- Telefonista, quero falar com a polícia. Depressa! É uma emergência!

Uma mão de homem surgiu na frente dela e apertou o gancho do telefone. Anne deixou escapar um grito e virou-se. Nick Vaccaro estava parado ao seu lado, sorrindo.

Capítulo 23

Angeli acendeu os faróis. Eram quatro horas da tarde, mas o sol estava enterrado em algum lugar por trás da massa de cúmulos que corriam pelo céu, impulsionados pelo vento gelado. Estavam andando quase há uma hora.

Angeli ia ao volante, com Rocky Vaccaro ao seu lado. Judd estava no banco de trás, com Anthony DeMarco.

No começo Judd ficara alerta para algum carro de polícia que passasse, na esperança de poder fazer alguma tentativa desesperada de atrair a atenção dos polícias. Mas Angeli estava seguindo por estradas secundárias pouco usadas, onde quase não havia tráfego. Contornaram Morristown, entraram na Rodovia 206 e seguiram para o sul, na direção das planícies centrais de Nova Jersey, uma região desolada e escassamente povoada. O céu cinzento começou a despejar-se sobre a terra, o granizo batendo no carro como minúsculos tambores enlouquecidos.

- Vá mais devagar - ordenou DeMarco. - Não queremos sofrer um acidente. Obedientemente, Angeli diminuiu a pressão no acelerador.

DeMarco virou-se para Judd.

- É nos pequenos detalhes que a maioria das pessoas comete os seus erros. Não costumam planear como eu.

Judd olhou para DeMarco, examinando-o clinicamente. O homem estava sofrendo de megalomania, fora do alcance da razão e da lógica. Não havia meio algum de atingi-lo. Faltava-lhe um senso moral, o que lhe permitia matar sem o menor remorso. Judd conhecia agora todas as respostas.

DeMarco cometera os crimes pessoalmente por uma questão de honra - uma vingança siciliana, para apagar a mancha que ele pensara que a esposa lançara sobre ele e sobre a família da Cosa Nostra. Matara John Hanson por engano. Quando Angeli o procurara para informar o que acontecera, DeMarco voltara imediatamente ao consultório e encontrara Carol. Pobre Carol! Ela não poderia ter-lhe entregue as gravações da Sra. DeMarco porque não conhecia Anne por esse nome.

Se DeMarco se tivesse controlado, poderia ter ajudado Carol a descobrir de quem estava falando.

Mas fazia parte de sua doença não ter a menor tolerância com a frustração. Por isso, deixara- se dominar por uma raiva assassina e Carol acabara morrendo. De maneira horrível! Fora DeMarco quem atropelara Judd e mais tarde fora ao seu consultório em

companhia de Angeli. Judd ficara desconcentrado pelo fato de não haverem derrubado a porta, matando-o a tiros. Mas Judd compreendia agora que, como McGreavy o considerava culpado, eles haviam decidido que sua morte deveria parecer suicídio, cometido por remorso. Isso afastaria a possibilidade de uma investigação policial mais aprofundada.

E Moody... Pobre Moody! Judd dissera-lhe os nomes dos detetives que estavam trabalhando no caso. Ele pensara que Moody tivesse reagido ao nome de McGreavy, mas a reação fora ao nome de Angeli. Moody descobrira que Angeli estava envolvido com a Cosa Nostra. E quando seguira essa pista...

Judd olhou para DeMarco.

- O que vai acontecer com Anne?

- Não se preocupe. Eu tomarei conta dela. Angeli sorriu.

- É mesmo...

Judd sentiu uma raiva impotente invadi-lo.

- Eu errei ao casar-me com alguém fora da família - meditou DeMarco. - As pessoas de fora não nos podem compreender. Jamais!

Eles estavam percorrendo agora um trecho bastante ermo das planícies centrais de Nova Jersey. De vez em quando se divisavam os contornos de uma fábrica, à distância, recortada contra o céu cor de chumbo.

- Estamos quase chegando - anunciou Angeli.

- Você fez um bom trabalho - disse-lhe DeMarco. - Vamos ter que escondê-lo, até as coisas esfriarem por aqui. Para onde gostaria de ir?

- Gosto da Flórida.

DeMarco assentiu, aprovando a escolha.

- Não há problema. Pode ficar com alguém da família.

- Conheço umas garotas espetaculares por lá- comentou Angeli, sorrindo. DeMarco retribuiu-lhe o sorriso, pelo espelhinho retrovisor.

- Vai voltar com o traseiro queimado de sol.

- Espero não voltar com nada mais além disso. Rocky Vaccaro riu.

A distância, do lado direito da estrada, Judd viu os prédios acachapados de uma fábrica, soprando fumaça para o céu. Chegaram a uma estradinha lateral que levava até a fábrica. Angeli entrou nesse caminho e avançou até um muro alto. O portão estava fechado. Angeli tocou a buzina e um homem de capa e guarda-chuva apareceu atrás do portão. Assentiu ao ver DeMarco, destrancou o portão e abriu-o. Angeli entrou e o portão foi prontamente fechado. Tinham chegado.

O Tenente McGreavy estava na sala no 19° Distrito, examinando uma lista de nomes com

três detetives, o Capitão Bertelli e os dois agentes do FBI.

- Esta é a lista das famílias da Cosa Nostra aqui no leste - disse ele. - Todos os chefes e subchefes estão relacionados aqui. O nosso problema é que não sabemos a que família Angeli está ligado.

- Quanto tempo vai demorar para se investigarem todos? - perguntou o Capitão Bertelli. Um dos homens do FBI falou:

- Há mais de sessenta nomes aqui. Demoraria pelo menos vinte e quatro horas, mas... Ele parou de falar e McGreavy concluiu a frase:

- Mas o Dr. Stevens não tem a menor condição de viver por mais de vinte e quatro horas. Um jovem guarda uniformizado entrou correndo pela porta aberta. Hesitou, ao ver o grupo ali reunido.

- O que é? - indagou McGreavy.

- Nova Jersey não sabe se é importante, Tenente, mas pediu que informassem qualquer coisa fora do normal. Uma telefonista recebeu um chamado de uma mulher adulta, pedindo que a ligasse com a polícia. Ela disse que era uma emergência e logo depois a linha ficou muda. A telefonista ficou esperando, mas a mulher não ligou novamente.

- De onde foi dado o telefonema?

- De uma cidadezinha chamada Old Tappan.

- A telefonista descobriu o número do telefone?

- Não. A pessoa desligou muito depressa.

- Isso é ótimo - murmurou McGreavy, amargurado.

- Esqueça - disse Bertelli. - Provavelmente era alguma velha informando que seu gato se extraviara.

O telefone de McGreavy tocou, um toque longo e insistente. Ele atendeu.

- Tenente McGreavy falando.

Os outros que estavam na sala ficaram observando o rosto dele contrair-se de tensão.

- Certo. Diga-lhe para não fazerem nada até eu chegar aí. Já estou a caminho. Ele bateu o telefone.

- A Patrulha Rodoviária acaba de avistar o carro de Angeli, seguindo para o sul, na rodovia 206, logo depois de Milstone.

- Estão seguindo o carro? - indagou um dos agentes do FBI.

- O carro da Patrulha Rodoviária estava indo na direção oposta. Ao terminar a curva, o carro de Angeli já desaparecera. Eu conheço bem aquela região. Não há nada ali à exceção de algumas fábricas velhas.

Ele virou-se para um dos homens do FBI e perguntou:

- Pode providenciar-me uma relação dos nomes das fábricas da região e de seus proprietários?

- Certo.

O homem do FBI estendeu a mão para o telefone.

- Estou indo para lá - disse McGreavy. - Entre em contato comigo pelo rádio assim que tiver a resposta.

Virou-se então para os outros homens e disse:

- Vamos indo!

Partiu para a porta, seguidos pelos três detetives e pelo outro agente do FBI.

Angeli passou pelo barracão do vigia e continuou em frente, na direção de um grupo de estruturas de aspectos estranho que se seguiam para o céu. Haviam imensas chaminés de barro e gigantescas caixas dágua, os formatos arredondados elevando-se além da chuva, como monstros pré-históricos numa paisagem antiga e imutável.

O carro foi para junto de um complexo de canos e correias para transportadoras. Angeli e Vaccaro saltaram. Vaccaro abriu a porta do lado de Judd, com um revólver na mão.

- Saia, Doutor.

Judd saltou do carro vagarosamente, seguido por DeMarco. Um tremendo barulho e um vento forte os receberam. Ali perto, a uns dez metros de distância, passava um cano enorme, cheio de ar comprimido, que com um barulho enorme sugava tudo o que se aproximasse de sua boca sequiosa.

- Este é um dos maiores sistemas de transportes canalizados do país - gabou-se DeMarco, falando alto para ser ouvido acima do barulho. - Gostaria de ver como funciona.

Judd fitou-o, incrédulo. DeMarco estava novamente representando o papel de anfitrião. Não, ele não estava representando-o. Falava sério. O que era mais terrível ainda. DeMarco estava prestes a assassinar Judd. Seria uma rotina do negócio, algo de que teria de se livrar, assim como uma peça inútil de equipamento. Antes, porém, ele queria impressionar Judd.

- Vamos, Doutor. É bem interessante.

Aproximando-se do cano transportador, com Angeli na frente, DeMarco e Judd Lado a lado

, Vaccaro na retaguarda.

- Esta fábrica proporciona um lucro anual de cinco milhões de dólares. - disse DeMarco, orgulhosamente. - E toda a operação é automática.

O ruído foi aumentando à medida que chegaram mais perto, até tornar-se insuportável. A cem metros da entrada da câmara de vácuo havia uma grande corrente transportadora, que levava troncos gigantescos até uma máquina de aplainar, com seis metros de comprimento por dois de altura, equipada com meia dúzia de lâminas afiadas. Os troncos

aplainados eram então conduzidos para uma máquina que parecia um porco-espinho, com lâminas afiadíssimas. O ar estava cheio de serragem e chuva, sendo tudo sugado pelo cano transportador.

- Não importa quão grandes os troncos sejam - disse DeMarco, sem esconder o orgulho que sentia. - As máquinas reduzem-nos para caberem no cano transportador, que tem 36 polegadas.

DeMarco tirou do bolso um Colt 38, de cano curto, e gritou:

- Angeli! Angeli virou-se.

- Faça uma boa viagem para a Flórida.

DeMarco apertou o gatilho e um buraco vermelho surgiu no peito de Angeli, que olhou para ele com um meio sorriso perplexo no rosto, como se estivesse esperando a resposta a uma charada que acabara de ouvir. DeMarco apertou o gatilho novamente e Angeli caio no chão. DeMarco fez um gesto de cabeça para Rocky Vaccaro. O grandalhão levantou o corpo de Angeli e levou-o na direção do cano transportador.

DeMarco virou-se então para Judd.

- Angeli era um estúpido. Todos os tiras do país estão à procura dele. Se o encontrassem, ele acabaria por me denunciar.

O assassinato a sangue-frio de Angeli foi chocante, mas o que se seguiu foi ainda pior. Judd ficou observando, horrorizado, enquanto Vaccaro carregava o corpo de Angeli para a boca do gigantesco cano transportador. A tremenda pressão sugou o corpo de Angeli. Vaccaro teve que segurar-se a uma alça do cano para não ser sugado também pelo mortal ciclone de ar. Judd teve uma última visão do corpo de Angeli, girando no sorvedouro, no meio da serragem de troncos. E logo desapareceu. Vaccaro segurou uma válvula junto à boca do cano transportador e girou-a. Uma tampa de metal se estendeu sobre a boca do cano, isolando o ciclone de ar. O súbito silêncio era ensurdecedor.

DeMarco virou-se para Judd e levantou a arma. Havia uma expressão exaltada e mística em seu rosto. Judd compreendeu que o assassinato era quase uma experiência religiosa para ele. Era um cadinho purificador. Judd sabia que chegara o momento da sua morte. Não sentia medo por si mesmo, mas estava dominado por uma raiva intensa, revolta pelo fato de que aquele homem continuaria a viver, para assassinar Anne, para destruir outras pessoas decentes e inocentes. Ele ouviu um grunhido, um gemido de raiva e frustração, só depois se apercebeu que estava saindo dos seus lábios. Era como um animal encurralado, obcecado pelo desejo de matar o seu algoz.

DeMarco estava sorrindo, lendo os pensamentos de Judd.

- Vou dar o tiro na virilha, Doutor. Vai demorar mais um pouco a morrer, mas assim terá tempo para pensar no que vai acontecer a Anne.

Havia uma esperança. Uma esperança muito tênue.

- Alguém precisa mesmo preocupar-se com ela - disse Judd. - A pobre coitada nunca

teve um homem em toda a sua vida.

DeMarco assumira uma expressão aturdida. Judd estava gritando agora, para que DeMarco não deixasse de ouvi-lo.

- Sabe o que é seu membro? É esse revólver que está em sua mão. Sem uma faca ou revólver, você não passa de um palhaço.

O rosto de DeMarco foi-se lentamente enchendo de raiva.

- Você não tem colhões, DeMarco. Sem um revólver, você não passa de um palhaço.

Os olhos de DeMarco estavam ficando vermelhos, no aviso da morte. Vaccaro deu um passo para a frente. DeMarco fez-lhe um sinal para que recuasse.

- Vou matá-lo com minhas próprias mãos, sem nenhuma arma - disse DeMarco, jogando o revólver No chão. - Com minhas mãos nuas!

Lentamente, como um animal de força excepcional, ele começou a avançar para Judd. Judd recuou. Sabia que não tinha a menor possibilidade de vencer DeMarco, fisicamente. Sua única esperança era continuar a trabalhar a mente doentia de DeMarco, deixando-a incapaz de funcionar.

Tinha que continuar a atacar DeMarco no seu ponto mais vulnerável: o orgulho que ele sentia por sua virilidade.

- Você é um homossexual, DeMarco!

DeMarco riu e arremessou-se contra Judd, que conseguiu desviar-se. Vaccaro pegou o revólver no chão.

- Deixe-me acabar com ele, chefe!

- Fique fora disso! - rugiu DeMarco.

Os dois homens começaram a dar voltas, procurando a melhor posição. O pé de Judd escorregou num monte de serragem encharcada e DeMarco então atacou-o, como um touro. O seu punho gigantesco acertou Judd no canto da boca, jogando-o para trás. Mas Judd conseguiu recuperar-se e desferiu um soco contra DeMarco, atingindo-o no rosto. DeMarco recuou, depois lançou-se para a frente, os dois punhos se chocaram no estômago de Judd. Judd perdeu o fôlego.

Tentou falar, para escarnecer de DeMarco, mas estava ofegante, em busca de ar. DeMarco estava parado à sua frente, como um gigantesco pássaro predador.

- Está sem fôlego, Doutor? Ele soltou uma risada.

- Já fui lutador de boxe. Vou-lhe dar algumas lições. Vou-me concentrar nos seus rins e depois na cabeça e nos olhos. Vou arrancar-lhe os olhos, Doutor. Antes que eu termine, vai implorar para que o mate com um tiro.

Judd acreditou nele. A luz sobrenatural que se irradiava do céu nublado, DeMarco parecia um animal enfurecido. Ele avançou para Judd novamente e desferiu-lhe um soco no rosto, abrindo uma ferida na face com um anel de camafeu. Ele golpeou DeMarco,

acertando-lhe o rosto com os dois punhos, DeMarco nem recuou.

DeMarco começou a dar socos nos rins de Judd, os punhos parecendo pistões. Judd conseguiu desvencilhar-se, o corpo parecendo um oceano de dor.

- Está ficando cansado, não é, Doutor?

DeMarco começou novamente a se aproximar. Judd sabia que seu corpo não poderia agüentar um castigo mais intenso. Tinha que continuar a falar. Era a sua única chance.

- DeMarco...

Ele ofegou. DeMarco deu um soco em falso e Judd atacou-o. DeMarco abaixou-se, riu e bateu com o punho no meio das pernas de Judd. Judd desabou no chão, sentindo uma agonia incrível. DeMarco imediatamente montou em cima dele, as mãos apertando-lhe a garganta.

- Com minhas mãos nuas! - gritou DeMarco. - Vou arrancar-lhe os olhos com as minhas mãos!

E arremessou os punhos gigantescos contra os olhos de Judd.

Eles estavam passando por Bedminster, seguindo para o sul, pela Rodovia 206, quando veio o chamado pelo rádio:

- Código três... Código três... Todos os carros de prontidão... Unidade 27 de Nova York... Unidade 27 de Nova York...

McGreavy segurou o microfone.

- Unidade 27 de Nova York... Pode falar!

A voz excitada do Capitão Bertelli soou pelo rádio:

- Já descobrimos tudo, Mac. Há um cano transportador em Nova Jersey, a três quilômetros de Milstone. Pertence à Five Star Corporation, a mesma proprietária do frigorífico em que foi encontrado o corpo de Moody. É uma das fachadas de que Tony DeMarco se utiliza.

- Deve ser isso mesmo - disse McGreavy. - Já estamos no caminho.

- Estão muito longe de lá?

- A uns quinze quilômetros.

- Boa Sorte.

- Obrigado.

McGreavy desligou o rádio e acionou a sirene, pisando no acelerador até o fim.

O céu estava rodopiando em círculos úmidos e algo batia nele, dilacerando-lhe o corpo. Judd tentou ver o que era, mas os olhos estavam tão inchados que não conseguiu abri-los. Um punho se abateu contra as suas costas e ele sentiu a dor angustiante de ossos que se quebravam. Podia sentir a respiração quente de DeMarco em seu rosto, rápida e excitada. Tentou vê-lo, mas estava encarcerado na escuridão. Abriu a boca e forçou

as palavras a passarem pela língua áspera e inchada:

- Está... vendo... Era o que... eu dizia... Só pode... bater... num homem... quando... ele está... caído...

A respiração em seu rosto cessou. Judd sentiu duas mãos agarrarem-no e levantarem-no.

- Já é um homem morto, Doutor. E eu o liquidarei com as minhas próprias mãos, desarmado. Judd recuou para longe da voz.

- Você é... um... animal... Um psicopata... devia ser... trancafiado... num hospício... A voz de DeMarco estava enrolada pela raiva:

- Você é um mentiroso!

- É... a verdade... - disse Judd, continuando a recuar. - Seu... seu cérebro está... doente... Sua mente... vai desmoronar... e será... como um bebê idiota...

Judd continuou a recuar, incapaz de ver onde estava indo. Por trás ele ouviu o zumbido fraco do cano transportador fechado, esperando como um gigante adormecido.

DeMarco arremessou-se novamente para Judd, agarrando-lhe a garganta.

- Eu vou-lhe quebrar o pescoço!

Os dedos enormes se fecharam sobre a traquéia de Judd, apertando-a.

Judd sentiu a cabeça começar a flutuar. Era sua última oportunidade. Todos os seus instintos lhe diziam que agarrasse as mãos de DeMarco e as afastasse para longe de sua garganta, a fim de poder respirar. Em vez disso, porém, num último esforço, ele estendeu as mãos para trás, à procura da válvula do cano transportador. Sentiu que estava começando a desmaiar e foi nesse momento que suas mãos encontraram a válvula. Com uma erupção final e desesperada de energia, ele abriu a válvula e girou o corpo, de modo que DeMarco ficasse mais próximo da abertura. Um tremendo vácuo de ar envolveu-os subitamente, procurando sugá-los para o interior do aparelho. Judd agarrou-se freneticamente à válvula, com as duas mãos, resistindo à fúria ciclônica do vento. Sentiu os dedos de DeMarco se enterrarem em sua garganta, no instante em que ele começava a ser sugado para o cano. DeMarco poderia salvar-se. Mas, em sua fúria insana, ele recusava-se a largar Judd.

Judd não podia ver-lhe o rosto, mas a voz dele era o grito irado de um animal enlouquecido, as palavras se perdendo no rugido do vento.

Os dedos de Judd começaram a escorregar da válvula. Ele ia ser sugado também para o cano, juntamente com DeMarco. Murmurou mentalmente uma última prece e nesse instante sentiu as mãos de DeMarco largarem a sua garganta. Judd ouviu um grito estridente, que ecoou por um momento.

Depois ouviu apenas o rugido do vento. DeMarco desaparecera.

Judd ficou parado ali, num cansaço mural, incapaz de mover-se, à espera do tiro de Vaccaro. Um momento depois veio a expulsão do tiro.

Judd continuou parado no mesmo lugar, sem compreender porque Vaccaro errara. Através da neblina de dor ele ouviu mais tiros e o barulho de pés correndo. Em seguida gritaram o seu nome.

E então alguém passou um braço pelo seu corpo enquanto a voz de McGreavy dizia:

- Santa Mãe de Deus! Olhem só os olhos dele!

Mãos fortes agarraram-lhe o braço e puxaram-no para longe do ruído pavoroso do cano.

Algo úmido escorria-lhe pelo rosto e Judd não sabia o que era, se sangue, chuva ou lágrimas. O que afinal não importava.

Estava tudo acabado.

Ele se esforçou por abrir um olho inchado. Pela fenda estreita e ensangüentada conseguiu divisar McGreavy.

- Anne está na casa - balbuciou Judd. - A esposa de DeMarco. Temos que tirá-la de lá. McGreavy fitava-o com uma expressão estranha, sem se mexer. Judd compreendeu que não conseguira emitir as palavras. Levantou a boca até o ouvido de McGreavy e falou lentamente, a voz débil, vacilante:

- Anne DeMarco... Ela está... na casa... Ajude...

McGreavy foi até o carro, pegou o microfone do rádio e transmitiu as instruções necessárias. Judd continuou parado ali, cambaleando, ainda sendo jogado para a frente e para trás pela recordação dos socos de DeMarco, deixando que a chuva e o vento lhe castigassem ainda mais o corpo. Viu à sua frente um corpo estendido no chão e compreendeu que se tratava de Rock Vaccaro.

"Nós vencemos", pensou ele. "Nós vencemos"! Ele continuou a repetir a frase em sua mente, sem parar. Mesmo sabendo que a frase não tinha o menor sentido. Que espécie de vitória fora aquela?

Ele sempre pensara em si mesmo com um ser humano decente e civilizado, um médico, um homem que dedicava a vida a curar os outros. Mas se transformara num animal selvagem, dominado pela ânsia de matar. Levara um homem doente à beira da insanidade e depois o assassinara. Era um fardo terrível que teria que carregar pelo resto da vida. Porque, muito embora pudesse justificar-se alegando que fora em legítima defesa, ele sabia - e que Deus o ajudasse! - que gostara de fazê-lo. E por isso jamais poderia perdoar-se. Ele não era melhor do que DeMarco ou os irmãos Vaccaro ou qualquer um dos outros. A civilização era uma camada fina e perigosamente frágil. Quando essa camada se rompia, o homem tornava-se novamente igual às bestas selvagens, resvalando de volta ao lodo dos abismos primitivos, dos quais ele se orgulhava de ter saído para sempre.

Judd estava cansado de mais para continuar a pensar nisso. Agora queria apenas certificar-se de que Anne estava em segurança. McGreavy estava parado ao seu lado, numa atitude estranhamente gentil.

- Há um carro da polícia a caminho da casa dela, Dr. Stevens. Certo? Judd assentiu,

agradecido.

McGreavy segurou-lhe o braço e levou-o até um carro. Ao avançar lenta e dolorosamente pelo pátio. Judd percebeu que parara de chover. No horizonte distante as nuvens de trovoadas haviam sido varridas pelo vento forte de dezembro e o céu começava a clarear. A oeste, um pequeno raio de luz apareceu. Era o sol, lutando por atravessar a camada de nuvens, com o seu brilho tornando-se cada vez mais intenso.

Ia ser um Natal Maravilhoso.

FIM